



COLETÂNEA DE FICÇÃO CURTA

**P O R T A**  
**P A L A V R A**

PRODUÇÃO COLETIVA DA DISCIPLINA DE ESCRITA  
CRIATIVA/LITERÁRIA NO ENSINO

# ENTRE

NÃO PRECISA BATER

TEXTO DE ACORDO COM A NOVA ORTOGRAFIA.

PUBLICAÇÃO INDEPENDENTE.

PRODUÇÃO REALIZADA DURANTE A DISCIPLINA ESCRITA CRIATIVA/LITERÁRIA NO ENSINO (TÓPICOS EM LEITURAS LITERÁRIAS I) DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (PPGL) DA UFPB (UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA) ATENDENDO AOS DESAFIOS DO PROF. DR. RILDO COSSON.

DISCENTES/AUTORAS(ES)

ANA MARIA FURTADO NÉO

CRISTIANE MARIA PERREIRA CONDE

CRISTINA ROTHIER DUARTE

JENNIFER ADRIELLE TRAJANO LIMA

JOAES CABRAL DE LIMA

JOEL GUEDES DE SOUSA

LYA OLIVEIRA DA SILVA SOUZA PARENTE

MARIA BETÂNEA PEIXOTO MONTEIRO DA ROCHA

PLÍNIO ROGENES DA FRANÇA DIAS

THIAGO GUILHERME CALIXTO

# ENTROU?

A PORTA ESTÁ ABERTA

EDIÇÃO

CAPA: THIAGO GUILHERME CALIXTO

IMAGEM DA CAPA: CANVA S/A

IMAGENS INTERNAS: CANVA S/A

DIAGRAMAÇÃO: THIAGO GUILHERME CALIXTO

REVISÃO: THIAGO GUILHERME CALIXTO

CONTATO

E-MAIL: [THIAGOGUILHERMECALIXTO@GMAIL.COM](mailto:THIAGOGUILHERMECALIXTO@GMAIL.COM)

INSTAGRAM: [@THIAGOGUILHERMC](https://www.instagram.com/@THIAGOGUILHERMC)

A REPRODUÇÃO DE QUALQUER PARTE DESTA OBRA SÓ É PERMITIDA DESDE QUE CONSIDERADOS OS DIREITOS AUTORAIS, MEDIANTE A AUTORIZAÇÃO DOS AUTORES.

© TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.

E-BOOK DEDICADO AO PROF. DR. RILDO COSSON

# S U M Á R I O

## A P O R T A A I N D A E S T Á A B E R T A

### C A P Í T U L O 1

ANEDOTA GENOCIDA II	05
SEM TÍTULO	05
POEMITO	05
ANEDOTA BRASILEIRA	05
PILHÉRIA EM DOLO MAIOR	05
ANEDOTA DO DESESPERO	06
ANEDOTA BRASILEIRA I	06
ANEDOTA BRASILEIRA II	07
RÉQUIEM EM PORTUGUÊS BRASILEIRO	07
ANEDOTA FÚNEBRE	07

### C A P Í T U L O 2

O ESSENCIAL FAZ A VIDA VALER A PENA	09
“HITCHCOCK TERIA FEITO MELHOR”, DISSE A CRÍTICA	10
QUANDO ECOOU NEGRA	13
SEM TÍTULO	15
BOA NOVA	18
SILÊNCIOS INGLÓRIOS	21
AO MEIO-DIA DESLIGARAM PORTAS	26
MAS NO MEIO DA NOITE BROTARAM JANELAS	

### C A P Í T U L O 3

SEM TÍTULO	34
LANTERNA DOS ILUMINADOS	35
TEU PLANO	36

SEM TÍTULO II	37
SEM TÍTULO III	38
AMOR BEM FORTE E DO NORTE	39
DOMINGO NO BAQUE	40
INTENSIDADE	41
CLOROQUINA	43
O MUSEU DAS SELFS	43

## CAPÍTULO 4

SEM TÍTULO I	47
ATÔNITO E APAVORADO	48
OLHAR DE MÃE	52
O CÉU NÃO SAI DE CIMA DE SODOMA	52
ENTRE ANJOS E ARCANJOS: A HISTÓRIA DE LÓ	54
JOSÉ E OS PROPÓSITOS DE DEUS	56
O SALVADOR ENTALADO	57
A FORMAÇÃO DO HOMEM (GÊNESIS 1-3)	59
VOLTA DE UM SOLDADO PARA CASA, DEPOIS DE UM CANSATIVO DIA DE TRABALHO (JÓ, 19, 31-34)	60
A TORRE DE DEUS, EM BABEL	60

## CAPÍTULO 5

UM QUIROTERAPEUTA	64
CORREDOR SOLITÁRIO DO IBIRAPUERA	66
ZULEIKHA	68
MULHER TRANS APAIXONADA	69
MOMENTO	70
PELA JANELA	72
ATREVIDA DA TURMA	74
PERSONAGEM II	76
PERSONAGEM III	78
A MÃE DE SANGUE	80

## CAPÍTULO 6

BIOGRAFIA I	87
BIOGRAFIA II	88
SIMÃO VIANA (1926 - 1988)	89

IMPRECISÕES PRECISAS	90
BIOGRAFIA III	90
SEPARAÇÃO	92
BIOGRAFIA IV	95
AMAR(ET)AL	96
BIOGRAFIA V	99
OLHOS DE SANGUE, VI NO ESPELHO	

## CAPÍTULO 7

SEM TÍTULO I	105
SUA MÃE NÃO BOTA NADA EM CASA	105
DESASSOSSEGO	106
MOSTRAR	107
CONTAR	107
FILHOS DO GUERREIRO	109
SEM TÍTULO II	109
SOLUÇÃO	110
CRIAÇÃO	112
DE ONDE VEM O MEU SOCORRO	113

## CAPÍTULO 8

RESPOSTA I	116
AO VENTO	116
STORY	117
RESPOSTA II	120
ESPUMAS QUE FICAM	120
RESPOSTA III	123
DEFEITO FOI O CASAMENTO	125
RESPOSTA IV	126
PROVA N°1 - DIRECT ENVIADO PELO RÉU UMA SEMANA ANTES DO OCORRIDO	126
EU: UMA HISTÓRIA DEPOIS DA MÚSICA	127

# CAPÍTULO 1

ABRA A PORTA



# ANEDOTAS



## **Anedota Genocida II**

Era uma vez um presidente e uma Pandemia  
Que juntos mataram mais de 3 mil pessoas por dia  
Mais de três mil pessoas por dia  
Três mil pessoas por dia  
Por dia.

por Ana Maria Furtado Néo

## **Sem título**

Era uma vez um presidente negacionista  
que desprezava a ciência.  
Quando lhe disseram que também se desprezam as aglomerações e a  
ignorância,  
Ficou muito espantado  
e achou uma barbaridade.

por Cristiane Maria Pereira Conde

## **PoeMito**

Era uma vez um presidente temperado  
que receitava a seu povo cloroquina,  
quando lhe disseram que muitos se recusavam a tomá-la,  
ficou deveras preocupado,  
de modo que prescreveu tubaína.

por Cristina Rothier

## **Anedota brasileira**

Era uma vez um cidadão de bem



que recusava a quarentena.  
Quando sua festa matou sua mãe e seu único filho,  
ficou revoltado e passou  
a reclamar da inércia das autoridades.

por Jennifer Adrielle Trajano Lima

### **Pilhéria em dolo maior**

Era uma vez um messias autoproclamado  
que tirava dos homens, o direito à vida  
Quando os sábios lhe disseram que estadistas também eram salvacionistas,  
ficou extremamente indignado  
e continuou seu extermínio.

por Joaes Cabral de Lima

### **Anedota do desespero**

Era uma vez um país que dependia do rendesivir,  
remédio que curava homens.  
Quando autorizado lhes disseram que diminuiria a progressão da doença  
em adultos e adolescentes.  
Sua aplicação intravenosa foi aplaudida pela Anvisa  
e a OMS achou uma barbaridade

por Joel Guedes de Sousa

### **Anedota brasileira I**

Era uma vez um coveiro paulista  
Que enterrava homens.

Quando lhe disseram: "Parem os outros trabalhos. A dedicação agora é abrir covas"

Ficou muito espantado

E achou uma desumanidade.

## **Anedota brasileira II**

Era uma vez um presidente [coveiro] cristão

Que zombava da morte de homens.

Quando lhe disseram que o grande mandamento divino era amar o próximo.

Ficou muito abismado

E achou um grande disparate.

por Lya Oliveira da Silva Souza Parente

## **Réquiem em português brasileiro**

No tempo em que vigorava a pandemia

Vacinou-se um homem esperançoso.

A primeira dose de CoronaVac, a segunda de Astrazeneca

Imunizado duas vezes com distinção

Chegou ligeira e mal-amanhada, morte.

por Maria Betânia Peixoto Monteiro da Rocha

## **Anedota fúnebre**

Era uma vez um coveiro bondoso

que em covas rasas empilhava os corpos moídos pela covid

Soube que o vírus começará a matar coveiro

Decepção! Logo agora que estava ganhando dinheiro

Era uma barbaridade.

por Thiago Guilherme

# CAPÍTULO 2

A PORTA ESTÁ ABERTA



**C O N T O S   D A**  
**S A L A   D E   A U L A**



## O essencial faz a vida valer a pena

por Cristiane Maria Pereira Conde

Edite planejou iniciar sua primeira aula remota com a frase de Rubem Alves. Assim como fizera durante seus vinte e sete anos de docência. Nascera para ensinar. Foi professora dos irmãos e dos pais, todos por ela alfabetizados. Orgulhosamente, confere à educação a redenção de sua linhagem.

Cresceu em Castainho, uma comunidade quilombola do agreste de Pernambuco. Uma das poucas remanescentes do Brasil. Ali, vivenciou as dores da exclusão e da miséria. Professora primária, só conseguiu o tão sonhado curso superior de Sociologia vinte anos depois de finalizar o curso de magistério. Uma bênção, esse presidente Lula! Só podia ser de Garanhuns! Socióloga, a professora Edite logo recebeu turmas de Ensino Médio na escola em que trabalhava.

A Escola Estadual Ariano Suassuna ficava na zona rural de Garanhuns, no coração do antigo quilombo. Única escola de Ensino Médio num raio de cem quilômetros, atendia a diversas comunidades. Era muito procurada, sobretudo por funcionar em tempo integral.

A pandemia obrigara a professora a enfrentar um desafio antigo. Edite jamais havia realizado sequer uma chamada de vídeo pelo computador. Comprou a briga e enfrentou mais essa dificuldade. Buscou, estudou, aprendeu.

Escolheu começar como sempre fez: acolhendo cada estudante com suas ideias, dando espaço para cada um se posicionar, praticando a empatia. Edite estava ansiosa. Abriu a sala virtual pontualmente, às 14h. Esperou cinco minutos. A expectativa de ver as faces dos alunos, de iniciar as reflexões, de oxigenar a vida começava a se frustrar. Dez minutos. Será que ninguém virá?

Entra Alísson, um dos líderes da sala, desculpando-se pelo atraso, explicando seus problemas com a conexão. Aos poucos, círculos com letras surgiram na tela do computador. A turma tinha trinta alunos matriculados. Vinte participaram da aula. O grupo já se conhecia. Convivera intensamente

durante os dois últimos anos. Mas a professora era, para eles, uma novata. Assim como eles o eram para ela. Naquele novo mundo, todos estavam diante do desconhecido.

A primeira aula fluiu. A expectativa de ver todas as faces fora realmente frustrada. Alguns estudantes, apesar de não se mostrarem, interagiram bastante durante a aula. Outros, sequer se pronunciaram. Questão de tempo, pensou Edite. Há de haver um caminho!

A cada semana, novas reflexões diante daquela tela repleta de letrinhas: Comte, Cora Coralina, Karl Marx, Drummond, Émile Durkheim, João Cabral de Melo Neto, Max Weber. Quantas vezes sendo descortinadas!

A professora, por vezes, refletia consigo sobre a solidão da tela, sobre a aridez refletida pelos círculos, sobre a ressignificação de cada ser diante da nova realidade. Passou a entender que, apesar de não olhar nos olhos de seus alunos, estava a fazer a diferença por meio da interação com suas vozes. Era uma nova relação. Estava satisfeita.

Para a última aula do semestre, escolheu o conto “Maria”, de Conceição Evaristo. Sua intenção era refletir sobre as questões descortinadas durante o curso. Castainho e todos os remanescentes de quilombos precisam renascer cotidianamente em nossas vidas, disse a professora ao iniciar a aula. Ao finalizar a leitura, todas as câmeras se abriram. As faces foram descortinadas! Cada um dos estudantes, com lágrimas nos olhos, aplaudia a professora. “Obrigado! O essencial faz a vida valer a pena”, disseram todos, em uníssono.

## **“Hitchcock teria feito melhor”, disse a crítica**

por Jennifer Adrielle Trajano Lima

Uma das coisas que Bárbara pediu na primeira aula foi que todos da turma ligassem a câmera, alegando que o ato de não fazerem isso

demonstraria narcisismo, desinteresse ou baixa autoestima, mas só uns gatos pingados apareciam e isso sempre a irritava, fazendo pingar um pouco mais de suor nas suas etiquetas caras.

Alguns anos depois após se formar, contente por conseguir rapidamente um emprego como professora universitária, coisa nada comum para a realidade professoral no Brasil, renovou o guarda-roupa - afinal, não poderia ir despojada como quando frequentava as aulas do curso de psicologia. As obrigações da quarentena, porém, decepcionaram a sua empolgação e só lhe permitiram mostrar as blusas, de modo que sequer apareciam completamente e a marca Dudalina, D&G ou Lacoste poderiam ser facilmente confundidas com as pirateadas no camelô do Shopping Terceirão.

A professora, sem muita saída, ficcionalizava sobre algumas fotos e conversas dos seus alunos: como será Ana sem os óculos de sol? Estaria eu sendo assistida na França por Alberto? (foto com a Torre Eiffel atrás). A partir disso, decidiu fazer das janelas discretas do Google Meet um zoom nos rostos imaginários e saiu enquadrando cada foto de quem não aparecia em um capítulo diferente a partir do que era mostrado: uma única imagem morta, sem muitos sinais de presença.

Como não sou dada, pelos limites da minha formação, a meter-me tão intensamente na vida de uma psicóloga, descreverei aqui três das dez pessoas que aparecem, mas desaparecem durante a aula, fazendo jus ao que pensou Bárbara, tão bárbara às terras nada vistas onde se meteu a pisar por meio do imaginário.

Fã de séries investigativas e levando em conta alguns comentários no chat, a professora começou a desenhar o perfil psicológico de cada aluno-foto. Falo daqui o que pude ler dela, mas não conclua daí que esteja sendo completamente fiel à narrativa porque a metanarrativa tem seus poréns, já que um sinônimo pode mudar os significados e, se Bárbara dava aula sobre percepção, vale dizer que a minha percepção dos fatos pode sair diferente da dela. Não é assim que se fazem as notícias? Talvez a cara leitora, por um súbito de verossimilhança, pergunte-se “não são fatos, são ficções” ou mesmo não note os pormenores descritos aqui, mas por certo entenda que todas as

percepções são fatos porque partem de uma realidade ocorrida, não interessando tanto o conteúdo.

Mas, pensando melhor (perdão pelo esperado!), quiçá seja antiético, pensando na tão admirável postura da professora, compartilhar o que me foi passado. Então, encerro a janela possível e assumo partido: não contarei o que ela achou, por respeito, mas direi o que percebi e acho, claramente não fugindo das minhas percepções.

Rafaela, por exemplo, dedicava o tempo da aula para fazer yoga. Enquanto a professora estava lá falando sobre teóricos importantes, a jovem fazia o cachorro olhando para baixo que não prestava atenção, além de um pouco da cobra. Seu gato estava quase sempre por perto do notebook, mas, apesar de fuçar a tela, nunca se deixou aparecer e assim preservava a postura da sua dona, pondo em prova o que as más línguas venenosas dizem a respeito dos felinos ao mostrar um pouco de fidelidade proposital.

Às vezes, ao descansar da postura, Rafaela ligava o microfone só para dizer “compreendi sim”, “estamos vendo/ouvindo bem, professora” e, dessa maneira, dar a entender participar sentada na cadeira, mas sem a posição de cadeira. A foto de Rafaela era uma em que se via o pôr do sol atrás escurecendo a pose de gratidão. Burguesa nada pessimista, acha que o período de isolamento social é necessário à aprendizagem e à evolução humana. No condomínio fechado onde vive, as pessoas conseguem ficar em suas casas. Inclusive, solicitaram às empregadas que passassem um tempo juntos nesse período tão delicado. Com Rafa não foi diferente, como poderia viver sem a sua bá? Exatamente às 15h45, hora do intervalo na aula de Bárbara, Bá aparecia para deixar o lanche da tarde, respeitando a dieta.

Disse antes que daria três descrições, mas essas vidas não são tão interessantes e eu, ora, não sou obrigada; por isso, me restringirei a mais uma foto, a de Tamires. Ela estava sempre sem saco para as aulas e deixava o Whatsapp Web aberto para conversar sobre qualquer assunto. Todas as vezes, avisava no chat estar na 4G e com internet ruim, portanto não ligara a câmera. Tudo truque, mas Bárbara, pensando ser melhor um salário de professora universitária dando aula de casa a ter de ouvir a vida alheia em consultórios,

respirava e não tinha outra alternativa se não crer no que diziam. Sempre que mandavam um áudio, Tamires saía da sala para ouvir alguns dos babados, isso sem a interferência sonora da professora e de alguns colegas que sempre esqueciam de desligar o microfone. Depois, voltava dizendo que a net estava instável e até quando realmente havia a instabilidade ela conseguia piorar a situação, caindo de propósito mais vezes. Nunca a apanharam. Aplicada, porém, sempre assistiu às aulas e entregava no prazo as atividades do Sigaa, tendo nota máxima ao final da disciplina.

No último encontro, com pena e pensando no que disse a professora sobre o desinteresse, narcisismo e autoestima baixa, a turma se comoveu no grupo do Whatsapp e decidiu, após muita discussão, abrir todas as câmeras, mas só nos cinco minutos finais da aula. Alguns até duvidaram se a net de Tamires permitiria e Rafaela, por sua vez, esperou para fazer cadeira na yoga. O que se pôde perceber de Bárbara? Surpresa! Mas não direi qual ângulo perceptivo.

## **Quando ecoou Negra**

por Joel Guedes de Sousa

Até o ano passado, após ser deixada pelo meu marido, morava com meus 5 filhos em uma viela na periferia de Taboão da Serra em São Paulo. Trabalhava em casa de família, mas devido a pandemia da COVID-19 acabei perdendo o emprego e tive que ficar em casa. Passei a receber o auxílio do Governo Federal, só que não dava para suprir com a alimentação dos meus filhos. Os dois mais pequenos tomavam leite e o dinheiro, pouco dava para pagar o aluguel. As vizinhas ajudavam aqui e ali, contudo às vezes não tinha um ovo sequer na geladeira azul, herança de mamãe. Com ferrugem até o teto só colocava água para gelar.

O meu filho do meio o Gabriel, não parava em casa, saía pela manhã, pedia a benção e ao abençoar, rogava a Deus que cuidasse do meu filho e o



avisava para não esquecer de colocar a máscara, pois essa doença não brinca, o jornal já dizia que ela já matou milhares de pessoas. Sei bem o que é a perda de uma familiar devido a essa maldita, minha mãe Maria da Piedade, faleceu nos primeiros dias de Pandemia. Saiu e não voltou, sofri muito. Nem um dos netos foi ao enterro, apenas eu e meus irmãos mais próximos fomos ao cemitério. O caixão fechado e aqueles homens a colocaram em uma cova rasa, pouco era o tempo, pois já havia várias pessoas na fila para serem enterradas. Saímos de lá e ao chegar em casa descobro que minha patroa havia me dispensado, através de uma mensagem no Whatsapp, "Valéria não precisa mais vir trabalhar, irei depositar seu pagamento, fique em casa!"

Mas como ficar em casa sem ter como pagar as dívidas e ainda ter que alimentar os meus filhos? O Gabriel sempre foi esperto, queria ajudar e via meu sofrimento, por isso, saía para tentar vender HALLS no sinal, só que como as ruas estavam desérticas e o trânsito pequeno, suas vendas eram pouquíssimas. Chegava com o chinelo na mão, várias vezes tive que colocar um prego, esquentava a ponta no fogo e colocava na correia. Minha filha encostada a ele tinha autismo, descobri em uma consulta ao médico, após vários anos sem compreender qual era o problema, os professores passavam atividades que ficavam sempre em branco, ela falava pouco. Géssica tentava ajudar Isabel em tudo que podia, mas não tinha jeito.

Géssica é a minha filha mais velha um amor de menina, estudiosa, educada e muito atenciosa. Havia feito umas economias e comprou um celular para acompanhar as aulas pela internet, já estava no ensino médio. Muito apegada aos livros, teve dificuldade no início, mas em meados do ano já estava conseguindo acessar com facilidade. Gostava de ouvir a aula da professora Bárbara Lopes da disciplina de sociologia da Escola Estadual Domingos Mignoni, muito tímida escutava apenas o áudio pelo celular, não gostava de abrir a câmera quando a professora pedia, pois nossa casa se encontrava com vários buracos na parede e estava escura e mofada, sem falar dos nossos móveis que eram escorados com tijolos.

Um dia, um simples gesto da minha filha, mas significativo, emocionou a professora, que sempre reclamava da participação dos alunos no debate. Era dia 3 de setembro e minha filha fez uma surpresa para a professora que debatia com a turma o tema identidade étnico racial. Abriu a câmera e assistindo a aula eu ouvi de longe o eco no celular Negra, Negra, Negra, Negra, Negra, Neegra, Negra, Negra, Negra, Negra, Negra, Negra, Negra, Negra, Negra, Negra. Não sabia o que era, mas aquilo me fez lembrar que na casa das minhas ex-patroas sempre me chamavam de Negra. O choro da professora também foi o meu choro.

## **Sem título**

por Lya Oliveira da Silva Souza Parente e Ana Maria Furtado Néo

Nascera Bárbara em homenagem à Santa. Tinha pose de majestade e uma família desprovida de bens. O jeito era apelar para os céus. Iansã era sua orixá de cabeça, batia o pé no chão e apontava o caminho. Para ela não tinha outra saída, a orientação era clara, deveria estudar. Encontrou na escola pública o seu segundo lar e a estrutura que faltava onde residia. Aprendeu a ler com dificuldade. Vencida a primeira batalha, passou a devorar livros. Teve inúmeros anjos da guarda, alguns deles professores. Passou a desejar essa profissão. No período de preparação para o vestibular, após as aulas e as atividades de casa, esperava o bairro silenciar para resolver seus exercícios. Pedia livros emprestados, suplicava ajuda aos colegas mais interessados, assistia a alguns vídeos, quando conseguia créditos para o celular, e, vez por outra, ganhava material dos filhos da patroa de sua mãe.

Fez sua inscrição pelo sistema de cotas e passou de primeira no vestibular. Era a única da família que conseguira entrar em uma universidade pública. No terreiro foi um dia de festa, Oyá cumprira a promessa e apontava

novos caminhos. A esperança brotava nas mãos calejadas da mãe, única provedora de seu sustento. O curso de graduação em Sociologia foi puxado; xerox, empréstimos de livros, fome, aulas, avaliações, preconceito, apresentações, ônibus lotado, assédio, privações. Depois, as pedras começaram a sair do caminho, conseguiu uma monitoria, envolveu-se com as pesquisas étnicas, passou a entender a exclusão, o discurso indecente de raça. Compreendeu sua lida, orgulhou-se de seus cabelos e das lutas de seus antepassados. Iria sim, como a poeta, levantar bandeiras ainda pesadas para mulheres. Gritava-se negra.

Após 4 anos e meio de batalha, formou-se. No mesmo período, prestou concurso para professora da Educação Básica. Passou. Foi outro dia festejado, mãe e filha sabiam das suas obrigações para com os encantados. Cumpriram. Como agradecimento, foram advertidas por Oxóssi, deus da caça e das matas, sobre o início de uma nova era, de perdas e dores, em que a humanidade precisará repensar a relação com o cosmo. Enquanto esperava sua convocação, trabalhou como professora substituta na rede estadual. O salário sempre atrasava e os boletos não cessavam de chegar.

Somente depois de um ano, foi chamada. Bárbara fez todos os exames, entregou documentação e ficou lotada próximo à sua casa. Visitou a escola que lecionaria com entusiasmo; conheceu os professores, os funcionários e a gestão. Recebeu as orientações da coordenação e o material didático necessário. A preparação para o primeiro dia foi longa; técnica de apresentação, escolha do texto introdutório, blusa branca, calça jeans, batom vermelho, canetas, estilo do penteado, pincéis e apagador. A data de sua primeira aula como professora efetiva já estava definida. Seria dia 17 de março. Nesse mesmo dia, o Ministério da Saúde anunciou a primeira morte por covid-19 no Brasil. E de repente sua vida mudou. "Aulas online", ela repetia. Após ler com dificuldade o e-mail informativo de seu celular ultrapassado. Como faria isso? Não estava preparada. Entrou em desespero compartilhado pelos docentes da escola. Precisava, no mínimo, de um computador com Webcam e uma internet com velocidade maior do que o seu 3G. Para isso, teve que contratar seu primeiro consignado.

De posse do computador, teve que aprender os novos recursos e como utilizar as ferramentas para suas aulas. As dúvidas eram inúmeras. Não sabia se usava google meet ou zoom. E-mail ou grupo de WhatsApp. PowerPoint ou Word. Não imaginava os desafios que iria enfrentar. Contudo, preparou-se paradoxalmente com ansiedade e esperança.

A primeira aula foi frustrante. Em frente à tela, apenas Bárbara ligou a câmera. Passou a aula conversando com super-heróis, personagens de série, jogadores de futebol, modelos e atrizes famosas, até o presidente da república em pose de arminha estava lá, o que embrulhava o estômago, “ele não”, pensava ela. Apesar da tentativa não houve uma apresentação, apenas alguns alunos disseram os nomes. E na mente da professora ecoavam indagações como: quem seriam aqueles alunos? O que eles pensavam? Como seriam os sons das suas vozes? O que gostavam? Nada fora revelado. Com o passar dos dias, os encontros se tornaram mais massacrantes. Ela sabia que também não estava sendo fácil para seus alunos, pois toda semana a escola lançava uma nota de pesar. Ela também estava ansiosa e, muitas vezes, não sabia como agir.

Diante de tantas incertezas, a jovem docente clamou aos orixás por iluminação. Consultou os búzios. Revelaram que a centelha de esperança viria de sua ancestralidade. Decidiu partir de suas experiências de onde viera e para onde queria ir. Para isso, revisitou todos os filmes, séries, poemas, músicas, livros favoritos e voltou a escrever. Aquelas lembranças aqueceram aquele triste coração. Com as leituras dos novos textos, a audição de vídeos e as indicações de filmes, a participação dos alunos começou a melhorar timidamente. Aos poucos, Bárbara foi retomando o ânimo e todo dia pedia para eles ligassem as câmeras. Sem resultado.

Na aula do dia 03 de setembro, quando já estava completamente sem esperanças de conhecer os rostos daqueles alunos, a professora compartilhou o vídeo da declamação do poema Gritaram-me negra, de uma escritora afro peruana, um dos textos que mais gostava. Durante a passagem do vídeo, ela lembrou de tudo que viveu até ali. Uma gota escorreu discretamente do seu olho esquerdo. Em seguida, um aluno pediu a palavra e iluminou passagens

do texto. Um acirrado debate começou na sala virtual. Ela vibrava, enfim estava tendo progresso. Perto do final da aula, os alunos pediram que a professora parasse de falar um pouco. Uma delas contou até três, então todos abriram as câmeras simultaneamente e a professora pode enfim vê-los. Entre lágrimas e risos, Bárbara tentava articular sua fala final para arrematar as discussões, mas não conseguiu. Vendo o embaraço da professora, uma aluna tomou as palavras e gritou os versos finais do poema: **NEGRA SOU, PROFESSORA!**

## **Boa nova**

por Maria Betânia Peixoto Monteiro da Rocha e Cristina Rothier Duarte

Dia e noite eram reconhecidos pela luz – ou por sua ausência – atestados pelas brechas entre as telhas. Em tom laranja enfraquecido, a que entrava denunciava as poucas horas da manhã. Em dias comuns, eram os braços dos irmãos jogados por sobre o seu corpo, ou o encontro casual com os pontapés de seu pai e de sua mãe que determinava o fim do sono. Naquele, havia sido um acelerar no peito, um suor nas palmas das mãos.

Cansado de esperar a luz branca e quente, ergueu-se com cuidado, desenlaçando-se dos outros corpos dispostos nos colchões. Foi para a cozinha, retirou o tamborete debaixo da mesa e sentou-se escorando as costas na parede. Recordou-se das aulas quando ainda eram dadas e recebidas com presença física. Ouviu na memória as solicitações enfáticas da professora para que não fossem arrastadas as carteiras, e o tilintar grave de copos e pratos de plástico que bem serviam o lanche. Construiu o cardápio na cabeça enquanto olhava para o açucareiro vazio e para o saco de café, já no finzinho, lacrado com pregador de roupa.

“Segundas feiras: leite batido com cor e essência de chocolate, e, no prato, bolachas de água e sal. Terças e quintas feiras: salada de fruta e sermão.

Quartas e sextas feiras: macarrão com molho de tomate e sardinha e suco doce de maracujá azedo”.

Largou as comidas de lado e lembrou da professora. Ela, que pedia para não arrastar as carteiras, agora lamentava por não conseguir olhar nos olhos de seus alunos, por ter a impressão de dar aula para bolinhas coloridas com letras centralizadas, espalhadas na tela de seu computador. Também lamentava por não ser cortada por piadinhas afiadas, por não ser questionada e por não ouvir o coro, mais desaforado que bem-educado, dizendo: “bom dia, querida professora”.

Constatou o calor esquentando as paredes, largou os pensamentos na cozinha e foi verificar se o pai havia acordado. Sim, e já estava com o celular nas mãos. Pensou em como lhe dizer que seus amigos haviam combinado de abrir as câmeras, por volta das oito horas da manhã, durante a aula da professora da qual sentia tanta falta e estava completando mais um ano de vida.

Planejou várias formas de iniciar uma conversa com o pai. Preferiu aguardar a mãe sair do quarto e a ela fazer o pedido: “fala para o pai deixar eu assistir aula hoje pela manhã”. A mãe, que costumava transmitir recados ao pai (e decifrar as respostas vindas com força e desalinho), negou-se. Ela fez o menino saber que aquele era um dia de muita expectativa na casa, que o pai agora iria tomar um banho, finalmente fazer a barba, tragar um cafezinho amargo, “para abrir os olhos e fechar o estômago”, e aguardar a ligação da Dona Odete de Macêdo, proprietária da quitanda “Bom de preço”. Dona Odete não se encontrava muito bem de saúde, estava sem forças e lhe faltava fôlego para cuidar dos negócios. O pai, se tudo desse certo, ficaria responsável pelo recebimento das mercadorias, arrumação dos produtos nas prateleiras, limpeza do chão e venda dos variados artigos que dispunha a quitanda.

O menino, dando passagem ao pai, que saía apressado, e verificando se os irmãos continuavam dormindo, falou baixo e com embargo: “hoje é o aniversário da professora. Meus amigos combinaram de, por volta das oito horas, abrirem as câmeras. Vai ser logo que Nito disser “uma, duas, três, meia

e já". Aí abrimos bem rapidinho, só para ela ver a gente, e fecha. Não vai comer muitos créditos, prometo". A mãe, olhando mais para o movimento do pai que ouvindo a súplica do menino, disse um breve e definitivo "não". E, se a mãe, a dona "sim", do "venha cá, não chore", havia dito "não", era um "não" sem possibilidade de ser um "talvez, pode ser ..."

Não havia mais argumentos. Se ao menos fosse terça ou sexta-feira, poderia justificar que era o seu dia de ficar com o celular para assistir aula, mas nem isso. Entrou num estado de silêncio tão severo que nem o cheiro de café lhe sugeriu um "eu quero". Voltou para o quarto, deitou-se no canto sem perturbar o sono dos irmãos e por lá ficou até que as paredes da casa esfriaram.

Não notou que foram de seu incômodo, para além da porta de tecido, os muitos sons projetados. Um "ela não liga", um "tenha calma, diacho, Dona Odete é mulher de palavra", um "já é bem meio-dia e essa mulher não dá notícia", outro "mãe, não vai ter almoço, não?", ainda outro "chega, é Dona Odete", e por último o "como pode, meu Deus? Uma mulher tão boa! Essa doença é traiçoeira, e agora, José, o que a gente vai fazer?"

Em casa muito habitada, pouca palavra basta.

No outro dia, numa sexta-feira de sacolas vazias, gente nenhuma se pôs de pé à entrada da luz branca. O menino, no entanto, imbricado numa rotina que lhe dizia "agora é sua vez de assistir à aula", procurou e encontrou o celular com um fiozinho de bateria. Entrou no WhatsApp e viu um link legendado com a mensagem: "Ana, a gente está numa notícia da internet!".

O menino sabia que a mensagem não era para ele, nem para os seus irmãos, nem para o pai, também não para a sua mãe, que se chamava Altamira. A imagem de uma carinha amarela e feliz falava pouco sobre o perfil do destinatário. Maior que ele foi a curiosidade. Tocou no texto azul sublinhado e viu o print da tela do computador da homenageada, antecedido pelo título em caixa alta e negrito: "Alunos fazem surpresa a professora aniversariante e abrem as câmeras simultaneamente durante aula".

Percorreu as primeiras frases do texto e abandonou-o logo depois que leu o trecho em que a professora dizia ter ficado muito emocionada com o

gesto das crianças. Entre as aspas, ela disse: “foi a primeira vez, durante a quarentena, que pude ver os rostos de todos os meus alunos”.

Preferiu não mais assistir à aula. Tocou na parede com as duas mãos para ter certeza de que tinha um corpo e estava vivo.

## **Silêncios Inglórios**

por Plínio Rógenes de França Dias

É o primeiro ano da Alice como professora e, como diz a Carolina, uma colega, “professor novato a gente conhece pelo cheiro”. Na verdade a gente fareja mesmo! Mas cada aluno ou aluna tem um jeito diferente de receber uma mestra nova. Se a gente vai com a cara dela, chega logo fazendo amizade, batendo papo. Mas se a identificação falha, coitada. Mas essa não é a minha história. Pra falar a verdade essa nem é a história da Alice. Mas eu vou deixar ela contar, porque não vou saber passar metade dos rolos que se embrulharam.

Então, o que é que eu posso dizer sobre todo esse turbilhão que aconteceu? Na verdade, como é que pode um fato tão simples ser tão carregado de sentimentos e reflexões? O que eu sei agora é que existe uma força que motivou as atitudes dos jovens aqui, e cada um, cada uma, parecia que sabia claramente o que tinha que fazer. Eu nunca vi uma coisa tão espontânea parecer tão combinada. Ou será que foi um fato combinado para ser espontâneo?

Veja só, minha matéria é muito aplicada e carregada de linguagem científica. Tem horas que os exercícios são tão específicos e cheios de detalhes, que vinte, trinta ou quarenta minutos passam rapidinho e ainda não terminei uma questão. Pode até ser que essa dificuldade seja por eu ser novata na profissão, mas também encaro isso pelo fato de que eu sou apaixonada por essa área do conhecimento.



Mas com essa pandemia e a obrigação do isolamento eu fiquei sem chão. Tem tanta situação que me pego dizendo “pessoal, se a gente pudesse ver isso no laboratório...”

É, a Alice ficou conhecida como “Ai a gente num laboratório...” kkkk

Mas continuando, dar aulas sobre um assunto às vezes tão difícil através de telas e encontros virtuais foi um tormento. Claro que eu poderia passar uns vídeos, lançar umas propostas mais interativas, porque posso trabalhar com elementos do cotidiano...

Tá, eu sei que você quer saber o que aconteceu hoje pra passar a notícia objetivamente. Mas, assim, o mais importante não se deu hoje.

Acontece que, desde o começo do ano, salvo raras exceções, todo mundo foi ficando com câmera e microfone desligado, e eu me vi aula a aula, dia a dia, fazendo monólogos, sem interlocutores.

É, a galera silenciou mesmo!

E eu não sabia mais o que fazer. Comecei pedindo gentilmente, argumentando que estava sendo difícil ficar nessa posição de nenhuma interação, que aquilo era angustiante. Um menino disse para eu me colocar no lugar deles, e ninguém parecia se colocar no meu lugar. É horrível não saber se alguém está te ouvindo enquanto você fala, ou se está fazendo qualquer coisa, sei lá, comendo, dormindo...

Uma amiga minha me contou que uma amiga dela recebeu o namorado pra assistirem aula juntos...

E assim fui ficando também um pouco depressiva. No começo, fazia de tudo pra não parecer assim, tentando levar numa boa, mas aos poucos ia soltando o que me incomodava e já não tava nem aí. Comecei a ficar irônica, agressiva. Uma vez, falei “gente, essa substância aqui está presente no leite materno e eu vou tirar um pouquinho do meu aqui pra vocês verem...” Nem grávida eu estava nem nunca tive filhos, e claro que eu não ia expor meus seios, mas queria ver se alguém reagia, nem que fosse no chat do programa. Mas nada. Mas no final da aula, a coordenação me ligou e me pediu explicações, porque um pai de uma aluna ligou dizendo que uma professora estava

sensualizando no meio de uma aula. Bem, agora eu sabia que, apesar de não ter interação, eu tinha interlocução e ela não era apenas composta de jovens.

Assim, continuei meus monólogos, tentando controlar minha solidão epistemológica.

Ela sempre foi assim, de falar bonito.

Naquela de me aprofundar sozinha no conhecimento, quando, entre uma questão e outra de um exercício, notei que uma menina estava saindo e entrando muito. O aplicativo avisava o tempo todo que ela havia saído e, pouco tempo depois, que tinha entrado. Tava ficando estranho mesmo, porque alguém colocou no chat “Melissa, tá bem?” Eu meio que precisei fingir que não tava vendo, mas fiquei com a pulga atrás da orelha. Disse “gente, se vocês abrissem as câmeras de vez em quando, a gente poderia saber melhor como cada um está”. Foi aí que uma menina ligou o microfone e disse “professora, pra quê você quer saber tanto como a gente está? Se a gente não tivesse bem, nem estaria aqui assistindo sua aula.”

Foi aí que eu peguei ar. E comecei a aumentar a voz. Quando eu vi, estava gritando. Só me lembro de ter dito “claro que quero saber como vocês estão. Eu não sei nada de vocês. Vocês não sabem nada de mim. E não existe transmissão de conhecimento quando duas pessoas não se conhecem e não dialogam.” Na verdade, eu devo ter dito com palavras mais pesadas, porque senti alguns escrevendo umas coisas no chat, algumas pareciam me apoiar, outras pareciam querer debater comigo, mas aí me dei ao direito de ignorar o escrito. Só me interessava ali quem eu pudesse conhecer com os olhos. E estourei:

- Que grandes covardes vocês são, hein? Que grandes covardes! Devem falar um monte de besteira nos grupos de whatsapp, onde se sentem bem e não aprendem nada! NADA! Só repassam, e copiam, e colam, e reclamam, e se ressentem, e deixam pra viver quando a pandemia passar! Mas a verdade é que a pandemia vai passar e vocês vão continuar na mesma covardia, cópias e ressentimentos, nunca aprendendo de verdade. Por que quem quer aprender alguma coisa com a vida enfrenta os seus medos...

No estouro, já sentia que estava exagerando e começava a me arrepender. Até fiz algum instante de silêncio. Mas esse silêncio foi o que aquela aluna que me provocou precisava também. Ligou a câmera.

Tomei um susto. Sua expressão era abatida, os cabelos mal penteados, na verdade bagunçados em meio ao esforço por arrumá-los. A boca cerrada. A pele oleosa. A inexpressividade e apatia do rosto não deixavam de fazer perceber o apelo que seus olhos, fundos, roxos e um pouco inchados, promoviam com aquele silêncio. Ela me olhou profundamente e eu fiquei sem saber o que fazer por alguns instantes. Quando tentei falar “Melissa, o que aconteceu?” ela desligou a câmera e ninguém conseguiu dizer ou escrever mais nada. Então ela saiu da sala virtual.

Foi assustador.

Alguns dias iam se passar até que eu voltasse a ter aula na turma. Era preciso resolver aquilo. Falei com o meu coordenador sobre tudo isso. Ele pareceu meio cético e indeciso sobre o que fazer, mas me advertiu para que eu não grite com os alunos ou os intimide. Aí, acabei estourando com ele também. Sempre fui estourada mesmo. Acho que um dia ainda vou perder meu emprego por conta disso.

- O que você supõe que pode ter acontecido? Certamente a garota cansou dos seus pedidos para abrir a câmera e demonstrou que estava assistindo aula, mesmo que sem a menor preparação para se expor. Porque ela está em casa e quer preservar a intimidade. Você sabe quem são os pais dela?

- Não quero saber quem são os pais dela. Quero saber melhor o que está se passando com ela. Me passe o contato que eu mesma ligo.

- Não sou autorizado a dar o telefone de nenhum pai ou de nenhum aluno. Mas prometo que vou fazer um contato e te dou alguma notícia amanhã.

Aquele “compromisso” me chocou e, como eu podia esperar, ele me disse no dia seguinte que tinha falado com o pai da Melissa e que ela estava bem. E que aquela expressão que ela tinha demonstrado se devia a noites mal dormidas, porque ela estava mudando de rotina, trocando a noite pelo dia.

Tive que esperar a aula seguinte para ver o que aconteceria. Esperava conseguir que a Melissa abrisse de novo a câmera se eu interrompesse a aula um instante para pedir pelo menos o contato dela.

Mas ela não entrou para a sala virtual. E aquela ausência não foi sentida só por mim. Um estranho silêncio novo estava rolando, e nem o chat tinha qualquer manifestação. Eu fiquei na atenção constante pra ver se Melissa entraria na sala. Atenção foi virando tensão. E eu já não consegui esconder meu nervosismo. Quando tentava resolver um cálculo estequiométrico básico, mas tropeçava o tempo todo na resolução, porque ficava olhando constantemente pra tela, gaguejando demais, cometi um erro tão feio que um garoto abriu o microfone e disse: “professora, acho que a senhora errou”. Só consegui desabar. Chorei. Queria interromper a transmissão. E depois de alguns instantes, ouvi alguém chamando.

Era eu.

Tinha aberto a câmera. E fazia uma expressão facial firme e, ao mesmo tempo, suave, como quem me entendia. E fez um gesto que eu nunca mais vou esquecer: cobriu silenciosamente um olho com a mão espalmada.

Aos poucos, cada aluno e aluna foi abrindo a câmera, deixando aberta, e repetindo esse gesto, de um jeito que senti uma força impressionante naquele momento. Sei lá. Parecia uma revolução. E foi tão poderosa que um carinha, o único que não abriu a câmera, saiu da sala.

Era o namorado da Melissa.

E eu tô sabendo disso agora!

Pois é. A gente já vinha tentando combinar alguma coisa pra valorizar esse esforço da Alice, mas ainda não sabia como. E quando a Melissa se mostrou, a gente sentiu que era hora de fazer realmente alguma coisa. Mas não sabia bem o quê. Enquanto isso, quando a gente perguntava pro Douglas, o namorado da Melissa, o que é que tava rolando, ele também desconversava, às vezes ficava frio, às vezes ficava ignorante. Eu não tenho mais dúvidas de que ela tá sendo vítima de violência.

E se agora a gente tá podendo passar isso tudo pra virar notícia, quem sabe vocês do jornal consigam investigar melhor pra poder ter uma denúncia. Já vai sair no jornal de amanhã?

...

### **“Todo mundo ligou a câmera e me surpreendeu”**

**Um ato simples, mas significativo, emocionou a professora Alice Domingos, que dá aula de química a turmas do Ensino Médio numa escola particular, no município de João Pessoa (PB).**

“Estou sempre pedindo para que eles abram as câmeras, participem dos exercícios e experiências, mas nem sempre consigo, é raro alguém ligar”.

No dia 12 de setembro, o ato aconteceu como surpresa. A professora interrompeu o assunto para debater violência doméstica e quando esperava que fossem reclamar por ela estar deixando o conteúdo de lado, toda a turma abriu as câmeras.

“Eu me emocionei e chorei porque queria sentir como eles percebiam esse problema, porque professor não é só pra dar conteúdo. Tem que estimular a pensar. Foi quando uma aluna abriu a câmera e fez um gesto amistoso. Aos poucos todo mundo seguiu o exemplo. De repente, todos estavam participando da aula”.

**Link:** *Jornal Tempo da Verdade* <https://www.tempodaverdade.com.br/2020/09/22/professores-vivenciam-solidão-na-pandemia>

## **Ao meio-dia desligaram portas mas no meio da noite brotaram janelas**

por Thiago Guilherme

Isso de novo! Me recuso a comer essa coisa outra vez, reclama Otto. Não aguento mais esse lugar, uma semana inteirinha comendo a mesma coisa, me tira daqui Sofia! Tive uma ideia, exclama a menina, que tal fugirmos por aquele buraco? Pergunta apontando para o sistema de evacuação de resíduos sólidos, e em tom sarcástico continua, certamente estrelaríamos uma manchete maravilhosa na manhã seguinte, pensei até no título: Criminosos juvenis tentam fugir de CPIJ mas ficam entalados em buraco. Otto ri, enquanto ironicamente mira a menina e com um leve sorriso diz: você ficaria entalada mesmo Sofia, não tenho dúvida disso. A garota rapidamente

responde com um tapa de mão bem aberta, fazendo com que o rosto do menino pulse de dor e vergonha. Essa foi pra você aprender a não brincar mais comigo, seu idiota. Aí, sua..., antes mesmo de começar o menino é interrompido pela garota, que diz: continua que eu te bato de novo. No fundo do refeitório os guardas perguntam o que está acontecendo, Pedrinho logo se levanta e diz que tudo está bem, recebe de longe um 'assim espero' dos guardas. Não faz isso, Sofia, você sabe que essa semana tá complicado, principalmente aqui dentro do refeitório, diz Pedrinho e Otto interrompe furiosamente: Em lugar nenhum! Não precisava fazer isso, não mesmo! A garota então retruca: Você tem passado dos limites e não é de hoje, e toma isso, estende a mão para o garoto, entrega uma maçã, com pequenos sinais de putrefação, mas ainda sim seria melhor do que repetir aquela comida, que minguava cada dia mais. Come, menino, morde, exclama Sofia. E isso não é um pedido de desculpas disfarçado, só pra ficar claro. Sei que não, porque você não é de pedir desculpas. Então a menina se ergue levemente, une as mãos em um gesto quase de oração e diz em tom de mantra: Sofia nunca está errada, Sofia nunca está errada. Repita comigo seu pequeno delinquente, diz dando um leve tapa na cabeça do Otto. O garoto ri e agradece, enquanto morde discretamente a maçã. Vamo gente, chama Pedrinho, depois do segundo sinal ter tocado, os guardas vão nos expulsar, vamo logo, que hoje temos aula de ficção científica com a professora mais querida desse inferno, e caminhando se despendem entre risos. Otto se dirige a cela 7, Sofia para a 12 e Pedrinho a 3. Olá, Professora Marta, dizem em coro os alunos. Queridos, hoje como todos sabem, iniciaremos a comemoração do 35º aniversário da nossa fundação e essa data tão importante só foi possível graças a bravura e a fé dos nossos líderes fundadores e a cooperação do nosso povo. Juntos, foram os grandes responsáveis pela mudança que ocorreu nesse país, que outrora estava afundado em um lamaçal de crimes, corrupção e pecado. E hoje, nossa nação renovada tornou-se um exemplo de ética, respeito às leis e as tradições para o mundo. Vocês são felizardos, meus pequenos, são muito abençoados, porque antes não existia um lugar como esse, e os delinquentes mirins, como vocês, eram todos jogados em celas minúscula, passando por privações que vocês nem imaginam. E ainda tinham a audácia de chamar aquilo de ressocialização. Dá pra acreditar? Agradeçam muito por poder ter uma cela individual, por cada refeição que vocês fazem, pelo acesso à educação e agradeçam, acima de tudo, pela misericórdia, porque se não fosse ela, vocês não estariam aqui. Aproveitem a solidão de suas celas para refletir sobre o que fizeram. E nunca esqueçam uma coisa: A professora Marta ora por vocês todos os dias, peço o perdão

divino, mesmo sabendo que cometeram os mais terríveis crimes. Desculpem tantas adjetivações, sei que vocês não são apenas assassinos, ladrões, traficantes, molestadores e subversivos. Mas, todos nós somos conhecidos pelo que praticamos e quando alguém comete um crime não pode ser chamado de outra coisa senão de criminoso. Concordam, crianças? Sim, professora Marta, respondem todos. Eu sei que no fundo vocês não são os únicos culpados pelo crime que cometeram, a culpa é também dos pais de vocês, que não souberam educar como deveriam. Aumentando o tom, a professora mira o lado esquerdo da sala e questiona repentinamente: A-24, por que não ligou a janela? Não estou te vendo, querida. Surpresa a garota abre o microfone. Desculpa professora Marta, eu não estava me sentindo muito bem hoje, pensei que talvez pudesse só ouvir o que você estava falando e anotar. Menina, estou cansada de dizer que ligar essa janela não é uma opção. Quero todas as janelas ligadas na minha aula, não falo com paredes, e abram os microfones agora, todos vocês... seus... Olhe bem, se seguirem o exemplo dela é isso que vai acontecer com vocês. Abrindo sua gaveta, retira um objeto semelhante à tradicional palmatória dos antigos e se dirige em direção ao fundo da cela A-24. A sala é situada no centro de todas as celas do bloco, sendo cercada pela parte traseira de todas elas, o espaço que separava seu perímetro de segurança da pequena abertura da cela da menina parecia ser enorme mas os poucos segundos que duraram para a professora Marta alcançar seu alvo foram suficientes para que a garota expelisse involuntariamente todo o líquido guardado em sua bexiga, que escorrendo por entre suas pernas toca o chão umedecido da A-24. Todos já sabendo o que estava para acontecer, espremem os dedos sob as mesas, tentam não olhar, não falar, suprimem até o irrelevante som da respiração, o silêncio absoluto só é cortado pelo suspiro aflito da menina e o barulho estridente do salto da professora Marta riscando o chão do lugar. A garota pede por clemência e diz que já compreendeu, que aquilo não irá acontecer novamente. Vai ficar ligada, sempre ligada, não importa o que aconteça, professora Marta, diz rogando por salvação. Mesmo assim, a professora prossegue, sabia que aquelas suplicas não mudariam em nada o fato da garota ter quebrado a regra básica das suas aulas e como para toda transgressão haveria uma punição, ela não poderia se eximir de seu dever patriótico de penalizar os errados, então exultante abre a fechadura e pede para que a menina estenda o braço, abra a mão e estique os dedos, então levantando-se de onde estava, a menina se ajoelha ao lado da espessa parede que a separa da professora e estende o esguio braço até o outro lado. Logo a professora Marta é tomada por um impulso descomunal de fúria e bate uma, duas,

três, quadro, cinco, seis, sete vezes... enquanto a menina abafa o choro dentro da cela, elevando a mão até a boca. A dor já havia afogado suas súplicas, as lágrimas agora banhavam as paredes e sob o frio do concreto suas veias pulsavam em agonia. Amém!, diz a professora ao terminar, aquilo era, também, uma oração, pediu que a menina se recolhesse e a dispensou do resto da aula, sua atividade do dia era escrever 335 vezes que “A janela deve ficar sempre ligada”, com letra caprichada. Ali permaneceu, ainda próxima a parede, deitou-se no chão molhado enquanto a mão salva acalenta a mão condenada. Levantando o objeto, a professora Marta diz: isso é para vocês todos saberem que para toda regra quebrada, existirá uma punição, assim nos ensinaram os nossos líderes fundadores e é assim que deve ser. Isso aqui não é mais o Brasil, grita de forma ensurdecadora. Somos cidadãos da nova terra, e aqui a lei é cumprida, doendo ou não, será sempre cumprida. Espero que mais ninguém me faça repetir isso. Agora voltando, onde estava mesmo? Sim, lembrei, diz ao olhar as anotações feitas em um pequeno caderninho verde. Mesmo vocês sendo quem são, foram agraciados com este lugar, que se tornou um dos grandes símbolos da nossa revolução, o Centro de Punição Infanto-juvenil Delegado Antônio Vilela está na vanguarda dos CPIJs, inaugurado anos antes da eclosão do Grande Dia, sob os primeiros escombros daquela terra babilônica. Agora, vamos para o primeiro exercício, leram o texto? imediatamente todos respondem que sim. Muito bem, então, onde tocou a primeira trombeta no Grande Dia? Em Brasília, professora Marta. Por que a cólera de Deus pesou primeiro sobre a antiga Brasília? Porque era o epicentro da corrupção, professora. Apertando o botão direito do controle, a professora exhibe as imagens do momento em que o Palácio do Congresso Nacional foi bombardeado enquanto uma multidão ovacionava o feito, exultando de alegria, aplaudiam o que seria o início de uma Nova Era. Vejam, também, o que os antigos jornais da época falavam dos congressistas, vejam quantos escândalos, vejam como eram nojentos. Entenderam o motivo da alegria agora? A segunda, onde tocou? No prédio do Supremo Tribunal Federal. Agora me respondam porque, crianças? Porque a justiça era injusta, absorviam bandidos e soltavam condenados. Muito bem, e a terceira onde foi? Nos símbolos profanos espelhados pelas antigas capitais. E a quarta, onde foi? A resposta é abafada pelo sinal que toca, concluindo a aula de História daquele dia. Continuamos amanhã, fiquem em paz e que o grande Criador os guarde, se despede a professora enquanto desliga a câmera. Na manhã seguinte, enquanto dividiam, não por escolha, a refeição matinal, Otto cochicha com Sofia: passei a noite toda pensando naquela cena, poderia ser comigo ou com você aquilo,



não quero passar por uma tortura daquela. Viu como ficou a mão dela? Ficou toda ensanguentada, Sofia. Hoje vou entrar na cela mais cedo, quero ter tempo pra verificar várias vezes se câmera da janela está funcionando de verdade, para que isso não aconteça. Não é só isso Otto, diz Sofia, é todo esse lugar, eles sempre vão nos castigar quando acharem que devem fazer, não importa o que a gente faça. Eles inventam o crime para aplicar o castigo. Então Pedrinho procurando a menina da A-24 com os olhos, pergunta: Ela era nova? Nunca tinha visto por aqui. Ela entrou na semana passada, ontem foi a primeira aula dela, diz Sofia. Ela não tá aqui gente, alerta Pedrinho, o que será que aconteceu com ela? Será que a mataram? Eu sei que eles matam aqui, já ouvi várias histórias, fala Otto. Talvez ela esteja na enfermaria. Otto, concordo com você, temos que arrumar uma rota de fuga urgente, diz a menina. Sim, por favor, diz o menino esperançoso. O toque fúnebre do sinal anunciava que o resto da manhã seria bem difícil. Já em suas celas, a maioria passou a verificar se a câmera da janela estava funcionando bem. Repentinamente, uma mulher aparece nas janelas se apresentando, para a surpresa de todos. Olá, bom dia. Me desculpem ter chegado antes do horário da aula, sei que nem todos devem estar prontos, mas eu vim apenas dar um anúncio e algumas orientação. Me chamo Regina, sou professora e irei substituir a professora Marta que foi promovida para o cargo de Diretora de uma CPIJ, ainda não sei quanto tempo passaremos juntos, mas espero que eu possa ser uma professora tão boa e competente quanto eu sei que a professora Marta foi. Devido aos últimos conflitos entre nós e as forças rebeldes terem tomado proporções preocupantes, a Secretária Nacional Penitenciária junto com o Ministério da Doutrina e Educação achou por bem que todos os professores ministrem suas aulas de casa, o que não é muito diferente do que já acontece aqui, porque vocês não têm contato direto com o professor. Só na hora de levar pancada, diz pra si mesmo Pedrinho. Então descansem hoje, leiam, divirtam-se de alguma forma, que amanhã nossa aula começará no horário que vocês já estão habituados. Ensinar e aprender história é conhecer um pouco mais de nós, diz a professora Regina assim que todos entram na sala, porque somos hoje fruto de uma história que se construiu no passado, mas a história não é algo estático, ao contrário, a história se faz agora. Sei que cada um de vocês tem uma história particular, todos nós temos memórias de bons e maus momentos, mas que dizem quem somos. Por isso que eu quero lançar um desafio pra vocês, escrevam um momento da história de vocês que não saí da memória, aquele momento que marcou tanto que podemos chamar de inesquecível, não importa o que seja, mas tem que ser algo sobre a história de vocês. Essa atividade deve ser

entregue no último dia de aula, que não está muito longe, serão dois dias de apresentações e todos vão poder contar um pedacinho de sua história. Tudo bem? Sim, professora respondem. É, fiz algumas alterações no conteúdo das aulas e realizei algumas mudanças nas nossas regras: a primeira delas é que não é mais necessário estar com a janela ligada o tempo inteiro, vocês podem só me ouvir se acharem mais confortável, só peço que prestem atenção. Podem deitar se não estiverem se sentindo bem. O quê? interrompe Sofia, ligando o microfone repentinamente. Alguém falou? Sim, professora, eu liguei sem querer, desculpe. Mas era na verdade, só quero pedir pra passar novamente essa regra. Certo, não é mais obrigatório que as câmeras fiquem ligadas, peço que deixem também os microfones fechados e só liguem quando forem falar algo, porque essa coisa no meu ouvido causa uma confusão enorme quando vocês falam ao mesmo tempo, talvez seja porque vocês não ouvem sempre seus colegas, infelizmente, mas eu ouço tudo. A novidade parece ser boa, qualquer professora é melhor do que a Marta, diz Sofia pedindo para que a professora Marta não volte nunca. Enquanto Pedrinho deseja um belo de um castigo pra ela e Otto, como de praxe só deseja sair dali. Essa foi a primeira de 47 aulas, que se passaram de forma semelhante. A professora em poucos momentos chegava atrasada, sempre estava disposta a explicar uma, duas ou três vezes o mesmo conteúdo, poucos interagem, de quarenta alunos a professora só conhecia 12, como a identificação dos usuários na sala virtual era pelo número da cela, de poucos nomes Regina lembrava. Poucos que ligavam a câmera das janelas, mesmo que a professora sempre reiterasse o pedido de todas as aulas: é facultativo, mas vocês poderiam ligar as câmeras por um momento, o pedido não era atendido por mais de um minuto. A grande maioria achava muito confortável poder ouvir a professora deitado, de janelas ligadas continuaram apenas os mesmos doze de sempre, com raras exceções. O final do ano letivo foi chegando, mesmo assim as câmeras das janelas continuam desligadas, por um instante a professora pensou em mudar as regras e obrigar a todos ligarem as janelas, mas logo desistia, sabia que teria que ser algo espontâneo, mas via que aquela tática não estava dando muito certo. Até que alguém do A-16 ligou o microfone, na verdade deixou o microfone ligado e acabou chamando a professora de louca. Olha, garoto. Posso até ser louca, mas não sou esquecida, guarde essa. Risos abafados tomam conta de muitos, enquanto Otto liga rápido seu microfone e fala atropelando as palavras: mesmo depois que eu sair daqui, voltaria todas as manhãs só pra assistir as suas aulas. Sofia, tá vendo Otto por isso que te chamo de idiota. O que foi?, dia o menino. “Eu sempre voltaria aqui”, diz imitando o

menino, no refeitório. Pedrinho ri, demos sorte de ter ficado com a Regina porque ninguém sabe qual foi a professora que ficou no lugar do Capiroto nos outros blocos. Vocês já escreveram a história pra última aula? Otto, claro que eu fiz, e não digo pra ninguém, é surpresa. O que tu fez, Pedrinho? Pergunta Sofia, falei do dia em meu cachorro Tobi me salvou de uma enchente. Hoje era o último dia de aula, todos deveriam ler os textos que a professora tinha passado na sua apresentação. A professora Regina começa a aula e percebe que seria o último dia, se emociona, mas tenta não demonstra. Bom dia, diz com a tom de despedida, preciso agradecer a cada um de vocês pelos bons momentos que compartilhamos aqui juntos, foram aulas enriquecedoras, essa foi minha primeira experiência como professora numa CPIJ e fiquei muito feliz, porque eu foi muito bem acolhida e não só ensinei mas aprendi muito com vocês, seja aqueles que eu via todas as manhãs, como Alice, Estelinha, Otto, Gustavo, Davi, Isaque, Renato, Fábio, July, Ylma, Laurenia, Maria... E os outros também que mesmo que do seu modo aprenderam, sei que toda essa situação é muito difícil... De repente todas as janelas se apagam, gente aconteceu, alguma coisa? Respondam? Estão me ouvindo? Será que foi a internet do Centro? De repente todas janelas começam a ser ligadas uma atrás da outras, começando pelo A-01, que segurando uma placa, inicia, um pedido de agradecimento para a professora, que ainda sem entender nada permanece atenta, a primeira placa dizia, "Obrigado", poucos segundo depois o A-02, A-03, A-04, 4-05... No fim todos estavam de janelas ligadas, com a seguinte mensagem para a professora Regina: "Obrigado, Regina. Obrigado, Professora Regina. Obrigado, obrigado. Obrigado por nos contar a história e nos ajudar a escrever a nossa, obrigado por despertar sonhos, obrigado por estar conosco nesse momento difícil, obrigado por nos aguentar e obrigado por nos fazer compreender que tudo pode mudar e queremos, sim, mudar nossa história hoje." Entre lágrimas a Professora Regina, agradece a turma. Vocês me pegaram viu, meu Deus, diz ela. Não sei nem que dizem, comecem a ler as histórias, enquanto eu me recomponho aqui, alguém se dispõe: a menina do A-24 pede pra falar e inicia... Obrigado por participar Rute, sua história é linda continue escrevendo, diz a professora. Em seguida Sofia, sua vizinha de cela pede pra falar... Bom dia pra todos, vou contar pra vocês algo que aconteceu comigo e me marcou muito, eu tinha oito anos quando achei um pequeno passarinho com a asa quebrada no quintal da minha casa... Entanto Sofia, falava de sua experiência, alguém começa a tentar abrir sua porta, e a bater forte, assustada a garota pede socorro, não sabe o que está acontecendo quando vê novamente a tela, vários colegas não estavam, mas lá, o que

tá acontecendo? Quem tá batendo, pergunta aos gritos? Ninguém responde, procura Otto e Pedrinho e não estão nas celas, meu Deus, tem guardas entrando nas celas, o que é isso? Abrem a porta, era Otto e alguns meninos do Bloco D, vamo Sofia, tá todo mundo fugindo. O que aconteceu? Eu ainda não sei, o nosso bloco é o único que ainda tem gente, vamo, saí daí, por um segundo ela encontra os olhos da professora naquela tela e entende que a lágrima que caia dos seus olhos era de esperança, então a professora diz, voa, e eles bateram assas, agora, livres.

# CAPÍTULO 3

A PORTA AINDA ESTÁ ABERTA



**N O S S A S C A N Ç Õ E S**

## Sem título

por Ana Maria Furtado Néo  
Texto inspirado na música *Vilarejo*, Marisa Monte.

Há um desejo em mim  
Talvez um pensamento bom  
No meu quarto, eu vislumbro  
Vejo você em minhas mãos

Para ganhar seu coração  
Estou cheia de ilusão  
Entre girassóis, pelas manhãs  
Paraíso, eu e você lá

Será um feito astral  
Algo assim sentimental  
Beijos fartos, braços fortes  
Sonho meu, sei que é irreal

Mas deixa eu sonhar  
Quem sabe um dia, Oxalá

Vem amar à toa  
Vem amar à toa  
Vem amar à toa

Ah!... A espera!!  
Desejos de quimera  
Braços e abraços sempre abertos  
Para você estar!  
Em cada desejo vão  
Sonhos planejando os deleites tão divinos

e essa paixão

Tenho um passageiro amor

Para quando você for

## **Lanterna dos Iluminados**

por Cristiane Maria Pereira Conde

Texto inspirado na música *Lanterna dos afogados*, Os Paralamas do Sucesso

Quando tá inseguro

Solidão te ouve

Quando sobra a noite

Pra te acolher ao chorar

Coração confuso

E dilacerado

Busca um cais de porto

Para poder se firmar

Busca uma lanterna dos iluminados

Sigo te esperando

Vem, que não vai demorar

A jornada é longa

Pra uma estrada curta

Isso não me importa

Basta querer me abraçar

Sei que temos marcas

Todas fazem parte  
Dessa trajetória  
De páginas pra virar  
Busca uma lanterna dos iluminados

Sigo te esperando  
Vem, que não vai demorar

## **Teu plano**

por Cristina Rothier  
Texto inspirado na letra da música *Oceano*, Djavan

Sem fim, o dia pareceu,  
lá, e tu, o arauto da emoção,  
não pudestes ver eu não mais sorrir,  
empalidecer meu coração.  
Esqueceras-te de ti?

Senti...de tudo que fui e eras  
não há mais sinal algum.  
Ainda que acene o nosso olhar,  
você sem ti, me apagou.  
Tu não sabes? Pereci.

O amor é muito mais que teus fervores,  
Palavras se vão, se perdem...incolores.  
Não sabes te dar, sem tornar-te em dor.

Procura-te, feliz, torne-t'insano.  
Faça apostas em ti, seja teu plano.



Esqueça o amor dilacerador.

Saiba te dar, sem t'evanecer.

## **Sem título II**

por Jennifer Adrielle Trajano Lima  
Texto inspirado na música *Ainda bem*, Marisa Monte

Ainda bem

Que agora larguei você

Eu realmente não sei

O que eu fiz pra merecer

Você

Porque meu bem

Dava nada por mim

Coitada, eu que tava afim

Até quis, acreditei, enfim

O meu coração já estava acorrentado

Com a ilusão

Quem diria o meu barco

Você iria afundar

E assim me naufragar

Você foi um infeliz

Você que me faz chorar

Assim

O meu coração já estava magoado

Com a solidão

Tinha sido maltratado

Tudo se transformou

Quando você chegou

Você foi um infeliz

Você que me faz chorar

Assim

### **Sem título III**

por Joel Guedes de Sousa  
Texto inspirado na música *Só hoje*, Jota Quest

Hoje eu tenho que te falar de qualquer coisa

Ainda que seja só por um minuto

Porque o dia não estar normal

Me acalantar em teus braços quentes

E te sentir de um jeito que é só meu

(Que é só meu)

Hoje eu tenho que te tocar

Respirar bem forte tua energia

Para diminuir as minhas fraquezas e angústias

Hoje eu tenho que escutar uma frase tua  
Para que tuas palavras não me deixem esquecer a alegria  
De viver contigo

Hoje não importa se você preferir não me amar  
Apontar na minha cara todos os meus defeitos e frustrações  
Que eu tento conviver sempre, sempre

Hoje tenho procurado por você  
De qualquer jeito  
De qualquer maneira  
Hoje só tua existência  
consegue me fazer feliz  
Só hoje

## **Amor bem forte e do norte**

por Lya Oliveira da Silva Souza Parente  
Texto inspirado na música *Sujeito de sorte*, Belchior

Incondicionalmente eu tenho amado uma garota do norte  
Que apesar de pequenina, me tira o sono, é calva e forte  
Mantenho comigo embalada, essa deusa é brasileira e anda do meu lado  
E sem ela eu não posso viver como no ano passado.

Tenho vivido demais, tenho amado pra cachorro  
Minha filha, você vive em mim e por você o mundo eu percorro

Tenho vivido demais, tenho amado pra cachorro

Minha filha, você vive em mim e por você o mundo eu percorro

Minha filha, você vive em mim e por você o mundo eu percorro

Minha filha, você vive em mim e por você o mundo eu percorro

## **Domingo no baque**

por Maria Betânia Peixoto Monteiro da Rocha  
Paródia da música "Domingo no Parque", de Gilberto Gil

O rei da frigideira (o filé)

O rei da combustão (o fogão)

Um assava na beira (o filé)

Era imperfeição (ê fogão)

A carne tratada, no fim da semana

O fogão resolveu não assar

No domingo de tarde deixou malpassado

O file não pode dourar, frigideira

Não vai prestar, sem calor, vai estragar.

O filé como sempre no fim da semana

Deu água na boca e partiu

Foi sorver o tempero no barro do

Prato

Lá pro lado do esmeril  
Foi por lá que ele avistou o bujão  
Foi que ele viu  
Foi que ele viu o bujão solto do fogão  
A mangueira e o gás em propulsão  
Frigideira sem uso, sofreguidão  
Frigideira e o amigo fogão  
A faísca do fogo saiu com fé  
E o gás soltou a explosão

Nem torresmo é a sobra (ô, filé)  
Nem a sobra é torresmo (ô, filé)  
Foi corando no preto (ô, filé)  
Sem mais pretensão (ô, filé)

Nem torresmo é a sobra (ô, filé)  
Nem a sobra é torresmo (ô, filé)  
Oi, ficando na mente (ô, filé)  
A tal carne padrão (ô, filé)

## **Intensidade**

por Plínio Rógenes de França Dias  
Texto inspirado na música *Sangrando*, de Luiz Gonzaga Jr.

Quando eu me der com corpo e voz,

Por favor, entenda...

Com a palavra, o sangue e o gesto

eu estou gritando...

Mesmo no silêncio, o olho inerte,

me derramo...

São as dores e vitórias do meu ser,

Que eu tô exaltando.

Quando eu rasgar minha garganta

a tanta coisa que me encanta

Tanto medo e tanta fúria que eu não finjo:

estou até tremendo

Leia dentro dos meus olhos

sim eu deixo essa intimidade

E a vida me explodindo em gozo

tudo eu posso, eis minha verdade.

E se eu chorar não há problema eu me permito

não me deixe, fique, ecoe esse sentimento do viver

Quando eu soltar a minha voz,

Não se assuste, aceita

isso é tudo o que eu invento, intenso e vivo

quando eu te amar.

## **Cloroquina**

Por Plínio Rogenes de França Dias  
Texto inspirado na música *Cajuína*, de Caetano Veloso

Resistirmos a que será que se destina  
Pois quando um coiso me oferece cloroquina  
Sei que por ele nem existia medicina  
bastava um chá de peia ou mesmo tubaína  
tampouco ajuda uma tal de ivermectina  
apenas a sua crença é mais do que uma vacina  
e viver no Brasil tá pior que tomar estricnina  
então nós teima e encara a morte na rotina.

## **O museu das selfs**

por Thiago Guilherme  
Texto inspirado na música *Coruja muda*, Siba

Ei, com licença  
Deixa te perguntar  
Se tu podes se afastar  
Loguinho sair daqui  
  
Não é nadinha  
Eu só preciso encontrar  
Bom ângulo para tirar  
Uma bela self minha  
  
Que eu pretendo postar  
Pois quando o filtrar passar

possa ser quero que ela faça parte de um museu de selfs que ninguém mais curtirá (parte de um museu de selfs que ninguém mais curtirá)

Na foto terá  
Eu de todas as formas  
Paisagens pelas minhas costas  
Natureza, sertão, cidade, campos  
E praias  
Até dizerem que estão sentido  
Cheiro de chuva e ouvindo  
O mar em bombardeio

Não tá bonito põe filtro  
Fica tudo encoberto  
O real do frente e verso quem desarma sou eu  
(O real do frente e verso quem desarma sou eu)

Não se incomode  
Se de repente os intrusos  
Vindo do inferno, inquietos  
Andando sem direção, apareça então  
Fora do enquadramento  
E só clicar mais lento, excluir

Deixem darem até risada  
E não ligue pra nada  
Indo, correndo e pulando  
E diz que tem foto agora, você não sabe de nada  
(E diz que tem foto agora, você não sabe de nada)

Não tenha pressa



Só não consigo tudo  
Eu te espero descansar  
Só tem mais algumas fotos para tirar  
Se chover pode ser bom  
Dança da lama, um momento  
Fica pra posteridade

Também faça uma comum  
Foto daquela natural  
E se tudo não aparecer, não tem problema nenhum  
(E se tudo não aparecer, não tem problema nenhum)

Não acredito  
O app me excluiu. E agora?  
Só restou uma foto agora

De mim, só uma foto, basta  
Meu rosto, marcas da idade  
Quero estar bem à vontade  
Como quem está só andando

Só quem perdesse tempo olhando  
Veria o espelho  
Escondido, emoldurado, que releva no segundo tudo o que eu disse  
cantando  
(Escondido, emoldurado, que releva no segundo tudo o que eu disse  
cantando)

# CAPÍTULO 4

ABRA A PORTA PROIBIDA



ESCRITOS PERDIDOS



## Sem título I

por Ana Maria Furtado Néo

Ela pairou sobre o leite e o mel que eu havia aquecido para o banho. Algumas pétalas de rosas boiaram em sua pele, completando aquele quadro quase irreal. Sob o plenilúnio, mergulhava cada vez mais em seus pensamentos de amor. Embriagadas, aos poucos, minhas mãos acordaram nas águas mornas daquela banheira. Com o sabão de oliva, eu gotejava pequenas pérolas barrocas naquela tez negra. Ela falava animada sobre o amado, solvi imagens como debaixo das macieiras, cachos floridos de alfena, leite de folhas, lírios, cria de gamo, perfume das videiras, arrulho dos pombos, amor da minha alma, alcova daquela que me concebeu, metade de romã, bálsamos, lábios que destilam néctar, flores de nardo. Não compreendi de todo. Mas, eu, como compreenderia esse amor? Amor cantado em tela bucólica, nos pastos, nos jardins, nos campos entre vinhos e sedas, sob os cantares dos pássaros, aos sabores das frutas, no ritmo das corças, ao fluir das águas, cercado de abundância dos quereres, perpetuado pelos trovadores. A escolhida materializada ali para viver essa graça: o Amor. Como entenderia essa androginia? Os seres partidos que se reencontraram. Eu não espero a minha cara metade. Às vezes, nem creio que ela ainda exista. Os amores vivenciados pelos meus eram baratos, sem óleos ou cheiros nobres, com a pele banhada pelo suor. Eram promíscuos e violentos. Quase um ato instintivo, amor sem sacramento, muitas vezes, sem consentimento, em que vertiam dores silenciadas, por isso, há muito, escolhi não amar assim. Hoje amo o amor alheio, preparo a pastora para seu pastor. Unjo sua pele com óleo de olíbano e cedro, ervas maceradas, essências hieráticas. Fricciono os pontos vitais de um corpo quase adormecido pelo calor de minhas mãos, a fala sufocada em gemidos de quase prazer revelados em um semi sorriso. A túnica de fino linho branco cobriu o corpo renovado e radiante. Minhas irmãs se uniram a nós. O Rei estava pronto, a Rainha se preparava. Jedidias atravessara o deserto exalando mirra, incenso e todos os perfumes dos mercadores. Sua liteira fora

escortada pelos espadeiros mais valentes do reino, todos treinados para o combate, cada um com a espada ao flanco. Eles, ingenuamente, acreditavam que estavam preparados para os temores noturnos. E foram convidados pelo Rei: “Amigos, comei e bebei. Embriagai-vos!”. O noivo construía um Palanquim de madeira do Líbano, com colunas de prata, espaldar de ouro e assentos aveludados, tudo preparado para as núpcias. O Rei estava pronto e os guerreiros também. Na alcova, ameixas amargas amaciavam a cútis, água de rosas perfumava a boca, folhas de henas tingiam os cabelos, linhas de Kohl eram traçadas nos olhos, pó de malaquita verde iluminava as pálpebras, o vestido branco bordado de fios de ouro anunciava a pureza e a prosperidade da noiva, fragrância de súsino adocicava o corpo, pedras preciosas adornavam a cabeça e o colo da amada, e, por fim, polderos e cera de mel tingidos com púrpura Tyr aveludavam os lábios. Eu, de minha parte, antevia o Amor encurralado, e, devorado pela Paixão, renascer em outros campos, em braços de novos mancebos, sem tanta sofisticação. Mas o Amor não se apercebia. A Rainha estava pronta e minhas irmãs também! Era hora do amor mergulhar em precipício.

## **Atônito e Apavorado**

por Cristiane Maria Pereira Conde

Há quarenta dias estávamos posicionados em linha de batalha para enfrentar os filisteus. Havendo um vale entre nós, cada exército ocupara uma colina frente a frente. Impossível avançar diante de inusitado desafio proposto por um dos guerreiros adversários.

Era Golias, de Gate. Tão logo acampáramos, veio do bando filisteu. Dois metros e noventa centímetros de altura. O gigante usava um capacete de bronze e vestia uma couraça de escamas de bronze que pesava sessenta

quilos. Nas pernas, caneleiras de bronze. Nas costas, um dardo de bronze pendurado. A haste de sua lança era semelhante a uma lança-deira de tecelão, sua ponta de ferro pesava sete quilos e duzentos gramas.

Antes que eu pudesse me posicionar como líder dos israelitas, Golias parou e gritou: "Saul, por que você está se posicionando para a batalha? Não perca seu tempo. Poupe seus guerreiros!" E dirigiu-se às minhas tropas: "Asseguro-lhes que não haverá batalha se vocês escolherem um homem para lutar comigo! Será um filisteu contra um israelita. Apenas isso! Eu desafio hoje as tropas de Israel! Mandem-me um homem para lutar sozinho comigo. Se ele puder lutar e vencer-me, nós seremos seus escravos; mas se eu o vencer e o puser fora de combate, vocês serão nossos escravos e nos servirão".

Essas palavras do gigante filisteu estremeceram a mim e a meus soldados. Eram reiteradas diariamente, ao amanhecer e ao entardecer. Como vos disse anteriormente, estávamos há quarenta dias naquele acampamento, sem uma estratégia de combate definida. Estávamos atônitos e apavorados.

Jessé, cujos três filhos mais velhos se juntaram às minhas tropas, pediu que seu caçula, Davi, pastor de ovelhas, levasse ao acampamento suprimentos para os irmãos. O jovem chegou ao acampamento na hora em que o gigante Golias lançou seu desafio habitual. Davi o ouviu e não aceitou tamanha ofensa. Perguntou aos soldados que estavam ao seu lado quem era aquele filisteu incircunciso para desafiar os exércitos do Deus vivo. Suas palavras chegaram a mim. Bobagem, pensei. Você não tem condições de lutar contra esse filisteu; você é apenas um rapaz, e ele é um guerreiro desde sempre. Arroubos de um jovem sonhador.

Davi permaneceu irredutível: "Ninguém deve ficar com o coração abatido por causa desse filisteu; permita-me, irei e vencerei esse gigante! Tenho coragem! Sou o guardião das ovelhas de meu pai. O Senhor que me livrou das garras do leão e das garras do urso me livrará das mãos desse filisteu.

Não sei como aceitei tal proposição. Estava atônito e apavorado. Apenas disse: "Vá, e que o Senhor esteja com você".

Davi escolheu no riacho cinco pedras lisas, colocou-as em seu alforje de pastor e seguiu em direção ao filisteu. O Senhor que me livrou das garras do leão e das garras do urso me livrará das mãos desse filisteu, repetia. Golias já estava próximo ao franzino guerreiro. Não consigo detalhar o que sucedeu a este momento, tamanha era a culpa que se apoderava de mim. Por que permiti esse sacrifício? Como um jovem pastor de ovelhas pode ter mais coragem que um comandante experiente? Deus, Deus, aponta-me uma luz!

Ouvi vozes distantes. "Darei sua carne às aves do céu e aos animais do campo!"; "vou contra você em nome do Senhor dos Exércitos, o Deus dos exércitos de Israel, a quem você desafiou"; "eu o matarei e cortarei a sua cabeça".

Ouvi um estrondo. Uma pedra lançada? O gigante tombara?

As luzes se acenderam para mim. Vi aquele rapaz franzino e ruivo desembainhando a espada do filisteu e lhe cortando a cabeça. Balbuciei: "O Senhor esteja com você!" Estava atônito e apavorado.

## **Olhar de mãe**

por Cristina Rothier

Naquele tempo, as noites eram longas e insones para ela. Seu corpo e sobretudo suas lembranças não mais lhe permitiam muitas horas no leito. Ambos pareciam não a acomodar como antes, e a irregular pedra, fora do que era seu lar, a sustentava, testemunhando, durante anos, as sombras que invadiam seus pensamentos madrugada adentro, momento mais propício para fazerem visitas os assombros da alma. Nessas horas, desavisadamente, o céu abria-se noturno, trazendo-lhe o passado atado à saudade que tomava o seu peito doído e cansado. Faltava o paraíso em tudo que rodeava a ela e a seu companheiro; a maçã tentadora e a ardilosa serpente, certamente, não.

Ressentia-se também da ausência das crianças que preenchiam sua vida com a pureza e as alegrias comuns à meninice. Ainda muito pequenos, seus filhos a seguiam, sob o imaculado olhar de mãe, na lida diária, quase sempre, fazendo de tudo menos ajudar a ela e ao pai. Era comum que se distraíssem. Por mais que recomendassem, as ferramentas eram brinquedos, e a plantação, inadvertidos esconderijos a serem explorados. Certa feita, o mais moço, encantado com aquele mundo de fios dourados cuidados, sol a sol, pelos pais, encontrou-se, durante horas, segundo ele, vivendo maravilhas, das quais fora tomado por um seco puxão de orelha de seu irmão mais velho, que, de pronto, havia se encarregado, para conduzi-lo até onde estavam os adultos, quando deram por sua falta. Naquela ocasião, a mulher, ao ver seus filhos retornando do trigal, sorriu um sorriso indeterminado, entremostrando alívio e inquietação. Dor e prazer eram manifestos nas faces de uma e de outra criança; a força empregada como instrumento de coerção era a causa daquela, em um, por recebê-la, e deste, no outro, por aplicá-la. Havia excesso, ela percebia, e não seria a última vez que insignificantes aspectos dariam sinais de esmorecimento do que era para ser um laço de mansidão.

Ao cabo de anos, em tempos de agradecer, o mais novo, agora pastor, sacrificou a ovelha mais estimada. Sua natureza não concebia que a gratidão ao Senhor, pela pujança com que o pasto crescia para alimentar seu rebanho, pudesse ser expressa de outra forma. O mais velho, então lavrador, entendendo-se real merecedor, reservava, segundo o seu mais íntimo julgamento, o que colhera de melhor para si, afinal, os calos ressequidos, frutos do plantio, eram seus, e diferente disso não poderia ser, porque se tratava de justiça, assim, ofertou os produtos mais ordinários. Sem que soubesse, esse gesto pesou-lhe, e a mãe, no seu canto, numa tristeza latente, via um abismo estreitando a cólera que seu primogênito parecia semear com tanto cuidado quanto o que destinava ao solo que arava a cada estação.

A lavoura abundava e os animais estavam sadios e gordos, e como, naquele dia, o cansaço precedeu o arrebol, a mulher e seu companheiro se anteciparam e retornaram mais cedo. Seus dois filhos os seguiriam ainda antes do anoitecer, mas as estrelas já haviam se instalado, quando o mais velho, a

passos incautos, regressou desacompanhado. “Onde está teu irmão?”, a mulher questionou. “Não sei, sou eu guardador do meu irmão?”, ele disse. A mulher pensou em fazer mais perguntas, em busca de saber o que ele havia feito, porém seu olhar maculado de mãe dispensava qualquer resposta. A partir daquele instante, a pedra irregular passaria a frequentar sua vida.

## **o céu não sai de cima de Sodoma**

por Jennifer Adrielle Trajano Lima

senti a pena da asa de anjo na íris daquele homem que me olhou com ternura enquanto o outro, também descido, o encarava. não entendi a atitude do pai, pensei que a minha virgindade fosse tesouro. até um dos bois de abraão teria sido ofertado de outra maneira, talvez por carregar testículos. enganei-me após os gritos e hoje, grávida desse que ofereceu a honra de minha irmã mais velha e a minha - barganhando-nos tal qual escravas aos sodomitas -, encaro o sal de minha mãe, também sem nome, infertilizando a terra.

percebo o quão fértil a consciência pode ser, pois chegando ela ao topo do monte, consegue nos aporrinhar. deveria ter soltado a mão de lot, deveria ter olhado para trás. se tivesse desobedecido e não seguido minha irmã, estaria agora salgando algum bicho morto, agarrando-me à carne, sendo carne ao sol.

## **Entre anjos e arcanjos: a história de Ló**

por Joaes Cabral de Lima



– Ele é um homem justo, assim nos disse Abraão. Talvez o único em todo esse maldito lugar!

– Disse o anjo mais baixo que atendia pelo nome de Rafiel, olhando de soslaio para o seu companheiro, que transpirava e ofegava vez ou outra, olhando para trás. Ambos estavam maltrapilhos, sujos dos pés à cabeça, cobertos de poeira e para completar tão deplorável estado, estavam sem suas sandálias, procurando pisar com cuidado no terreno acidentado.

– Será que eles já deram por nossa falta?

– Perguntou o segundo anjo, mais alto e esguio, novamente olhando para trás, seu nome era Donab e tanto ele como o seu amigo, pertenciam a uma casta de angelicais ainda em observação e esta era a primeira missão para a qual foram encarregados, retirar a família do justo Ló de dentro das cercanias de Sodoma e Gomorra, pois o Senhor havia decidido dar cabo de tudo e de todos por lá.

– Creio que sim, afinal, derrubamos trinta odres de vinho, um de azeite que caiu em cima de uma lamparina e pôs fogo na estalagem e sem levar em conta, toda a palha que espalhamos na fuga e que também sucumbiu ao fogo, se ficássemos mais algumas horas, o nosso chefe não teria qualquer trabalho para destruir as cidades.

– Sarcasmo nesta hora aflitiva não vai nos ajudar em nada, meu caro!

– Mas é o que me resta, meu querido amigo, pois tudo isso é culpa sua, afinal de contas, nossa tarefa era simples e prática, escoltar o tal Ló e sua família para fora daqui, sem muito alarde, mas nãaaoo!! O senhor quis ver por si só toda a depravação da cidade e tentar fazer o que o velhote do Abraão não conseguiu, ou seja, encontrar homens justos naquele “muquifo”!!

– Tentei ajudar!!

– Tentou foi se promover, queria ganhar era a atenção dos Querubins, ora essa, onde já se viu, um iniciante burlando as diretrizes com apenas um dia de início de um estágio supervisionado! E o que ganhamos com tudo isso? Humilhação!! Fomos submetidos a uma vergonhosa licenciosidade daqueles homens e mulheres, e a coisa só piorou quando rasgaram nossas roupas e

viram que somos diferentes, sem nada por baixo do manto, aí nos prepararam para o sacrifício do qual fugimos e ainda estamos tentando escapar.

– Deixe de reclamar e olhe ali na frente, é ou não a casa do tal Ló? – Gritou Donab um tanto aliviado e interrompendo a reclamação do amigo, mas pouco depois que bateram na porta do justo ancião a ser salvo e terem os fatos explicados de toda a confusão, assim como a ordem do Altíssimo, mal o dono da casa começou a juntar seus pertences com a família, todos ouviram ao longe um burburinho que aos poucos ia se intensificando, conscientes do que poderia ser, ficaram de prontidão. Os dois anjos correram para debaixo da cama e lá permaneceram. Ló, com sua voz imponente logo se fez senhor de sua morada diante da turba ensandecida. Ouvindo toda a discussão, tremendo e temendo o pior. Foi então que Donab saiu do esconderijo, movido de coragem, pegou uma saca com cal que ali estava e fazendo sinal para o amigo, ambos escancararam a porta da casa, puxaram Ló para dentro e lançaram mão do pó na cara de todos os revoltosos que gritavam e choravam de tanto fogo nos olhos.

– Pronto, foram-se todos, agora temos que ir e você meu amigo... – falou Donab para Ló – ...saia logo desta região com todos os teus.

E saíram, mas Ló na viagem, perdeu a esposa, foi estuprado pelas filhas e Deus jamais comentou sobre o fato

## **José e os propósitos de Deus**

por Joel Guedes de Sousa

Depois de um dia cheio de impropérios em nossa caravana passamos em Canaã em busca de adquirir novos escravos para serem comercializados no Egito. Nesse momento, avistamos alguns homens que desejavam vender o próprio irmão. Surpresos, percebemos que eles o odiavam de corpo e alma, sentiam inveja, pois o pai o prestigiava com um sentimento diferente. Era um

jovem formoso e de sonhos fervorosos. Filho caçula de Jacó, amado por ter sido gerado na velhice, José nos foi dado por um valor supérfluo, vinte peças de prata que nos restavam. A negociação foi feita após os irmãos o retirarem de um poço, no qual tentaram dar sumiço ao pastor de ovelhas. Enfraquecido, o jovem se prostrou diante de nós, ismaelitas, e se debateu implorando para que não o levássemos. Por tudo que é mais sagrado não façam isso comigo, sou apenas um servo de Deus!

Diante de um sol escaldante amarramos os seus braços com uma corda bem grossa e saímos o arrastando, assim como os demais. Para o pai os irmãos mostraram uma túnica mergulhada em sangue de um bode, vindo a se confirmar que algum animal selvagem pudesse tê-lo devorado. Jacó em sinal de luto rasgou suas vestes e ajoelhado derramou lágrimas de profundo desespero. Os dias foram se passando e José apesar de estar demasiadamente amargurado, continuava insólito aos nossos deuses. Em suas palavras parecia ter uma fé inabalável que nem Osíris poderia julgar toda sua ira.

Como bom arguidor ao chegar na cidade o vendemos para Potifar, oficial do faraó e capitão da guarda egípcia. Na casa do oficial o senhor Deus fez com que José prosperasse tornando-se administrador dos bens do capitão, seguindo com grande prontidão e altruísmo fez com que Potifar aumentasse sua fortuna. O rei apavorado com os sonhos que o assolavam e após consultar vários adivinhos entrou em desespero só em pensar no que poderia acontecer com o seu povo. Ao descobrir que existia um escravo que adivinhava sonhos ordenou que o chefe da sua guarda o levasse até ele. Quero que interprete o meu sonho! José vendo o desespero, falou que o sonho era uma revelação do que Deus iria fazer com o Egito.

Confiando em José, o rei seguiu todas as ordens que fariam com que aquela nação fosse salva. Entrego a você agora o comando de toda a terra do Egito. Esquecendo o sofrimento e prosperando, José se tornou governador. Os sonhos do rei revelavam seca e fome intensa em todo Egito. O que fez atingir também Canaã, onde a família de José vivia. Assim, os irmãos de José saíram em busca de comida e ao chegar ao Egito encontraram o governador

e imploraram por alimento. José ao reconhecer os irmãos não permitiu que fosse liberado nenhum deles e em opróbrio mandou prendê-los, até que dias depois revelou: eu sou José seu irmão o qual vocês venderam como escravo! E como Deus havia feito senhor de todo Egito, mandou que os irmãos trouxessem o seu pai. A chegada do pai foi de intensa euforia. José não se conteve em lágrimas, seu espírito reviveu. Pouco tempo depois o seu genitor voltou aos braços do pai para a morada eterna e José seguiu firme nos propósitos de Deus.

## **O salvador entalado**

por Lya Oliveira da Silva Souza Parente

Ele subiu correndo as sinuosas dunas. O ar já não chegava aos pulmões, mas o propósito era maior. O bebê estava entalado, apenas via-se os pezinhos daquele que viria salvar a humanidade. Maria, com o rei na barriga, partejava no estábulo acompanhada apenas dos animais que ali estavam, enquanto José buscava ajuda.

Maria estava ansiosa para conhecer seu primogênito, mas, para além disso, ela tinha medo. Estava vivenciando sentimentos, sensações e dores que até então nunca havia sentido. A cada nova contração, a virgem gritava silenciosamente. O pequenino estava avisando que queria nascer e aqueles dois corpos trabalhavam juntos para que o milagre acontecesse.

José encontrou Madalena, a dona da única pousada de Belém do Pará, que atendeu ao pedido daquele pai desesperado. Ela prontamente preparou uma bolsa com alguns lenços e uma faca de prata.

Quando retornaram ao estábulo, Maria estava ajoelhada ao solo, quase sem forças e com sede. José, então, correu em direção de seu amor, abraçando-a; enquanto Madalena molhou os lábios daquela radiante mulher

com um pouco de água e mel. Depois disso, a mãe do redentor renovou suas forças e três contrações depois, o menino Jesus nasceu.

Quando o cordão umbilical parou de pulsar, José cortou, com a faca de prata, o elo físico entre a mãe e o filho. Maria envolveu o pequeno Jesus em um lenço vermelho, amamentou-o e, quando ele adormeceu, deitou-o na manjedoura.

Nessa hora, uma anja melânica, dessas que reluz na multidão, cantarolou anunciação e em seguida sussurrou: – Vai, Jesus! Vai ser brasileiro! No mesmo instante, brilhei tão intensamente quase cegando os três reis magos, guiando-os até o salvador.

## **A formação do homem (Gênesis 1-3)**

por Maria Betânia Peixoto Monteiro da Rocha

4. Lançou-me em recipiente frio, erguido do pó. Passei a ser corpo. Preenchi todos os espaços. Senti sob os pés, a geometria sagrada dos grãos de areia. No extenso órgão em contato com o fora de mim: umidade. Meus olhos captavam luz difusa.

5. Havia luz, neblina e espaço.

6. E Eu era a luz, a neblina e o espaço.

7. E senti que sendo espaço, era potência de vida. Sendo neblina, era mãos de vapor em que tudo tocava. Sendo luz, era calor e presença quântica.

8. Fui conduzido ao Oriente e derramado no jardim do Éden: Eu era o jardim.

9. E senti ser rompido e romper o chão. E ser, ora firme, ora flácido, tronco de árvore. E ser folha e frutos. E, no meu conjunto, ser copa e sombra no chão. Em uma árvore ser vida, noutra, o bem e o mal.

10. Eu era rio. Estendia-me sobre o jardim do Éden e, adiante, fragmentava-me em quatro braços.

11. Cada parte do meu Eu-rio recebeu um nome. Um deles, Pisom. Eu banhava uma terra de pedras e metais preciosos.

12. Eu era o ouro e também o ônix.

13. Ao outro Eu-rio, chamou Giom.

14. Recebi um terceiro nome: Tigre. E um quarto: Eufrates. Cercávamos o Oriente e a Ásia.

15. Eu-homem me cultivei jardim do Éden. E me guardei.

16. Entrou pelos ouvidos, do corpo erguido do pó, uma voz etérea. Dizia que Eu poderia comer todos os frutos,

17. mas estaria impedido de provar do Eu que era a árvore do bem e do mal. E Eu era a árvore do bem e do mal, e sentia não querer provocar a morte.

### **A formação da mulher**

18. Afirmou que Eu estava só. E prometeu um corpo auxiliar.

19. Criou seres do céu, da água e da terra: e voei, e nadei e andei.

20. A mim, chamei de: andorinha, baleia, cabra, gaivota, lontra, aranha. Eu era o infinito circunscrito nos limites da terra.

21. E porque estava só, fez o Eu, que era corpo modelado de pó, cair em sono pesado. Sendo Eu bicho do céu, da terra e do mar; neblina, água e areia; brisa, luz e som, testemunhei quando tirada do homem uma costela, e colocada em seu lugar, carne.

22. E Eu era um corpo de pó e um de costela.

### **A queda do homem**

3 Eu, conhecedora de tudo o que havia entre o céu e a terra, em corpo de serpente, indaguei à mulher: não vai comer de todos os frutos do Éden?

2. Como mulher, respondi: dos frutos das árvores do jardim, disse que podemos comer.

3. Mas na que fica no centro, na árvore do bem e do mal, proibiu tocar. Se assim eu fizesse, morreria. Eu era árvore e era mulher. E não queria matar, e não queria morrer.

4. A serpente disse que eu não morreria. E não foi preciso explicar. Eu era a vida na terra, na água e no mar.

5. E seria sabedoria e dualidade se do fruto comesse.

6. E comi e foi comido pelo homem. Era Eu a mulher, o fruto e o homem.

7. E ABRIRAM OS OLHOS: E ERAM DOIS.

## **Volta de um soldado para casa, depois de um cansativo dia de trabalho (Jó, 19, 31-34)**

por Plínio Rógenes de França Dias

Boa noite, filho. Papai está bem cansado. Sim, passei o dia todo envolvido com aquele caso do cara que causou tumultos por onde passou. Mas quem muito fala e se destaca cedo ou tarde sente a verdade como uma faca. Falando nisso, deixa eu ir aqui lavar minha ponta de lança, que ficou muito suja do sangue dele. Se eu matei ele? Não, filho. Só espetei a lança na barriga dele pra ver se tava vivo ainda. Uns colegas meus disseram depois de tudo que foi injusto matar ele, inda mais daquele jeito. Sim, ele sofreu pra caramba. Eu nem sei como ele aguentou tanto, sabe? Mas também, a turma tava só cumprindo ordem, né? E o tipo de clima que essa gente cria é muito perigoso. São uns verdadeiros terroristas! Então foi preciso pegar um, logo o líder, pra dar o exemplo. Duvido que esse povinho vá querer tentar alguma coisa ainda pra derrotar nosso governo.

Pois é, filho, eu também ouvi falar um monte de coisa. Muito famoso. Mas não se deixe enganar com essa gente. São imprevisíveis. E prometia umas coisas que só dava pra entender como loucura! Imagina você que ele uma vez fez uma multidão não apedrejar uma prostituta! Isso é o cúmulo da depravação! Trata-se de uma grave inversão de valores! Ele era tão perigoso que virou de uma vez as barracas de um monte de gente de bem que tava fazendo seu comércio honesto num templo. E eu não sei que tipo de feitiçaria era feito, mas começou a ter gente dizendo que ele curava até a lepra, vê se pode?! Não, não! Não pode dar espaço pra essas pessoas.

Sim, filho, eu realmente fico preocupado com esse tipo de história, porque tenho percebido que tudo isso tá mudando pra pior. Era tão bom algum tempo atrás, você nem imagina. Hoje eu tenho que trabalhar muito mais, correr mais perigo. Às vezes, saio com a sensação que posso nem voltar, de tanto perigo que eu corro. Essas pessoas não tem nada a perder. Bando de miseráveis! Mas pelo menos tem lei, que está acima de todos! Quer dizer, acima de todos, somente Deus, né?

## **A Torre de Deus, em Babel**

por Thiago Guilherme

### **O Pai**

Hoje parece que o dia está mais difícil do que o normal, deve ser o peso desses longos dias de trabalho em meio ao sol escaldante de Sinar. Puxem! grita de longe um dos chefes da construção. Abner, que com a força do punho arrastava algumas dezenas de tijolos, pede ajuda: Eu preciso de água, grita engasgado pelo cansaço. E o pedido é levado até o chefe, que estava bem no pé da Torre. Diga para ele que não têm água agora, daqui a pouco vamos parar. Está terminando por hoje, Abner, diz gritando. Continuem, ordena. Abner, sabia que seu pedido não seria atendido, mas talvez Deus tivesse misericórdia da sua alma e enchesse sua boca com um rio de água doce, saciando aquela sede que o matará. Mas nada acontece, nem Deus, nem seus pares e muito menos o chefe da construção o atende. A esperança do fim parece lhe ter dado alguma força e ele seguiu puxando os tijolos em direção ao topo da Grande Torre. Ao chegar, nutrido pelas ínfimas gotas de suor que caíam do seu rosto, agradeceu à Deus por mais um dia de trabalho e refez sua promessa de trabalhar incansavelmente para finalizar aquela Torre. Ao descer pela escadaria central e virar a esquecer, Abner vê seu filho conversando com um coxo e outro garoto, na lateral baixa da Torre, pareciam estar se divertindo,



mas logo o pai, mesmo cansado, apressa o passo, não queria que vissem seu filho com aquele homem defeituoso e a aquela criança pedinte, não era bom pra ele. Coxos e cegos ou pedem ou roubam, diz ao garoto, puxando-o pelo braço. Por que você saiu do lugar que te deixei? Sabe que não pode fazer isso. Por Deus, meu filho. Não faça mais isso, você sabe o que aconteceu com seu irmão. Por favor atenda o seu pai, não saia do lugar. Foi o sol pai, diz o menino. E eu não sei? Olha meus braços, minhas pernas, olha meu rosto, isso meu filho são queimaduras do sol. Tá vendo? Tô pai, eu te deixo em um dos melhores lugares, diz abraçando o garoto. Não me deixe, não aguentaria perder mais um filho. Pai, pai, nunca vou te abandonar, te amo. Filho, quero que se prepare para a Celebração do Meio, chegando na metade da Torre, e vamos comemorar, vai ser um dia muito importante, a Torre vai estar aberta para todos e vamos até lá em cima, nós dois. É lindo filho, vemos toda Babel, Ezeque, Acade e até Calné, toda Sinar e um horizonte enorme. Teu irmão vai nos encontrar filho, ele vai, tenho fé, Deus atenderá minha oração.

## **O coxo**

Não vão nos tirar aqui, já falei. Quem pensam que são? Aqueles... Não são nada. Nós vamos ficar! Ethan, o coxo, esbravejava pelos cantos da parte baixa da Torre. Ethan, eles vão voltar! Vamos embora, eles vão nos matar. Você viu o que aconteceu com aqueles velhos. Não sei o que eles têm no coração, não temem à Deus. Mas eu tenho certeza de que a ira de Deus vai castigar um por um. Não vamos sair, diz jogando a pequena trouxa do companheiro no chão. Não adianta, Ethan, alerta a criança cega. Se quiserem ir, vão, ainda tenho amigos aqui, eles serão minha companhia. Vão, seus covardes. Não sou covarde, responde o homem. Só não quero ser morto. Tira isso da tua cabeça, não vai acontecer nada, responde Ethan. Não adiantou, as ameaças que circulavam sobre o local vez com que parte dos cegos, surdos e coxos fossem embora, então Ethan ficou com um uma dúzia de gente defeituosa, armadas com pau e pedra, pra se defender do que viria. Então, como não sabiam quando viriam, se dividiram em três grupos, se revezavam na vigilância do

local, não queiram surpresa e sabiam que seria difícil se defender então só almejavam um tempo razoável para fugir, mas isso não aconteceu. Fogo! Corram, dizem entre si enquanto ouvem gritos do lado de fora. Atearem fogo neles, Ethan. Acorda, diz a criança cega. Em meio a um barulho ensurdecido dos gritos e gemidos, todos correm em direção diferentes. O fogo consome seus amigos, a pele derretida espalhava um odor da carne queimada que fazia do lugar um inferno. Três corpos queimados no chão recebiam os primeiros raios da manhã que se põe, eram um cego, um coxo e uma criança surda. Na manhã seguinte choraram por eles, apenas Ethan e o pequeno cego, que se manteve ao lado de Ethan, sem pensar em desistir. Todos partiram, só restou um ao outro, sob aqueles corpos clamaram a Deus por um lugar. Só queriam um lugar para descansar e viver, tinha fé, que Deus atenderia sua oração.

## **A mulher**

Eloah, mulher devota, casada com um dos chefes da construção da Torre, têm uma vida simples e devotada. Desde mais nova tinha por grande desejo sentir uma criança pulando em seu ventre, queria saber qual era essa sensação, sempre tocava a barriga da mãe, sentiu todos os seus oito irmãos, foi a primeira filha da família, mas não ocupou o lugar do primogênito. Havia muito tempo que tentava cumprir seu designo de povoar a terra, se sentia oca, como terra seca, infrutífera, nada lhe fazia sentindo até que sua missão nessa terra fosse cumprida. Não existe, nada que eu queira mais do que isso, fala para o marido, e ele também desejoso pelo filho, sente que esse momento ainda chegará. Então, todas as noites antes de deitar os dois se ajoelhavam e elevam à Deus uma prece para que ele tivesse misericórdia e atendesse a sua oração, fizeram isso todas as noites por mais de vinte anos. Quando souberam que haveria em Sinar uma Torre que levaria os homens até os céus, não hesitaram, queriam que Deus pudesse tocar no ventre daquela mulher, para que aquela árvore pudesse dar frutos. Não demorou até comunicar o marido: Nós temos que ir pra Babel! Então os dois saíram de uma das províncias do sul até chegar em Babel, terra abençoada que seria o berço dos sonhos de Deus. Eloah,

então faz a Deus um clamor da hora que o sol se pôs até o momento do nascer, sob os primeiros tijolos da Torre suas lágrimas caíram, e no chão duro e o vento gelado daquela noite pouco iluminada, sentiu que Deus tinha ouvido suas preces. Volta pra casa nos braços do marido, esperançosa de que Deus atenderá sua oração.

### **Celebração do Meio**

Estavam os três na Torre, queriam sentir o gostinho de estar naquele lugar santo, a senhora grávida sobe as escadas bem devagar, desse vez preferiu deixar o marido em casa, sentia que aquele antes de mais nada era o seu milagre, queria agradecer ao Grande Deus pela tamanha vitória alcançada; Enquanto isso o pai, puxador de tijolos sobe as escadas com seu filho menor nos braços, tinha a intenção de agradecer e também de pedir a Deus que seu filho desaparecido pudesse voltar pra casa, estava ali por ele, trabalha por ele, aquela Torre era pra ele; O coxo, diferente da mulher e do pai, estava feliz, pois dormiria pela primeira vez no interior da torre, em um lugar que encontrará com o garoto cego, assim que estendeu sob o chão áspero do lugar sua manta sentiu um barulho forte vindo dos céus, a senhora grávida e o pai com sua filha virão diante dos seus olhos a Torre ruir e sob ela os seus olhos. O pai, havia perdido um filho pela falta da Torre, agora perderá o segundo por causa da Torre e sob os tijolos que ergueu caí morto abraçado com o filho em meio as destroços da Torre; e mulher caí sob o chão com a mão na barriga, Deus lhe tinha dado a graça de um filho, que era tão dela que não conseguiria nem nascer, morrerá com o filho em suas entranhas. E sob os escombros da imensa Torre, Deus demonstrou sua glória sob a pilha de corpos por entre as pedras, era o sinal de que não havia nenhum homem maior do que Ele.

# CAPÍTULO 5

QUEM É SUA PORTA?



**P E S S O A S   O U  
P E R S O N A G E N S ?**

## Um quiroterapeuta

por Ana Maria Furtado Néo  
Texto inspirado na obra *O escritor de fim de Semana*, Ray (1994)

Altura: 1,71m/ peso: 70 kg.

Sexo: masculino.

Cabelo: careca, meio da cabeça já sem cabelos. Laterais raspadas.

Trajes: calça e blusa branca, soltas, um discreto colar de contas em volta do pescoço, óculos redondos, descalço.

Corpo: magro, pele bronzeada, olhos verdes.

Boca: boca fina

Braços: finos

Imperfeições: impaciente, tem uma cicatriz perto de um dos olhos

Idade: 35 anos

Data de nascimento: 17 de março

Local de nascimento: Nordeste

Signo: Peixes

Residência: Uma casa grande, estilo um sobrado, afastada do centro urbano.

Um jardim: com fonte, vasto gramado, entrada de pedras, piscina, algumas mesinhas com bancos ao redor feitos de pedras. Casinhas de pássaros penduradas na lateral da casa, um filtro dos sonhos e um móbile de pedras naturais no portal de entrada, tudo muito colorido. Janelas com vista para o jardim. Na parte superior há um vasto salão, uma pirâmide de metal com uma almofada no meio, cadeiras, redes, um altar com várias entidades, santos, etc.

Vista para o horizonte: plantas e montanhas.

Veículo: uma bicicleta

Nome da personagem: Marcelo

Motivo: o personagem deseja ampliar seu lado espiritual, compreender e ajudar as pessoas, desvendar mistérios e conseguir sobreviver das terapias holísticas.

## Cena

Marcelo andou pelo jardim esticando os braços, sacudindo aquelas roupas frouxas e enxotando involuntariamente os pássaros. Sentiu-se um espantalho. Depois balançou a cabeça para afastar aquela sensação incomoda de afugentar alguns seres. Andou de forma peculiar pelo gramado, mãos às costas, esticando o dorso magro para traz. Esperava a última cliente do dia, Isabela. Não conhecia.

Resolveu voltar, arrumou os cristais, aspirou essência de alecrim para despertar e, por alguns minutos, tentou concentrar-se em meditação. Não funcionou. Retirou os óculos redondos e lavou-os em água corrente. Passou as mãos molhadas pelo rosto oleoso e pela cabeça, tateou alguns fios que despontavam próximos às orelhas, brevemente teria que passar a máquina. Sentiu um cheiro forte de Benjoim, levou a mão direita ao seu cordão de santo.

- Boa tarde, Isabela, né?

- Bela, por favor.

- Tudo bem, Bela? Você já fez alguma consulta deste estilo?

- Não, o mais parecido foi o jogo com as cartas de tarô.

- Então, temos algumas formas para começar: uma é fazer a leitura tradicional, das linhas das suas mãos. Outra é fazer a leitura dos pontos energéticos, os meridianos. Ou ainda podemos fazer uma mistura das duas leituras.

- Acho que um misto das duas.

- Ok. Coloque as mãos em concha para eu ver.

- Aqui, com essa penumbra, não está muito escuro para enxergar essas linhas.

- Não, está perfeito.

O primeiro ponto observado pelo quiroterapeuta foi um sinal escondido entre os dedos indicador e médio. Uma espécie de portal ativo e harmonizado. Canal extremamente poderoso. Sinal de bruxa, maga. Estava explicado o cheiro de Beijoim.

- Este sinal é poderoso. Você sabia?

- Como assim? O que posso fazer com ele?

Marcelo sentiu uma ponta de inveja, tantos anos desenvolvendo suas capacidades mágicas e aquela mulher com tanto poder inato e inconsciente. Se pudesse, tomaria aquela energia para si. Resolveu mudar de assunto. Apalpou o Monte de Vênus e arregalou os olhos.

- Vejo a imagem de uma coruja e de uma língua. Símbolos de sabedoria e da palavra. Com o que você trabalha?

- Não entendo o que significa. Sou contadora, trabalho com números, nunca fui fã das letras. Aliás, estou bem no campo profissional. Na verdade, quero saber o que minhas mãos revelam sobre relacionamentos.

Aquela mulher encarnava a sabedoria ancestral e, com apenas uma palavra, poderia curar os males de uma vida inteira, mas, naquele momento, queria apenas informações sobre relacionamentos. Decepcionado, Marcelo enveredou por esse caminho. Bela tinha uma linha afetiva sadia, mas cheia de contratempos. E estava passando por um período de desequilíbrio afetivo, temporário. Ela poderia mudar isso a qualquer hora, porém não compreendia.

- Então, posso ficar tranquila? Ainda vou arranjar alguém legal?

- Sim, Bela, mais rápido do que você imagina.

Na despedida, ele receitou uns banhos de rosas vermelhas, perfumes de baunilha, incenso de artemísia, velas rosas, rituais para a lua cheia. Ao longe, ela ia feliz e faceira. Ao redor daquele corpo minúsculo, uma aura entre os tons de rosas e lilases, era uma pessoa apaixonante, sempre atrairia amor para sua vida. Marcelo fixava aquela imagem, desejoso. Não, ele não queria ela. Ele queria ser ela.

## **Corredor solitário do Ibirapuera**

por Cristiane Maria Pereira Conde

Altura: 1,83m/ peso: 85 kg.

Sexo: masculino.

Cabelo: castanho-escuro, liso, curto, estilo tradicional, sempre arrumado, barba bem aparada, pele clara.

Roupa: regata preta, legging cinza (confortável), casual, sem ser despojado.

Sapatos: tênis mizzuno wave pró-runner.

Rosto: retangular, alongado, olhos amendoados, profundamente vívidos.

Boca: larga, lábios finos.

Posturas: passos firmes, olhar atento, sorriso tímido.

Constituição: ombros largos, postura alongada.

Braços: rígidos, muito brancos (prefere correr à tardinha, para evitar o sol).

Pernas: firmes, mas não muito grossas (típico de quem pratica corrida)

Imperfeições: cicatriz no ombro esquerdo; centralizador, inseguro (apesar da carapaça corporal).

Idade: 48 anos;

Data de nascimento: 12 de setembro de 1972 (virgem).

Local de nascimento: Florianópolis- SC.

Residência: São Paulo- Capital- Sobrado antigo na Vila Mariana reformado por seu irmão mais novo, arquiteto.

Cômodo favorito: seu escritório, interligado ao jardim, na parte de trás da casa.

Hábitos: gosta de correr ao ar livre; pedala como meio de transporte por opção, mas não se considera um ciclista; arrisca-se na culinária vegana. Acabou de fazer um curso de alimentação cetogênica; é amante de viagens.

Veículos: Bicicleta Caloi 10 aro 700, de 14 marchas; Jeep Compass (apenas para emergências e para suas viagens).

Nome da personagem: Marcelo Fortes.

Motivo: Desafios. Já chegou ao topo da carreira, é um advogado estabelecido e bem conceituado, mas sente um vazio interior. Não casou, apesar de ter vivido, no passado, um duradouro noivado com Rachel, casada com Erick, seu colega de Doutorado no Departamento de Ciências Jurídicas da USP e ex-sócio no escritório Fortes e Duque. Não teve filhos, considera um absurdo oferecer a alguém uma vida tão sem perspectivas. Busca um propósito na vida.



## Zuleikha

por Cristina Rothier

Mulher de meia idade, por volta dos 60 e poucos anos, medindo 1,65 m; uns 75 quilos, cabelos ondulados, despenteados, predominantemente grisalhos, na altura dos ombros; veste calça jeans (cor desgastada), camisa de botões, estampa florida (muitas flores pequenas e claras), sandálias tipo papete surradas, óculos bifocais, com lentes fotossensíveis; seu corpo é dotado de um tronco largo, com o abdômen um pouco avantajado, denunciando o sedentarismo e a alimentação despreocupada, pernas e braços finos, rosto com rugas acentuadas, olhos caídos, lábios finos, postura largada, passos arrastando os pés; chama-se Zuleikha; reside, em um bairro de classe média alta, no primeiro andar (apto 101) de um condomínio de 12 apartamentos; seu cômodo favorito é o seu quarto; da sua janela (situada na lateral do prédio), vê, do outro lado da rua, a piscina de um edifício de 6 andares e algumas casas vizinhas; tem um Scenic, da Renault, ano 2008, empoeirado e com pneus não calibrados; seu motivo é cuidar do pai.

Ao abrir a porta, levamos um susto. De cara uma com a outra, vi que Dona Zuleikha ainda sustentava o indicador da mão direita na altura da minha campainha, quando, recuperando-se da surpresa, disse um formal e insosso bom dia. “Bom dia, Dona Zuleikha! Tudo bem?”, respondi. Mecanicamente, contou que sua geladeira estava quebrada e precisava de alguns cubos de gelo. “É para refrescar a água do meu pai. Liguei ontem, logo cedo, para assistência técnica. Da última vez, o rapaz disse que não era caso de troca. A geladeira é das boas, sabe?! Mas ele ainda não veio. A senhora poderia me fazer esse favor?”. Assenti com cabeça e perguntei se ela desejava entrar; ao que agradeceu, recusando o convite: “Meu pai está sozinho...”. Dei um graças a Deus inaudível. Àquela hora do dia, sabia que o trânsito não iria colaborar, então corri, em direção à cozinha. Ao voltar para onde Dona Zuleikha me aguardava, estirei as mãos para entregar-lhe a vasilha. Ela estava com o olhar absorto e, como não reagia ao meu gesto, toquei-a. O friozinho dos meus dedos fez com que ela de supetão retornasse ao aqui e agora: “Muito

obrigada, muito obrigada!", disse, já de costas, descendo apressadamente as escadas que interligavam o meu apartamento ao dela.

## **Mulher trans apaixonada**

por Jennifer Adrielle Trajano Lima

Altura/corpo: 1,70, peso 64kg/ malhado, postura boçal.

Cabelo: preto longo e cacheado.

Roupa/sapato: cropped preto short de cintura alta marrom/ melissa.

Como interage: nunca olha nos olhos.

Rosto: triangular, queixo um pouco ressaltado, olhos castanhos e grandes, boca fina (séria) e nariz largo.

mão esquerda na cintura e mão direita no cigarro, esperando a outra, a esposa, chegar. balança uma das pernas perto do muro da lanchonete, enquanto é olhada algumas vezes pelo jovem curioso tomando açaí e comendo hambúrguer. talvez ele quisesse contato, mas estava acomodado e empurra com a barriga.

um pouco ansiosa, pega o celular e vez ou outra olha um carro que passa e o beco escuro ao lado de uma árvore de frente pra si, ainda naquela rua. quiçá, como uma loba solitária rejeitada pela alcateia, caso fosse jogada ao beco, até teria voz e conseguisse, minimamente, o olhar de alguém atento, como o do rapaz saciando a fome. nada além da não partilha.

Idade: 30 anos.

Data de nascimento: 09/05/1991.

Local de nascimento: Catolé do Rocha-PB.

Residência: João Pessoa-PB.

Casa alugada em comunidade, três vãos, vizinhos barulhentos e Wifi roubado. Consegue, pelo basculante quebrado, ver o pôr do sol descendo no Rio Sanhauá.

Cômodo favorito: quarto. Passa a manhã toda deitada na cama, depois levanta sem saber se toma café e fuma ou se fuma e come alguma coisa rápida, como um macarrão instantâneo. Não trabalha durante o dia, não pensa bem, a alma ainda está retornando ao corpo.

Veículo: uber/ 99/ caronas.

Nome da personagem: Maria.

Motivo: quer se sentir amada, mesmo que seja, como cantou Cazuza, um amor-mentira que a vaidade quer.

## **Momento**

por Joaes Cabral de Lima

A voz de Piaf preenchia o quarto naquele fim de tarde, uma tarde modorrenta, o vazio da casa, o silêncio que se abatia, o fim de um incêndio entre lençóis, amor consumado. "O céu azul sobre nós pode desabar, e a terra pode bem desmoronar, pouco me importa. Se você me ama, não me importo com o mundo inteiro. Enquanto o amor inundar as minhas manhãs, enquanto o meu corpo tremer sob às suas mãos. Pouco me importam os problemas, meu amor, já que você me ama".

Thales estava deitado, tão inocentemente na cama, exibindo um torso forte ainda suado, formas bem delineadas para um homem já passando da casa dos quarenta, e um vigor juvenil, não apenas para o sexo, mas para uma vida inteira. Seus lábios foram a primeira coisa que atiçou minha libido, lábios grossos que encapsulam um sorriso único e que soube como me atrair. Tudo aconteceu displicentemente, desejo sincero entre dois homens, amigos de longa data que sempre se comportaram como se o amor não pudesse nascer daquele convívio tão familiar.

O que fazer dali em diante era a grande questão, não queria que tudo terminasse como um desejo animal pelo coito, temia que Thales tivesse medo

pelo fato de ambos serem casados, com uma vida que parecia não ser a mais ideal, ao menos para mim. Ali sentado na poltrona, observava o homem que me fez sentir um novo prazer, pelo semelhante, de me deixar dominar e ser capaz de me entregar por completo, ser possuído de forma intensa, como jamais havia imaginado.

“Eu iria até o fim do mundo”, bradava Piaf. Naquele momento eu desejava gritar, queria me libertar. Levantei-me, ainda com o corpo nu, dirigindo-me para a janela em meio ao turbilhão de roupas e sapatos espalhados no chão, uma trilha de nossa explosão de desejo. Da janela vi que o céu estava tomado de tons de terra, ocres e amarelo se misturavam com um tênue lazúli, prenúncio de uma noite que estava por se abater, na cidade de São Leopoldo, na qual nascemos e que naquela tarde tinha particularmente acabado de renascer, como homem e como amante.

Não posso afirmar se para meu amigo o mesmo renascimento se sucedera, embora o seu nome denotasse um significado aparente, mas isso não me importava muito, nem mesmo se os astros que se alinharam no dia oito de janeiro de setenta e dois, quando Thales nasceu. Que se danem os astros, queria viver o momento e os dias que estavam por vir com toda a intensidade, sem mentiras, queria viver tudo o que não pude viver, queria dividir minha felicidade com Thales se assim ele desejasse.

“Deus reúne aqueles que se amam”, finalizava Piaf em sua performance, fazendo eclodir ao mesmo tempo, uma leve brisa que trazia um suave perfume de fim de tarde. Olhei de volta para Thales, que despertara e sorria para mim, exibindo o sexo em riste, convidativo, cujo segredo para envolvê-lo eu havia desvendado, o beijo suave e delicado, como se dá em um botão ainda por desabrochar.

Ele veio até mim, envolvendo-me com seus braços fortes, um homem alto e imponente, senti seu perfume mesclado ao doce aroma da virilidade, pulsante. Beijou-me sem pressa, umedecendo meus lábios, introduzindo sua língua delicadamente na minha boca, um hábito que se repetiu do nosso primeiro beijo e que me desarmou por completo. Aquele quarto da casa, ainda em reforma, seria o nosso segredo, o nosso lugar favorito, assim eu

decretava enquanto ele me conduzia para a poltrona, enquanto os últimos raios de sol eram abraçados pela noite, eu mais uma vez me submetia aos caprichos de Thales, enquanto em minha mente, as palavras de Piaf ecoavam, “Deus reúne aqueles que se amam”, sim eu verdadeiramente acreditava nisso.

## **Pela janela**

por Joel Guedes de Sousa

Altura: 1,51m/ peso: 98,5 kg.

Sexo: feminino.

Cabelo: loiro-acobreado, passando do ombro; anda como uma pata.

Roupa: short jeans azul, pouco acima dos joelhos, camiseta vermelha com busto mostrando os seios.

Corpo: desajeitado, baleia orca, lerdo, fraco; esparrama-se relaxadamente na cadeira em frente à rua; senta-se com as pernas abertas, de tornozelos grossos; esbanja falsidade.

Sandálias: couro sintético preto.

Rosto: Redondo, parecendo uma bolacha.

Boca: larga, lábios grossos; insinua arrogância.

Posturas: Mãos cruzadas, cotovelos sobre a cadeira em frente, queixo apoiado nas mãos. Recosta-se, reclina-se na cadeira, transforma-a numa poltrona ou espreguiçadeira (em local público, isso seria sinal de confusão?) Boceja, espreguiça-se, conversa com um e outro que passa, abre um sorriso: kkkkkkkk.

Constituição: gorda até o pescoço.

Braços: roliços e bronzeados, pelos dourados pelo sol.

Pernas: Grossas. Parecem garrações de água mineral.

Imperfeições: espaço entre os dois dentes frontais; dentuça; dores na região lombar; adora manipular pessoas em benefício dos próprios desejos.

Idade: 36-39 anos;

Data de nascimento: 11 de novembro de 1985-88 (escorpião).

Local de nascimento: Fortaleza - CE.

Residência: Rua das Umburanas - Arara - Paraíba.

Cômodo favorito: vive deitada no sofá da sala, com um celular acessando o whatsapp visualizando os diversos grupos; em sua casa ninguém entra sem ser convidado (especialmente as vizinhas/antagonistas); o quarto tem vista da janela para rua.

Hábitos: gosta de comer massas e não faz exercícios.

Veículo: Honda Biz.

Personagens: Regina, Marcia, Susana, Alécio...

Motivo: o que quer a personagem? Fazer fofoca.

## **Cena**

Pense agora como um diretor de teatro: agora que o seu personagem está devidamente vestido, que sabe exatamente o que fazer no palco do romance, como ele vai se mover e interagir com os outros personagens ali? Tente escrever uma cena explorando alguma das características que agora você conhece do seu personagem.

Regina perde o filho vítima de um acidente de moto e descobre que Márcia, sua vizinha, está tendo um caso com seu marido. Alécio promete para Márcia que deixará sua esposa para ir viver com ela. Susana sabendo disso e vendo pela janela do seu quarto Alécio entrando sempre na casa de Márcia, resolve então postar nos grupos uma foto do rapaz indo visitar a concubina, que o recebe com um beijo em plena luz do dia. Regina por está em um desses grupos decide ir tirar satisfação com Suzana, já que foi ela que postou. Suzana bem sentada em frente da sua casa, não se mexe, já que a gordura não deixa. Cansada por chegar de um passeio em sua biz dar uma de desentendida e afirma que essa notícia da pulada de cerca do Alécio, todos da rua já sabiam que a sem futuro da rua dava mole para tudo quanto era homem.

- Mulher deixa de ser tonta. Teu marido te trai com aquela sem futuro faz é tempo.
- Não é porque ele vive atrás da sem futuro da Marcia que eu irei deixar de amá-lo. Se incomode com sua vida deixe a minha e do meu marido de lado.
- Misericórdia, só queria ajudar!

## **Atrevida da turma**

por Lya Oliveira da Silva Souza Parente

Nome: Marina (oriunda do mar)

Sexo: feminino

Idade: 13 anos

Signo: sagitário - nasceu em dia de lua cheia e com direito a ressaca do mar

Local de nascimento: Capital litorânea e cosmopolita

Peso: 45 kg

Altura: 1,65m

Cabelos: demasiadamente cacheados, com camadas irregulares e volumosos, um pouco abaixo da altura dos ombros; com uma fivela de pérolas no lado esquerdo do cabelo.

Corpo: negra cor de canela, extremamente magra, de estatura mediana, frágil; os ossos do colo eram visíveis e tinha cicatrizes nas pernas, pois tinha alergia aos mosquitos do sítio de sua vó, que mora no interior. Busto saliente.

Vestimenta: vestido floral de cor mostarda, com bainha de *ruffle* bem volumosa, um pouco acima dos joelhos. Calçava sempre uma rasteirinha

confortável, com tiras finas brancas e aplicação de pedrinhas de *strass*, que davam um pouco de brilho aos pés magrelos. Carregava no ombro (quase nas costas), uma mochila jeans.

Rosto: redondo, brilhoso, com várias espinhas da puberdade.

Boca: lábios carnudos corados com *lip tint* e *gloss* de morango.

Hábitos: gosta de ler contos que baixava em seu *smartphone* deitada à beira-mar, enquanto esperava o pôr-do-sol; gosta de conversar consigo mesma mentalmente para elaborar respostas para tudo e todos; e de sonhar acordada tentando imaginar o que se passava na cabeça das pessoas.

Imperfeições: não tinha controle e não tinha cerimônia com aquilo que iria falar, tinha sempre a ironia como recurso para as respostas.

Conflito: Aluna rebate professor por escolha do romance selecionado para a turma e o modo como ele realiza a discussão de análise do livro. Afinal, Marina era filha de dona de livraria e participava de clubes de leitura de sua cidade.

## **Cena**

Marina entra na sala de aula com seu vestido floral e de posse de seu Jane Austin. Na lousa havia alguns cálculos e gráficos do professor de matemática. As cadeiras da classe já estavam organizadas em um grande círculo que incluía nela o birô do professor. A fragrância doce de tangerina de Marina despertou os olhares do trio de alunos que estava à espera do início da aula. Ela decidiu sentar-se na cadeira do lado esquerdo do professor, que ficava próximo a janela. Um por um, cada aluno ia chegando e selecionando onde iria se sentar. Com o caminhar dos minutos, a sala ia lotando e a agitação ia aumentando. Mariana adora observar a movimentação da turma. Até que o professor entra na sala...



## Personagem II

por Maria Betânia Peixoto Monteiro da Rocha

Personagem: Maria Catarina, Criança de 8 anos

Compleição física: Magrinha, pernas compridas e finas, braços compridos e finos. Cabelos na altura do pescoço, franja sempre cortada desigual. Joelhos protuberantes, assim como a barriga (tem intolerância a certos alimentos). Olhos castanhos escuros, mãos com palmas e dedos em tamanhos iguais. Os dedos têm formato cônico. No final do pescoço, no encontro com a parte superior do peito, há sempre bolinhas de brotoeja, quando não, uma porção de pasta d'água passada em abundância e com displicência.

Vestuário: Gosta de vestir-se de forma confortável. Quando não é a sua mãe que escolhe as suas roupas, Maria Catarina opta por camisas sem manga e sem estampa (as estampas esquentam) e os shorts de malha ou de algodão. Se pudesse, nunca vestiria uma calça comprida na vida. Adora os vestidos, mas só para sair e dormir.

Outros gostos: os cabelos estão sempre soltos, mas prefere não pentear. Aparentemente estão sempre arrumados, no entanto, quem passa a mão sente que por baixo há nós que não desatam com pentes (só tesouras).

Gestos: os braços compridos e finos são sempre muito movimentados durante a fala da menina, muito embora ela goste mesmo é do silêncio. Quando brinca sozinha, é comum ver os braços desenhando formas no ar, com muita leveza.

Motivação: criar mundos paralelos sempre que possível e quase sempre é possível.

### Cena

A mãe leva Maria Catarina à psicóloga. Ela está tirando o brinquedo dos amigos da escola sem a permissão deles.

- Não vou entrar, mãe.
- E tem motivo, minha filha?
- Você viu o colar dela?
- O que tem o colar?
- É de bolinhas grandes, enormes. Não viu?

...

- Bom dia. Maria Catarina?
- Está aqui um pouco resistente...
- Na minha sala tem muitos brinquedos, quer conhecer?
- Não.
- Tem também um tanque com areia e outro com água. No de areia você pode entrar, no de água, não.
- Mas posso colocar a mão?
- Até a altura do cotovelo está liberado.

Maria Catarina lamentou não ter sido ela quem escolheu a roupa do dia. Agora precisava arregaçar as mangas para não molhá-las. Eram lisas as paredes do tanque pelo lado de fora... Eram frias, bem friinhas também. Por dentro - ai que a água estava gelada! -, as paredes eram mais ásperas, e pintadas de um azul de céu de fim de semana. Uma praia e tanto! Ganhou até um redemoinho, que mais tarde se desfez.

Um braço maior que o de Maria Catarina, mais gordo também, com mãos decoradas de anéis e unhas pintadas de verde cintilante, atravessou o tanque e depositou um barquinho de papel. Maria Catarina abriu a caixa de lápis de cor de Antônio, seu colega de escola, e pintou a embarcação de riscos ordenados e rabiscos de todas as cores. Convidou Penélope, a boneca de Marília, para dar uma voltinha de barco, e o ursinho Timóteo, para não ficar sozinho, também foi convocado. Velejaram por mares tranquilos e bravios, por águas claras e profundas.

O barco, amolecido, desceu para o fundo do tanque.

Maria Catarina sentiu fome.

- Estou com fome, posso dizer a minha mãe?
- Vou abrir a porta para você. Até a próxima semana, Maria Catarina.
- Como está se sentido, fofinha, brincou um pouco?
- Mãe, a gente pode ir almoçar?
- Tomamos café da manhã não tem duas horas.
- Estou sentindo um buraco bem grande, que vem do coração até aqui, embaixo do umbigo.
- Então vamos fazer um lanche.
- Vamos.

### **Personagem III**

por Plínio Rógenes de França Dias

Nome: Lívia

Sexo: feminino

idade: 17 anos

altura: 1,60

peso: 63kg

Cabelos: coloridos, longos e malcuidados, geralmente volumosos

roupa: calça jeans e camiseta frouxa com tema da banda ACDC, sutiã à mostra

braços e pernas: com algumas estrias e uma tatuagem, onde se lê "Leandro"

Pele: clara, muito mais por falta de sol do que por ser branca.

Corpo: acima do peso, mas com movimentos suaves, revelando delicadeza, apesar de seu andar decidido e projetivo; deitada, fica bem relaxada; em pé,

se não estiver bêbada, caminha de forma silenciosa e precavida, como se quisesse não ser notada ou tivesse receio de encontrar alguém

Olhar: levemente caído, entre a tristeza e o aborrecimento. Mas com uma capacidade de atração misteriosa. Quando pode, usa óculos escuros para esconder-se ou para ocultar olheiras ou olhos vermelhos.

Personalidade: Por ter perdido o irmão mais velho aos doze anos, desenvolveu um conflito geracional, confrontando a mãe, seja por ideologia ou por reação ao tratamento que passou a ter depois que virou filha única. As cobranças abusivas e superprotetivas da mãe, Dona Deyse, estimularam a filha ao comportamento de choque. Por contraste, ela tem uma grande necessidade de chamar atenção do pai, cuja ausência por motivos profissionais, lhe fez desenvolver algum ceticismo em alguma relação familiar baseada em amor. Talvez por isso tenha tatuado no braço o nome de Leandro, seu irmão, que foi assassinado pelo melhor amigo no meio da rua. Esse melhor amigo de Leandro, seu assassino, é justamente o narrador-protagonista da história.

## **Cena**

A empregada parecia tensa ao me ver, mas mandou entrar:

- Entre. A Dona Deyse está lá dentro e vem já.

Não me mandou sentar. Fiquei em pé mesmo e me sentia melhor assim. Tudo naquele lugar me era hostil. E voltei a me perguntar o que é que eu tava fazendo ali. Tentei não pensar em nada, então. Tudo estava igual a como eu vi somente uma vez seis anos antes. Apenas uma coisa parecia diferente.

A cortina fechada escondia alguns espaços da grande sala, mas ao fundo eu consegui notar alguém se movendo sobre o sofá. Deitada, era uma moça que parecia dormir mas estava bastante agitada. Seus longos cabelos soltos e coloridos pendiam no braço do móvel, quase ao chão. Sua juventude era chamativa demais, do tipo que destoava daquele ambiente. Vestia um jeans e camiseta bastante frouxa, de um jeito que me fez apurar o olhar para seu

decote e o sutiã à mostra. Sei lá. Passei tanto tempo sem ver isso que precisei me controlar para não chegar mais perto. Eu tinha que me controlar.

Quando Dona Deyse apareceu na sala, estremei. Ela pareceu não notar que a moça estava deitada sobre o sofá. Como eu poderia esperar, foi seca ao me ver.

- Não consigo acreditar que estou sendo visitada pelo assassino do meu filho! Mas minha amiga Laura me garantiu que você tinha uma coisa muito importante a me entregar.

Tentei dizer alguma palavra como um sintoma muito. Mas só consegui gaguejar. Quando notei que não iria me comunicar minimamente, tirei a carta do bolso. A carta que esperou seis anos para ser entregue. Mostrei para ela.

- Leandro me pediu para lhe entregar isto.

Ela se manteve impassível. Coloquei a carta sobre a mesa.

- Senhora, espero que um dia a verdade possa ser menos dolorosa do que sua saudade do seu filho.

Saí.

Mas após fechar a porta, ouvi vozes do outro lado:

- Mãe, quem estava aqui agora era o Rafael, o que matou o Leandro?

- Você estava aí o tempo todo?

## **A mãe de sangue**

por Thiago Guilherme Calixto

Esboço: Avó de treze netos, mãe de quinze filhos, viúva de marido vivo, senhora que dobrou o tempo com as pontas dos dedos.

Corpo: 1,61 de altura, mas sempre pareceu mais alta do que era. Dedos longos e finos, pele cor de barro, possui a carne bronzeada pelo ardente sol do sertão. Pernas finas, coxas finas, comparada às irmãs sempre foi a mais franzina. Rosto arredondado, é possuidora de um cabelo branco que se alonga até a altura do ombro, sempre prende, diz que amarrado ele não atrapalha tanto. Olhos fortes, meio acinzentados pelo tempo, parece sempre procurar algo, que não tem sabe ao certo o endereço.

Roupa: Seu calçado se resume a dois pares muito parecidos, um destinado a festividades e momentos que considera importantes enquanto o outro rasga o chão da casa sempre às quatro da manhã. Diz que veste de tudo, mas na verdade possui uma sutil preferência por vestidos, só não usa porque além de não possuir um que a agrade, já passou da idade para isso, se contenta então com o que encontra de mais barato e sempre se dá por satisfeita.

Data de nascimento: Nascida no décimo primeiro dia do mês de fevereiro de 1962 possui 59 anos, mas foi registrada cinco anos depois, em um mês distante do seu nascimento um dia qualquer do calendário. Só passou a usar desse triste descuido depois dos trinta e agora cansada de explicar sempre a mesma história, deixa-se ser levada pelo que está no papel, sem mais palavras.

Local de Nascimento: No município de Boa Ventura, antiga Misericórdia, região do Vale do Piancó, sertão paraibano.

Residência: Casa de tijolo cuspida, por reboco apenas fachada, pintada por um verde franco como o telhado, com uma porta alta na lateral esquerda e uma grande janela do lado direito, a residência é cercada por um pedaço de chão que abriga o plantio de tudo quanto der, quando se tem água, é claro. Seu limite é marcado por uma cerca de arame farpado que também leva o nome de varal, situada na zona rural do município de Catingueira - PB.

Cômodo favorito: Se divide entre a cozinha e seu oratório no canto da sala, nos fins de tarde recorre a calçada para não enlouque. Se fosse questionada

sobre sua preferência certamente diria que é seu oratório, mesmo sabendo que aquilo não era totalmente verdade.

Nome da personagem: Dona Rosa

Motivo: Manter todos os netos vivos.

## **Cena**

Marluce: Dozinha tá de buxo de novo, tu viu?

Zetinha: Ela já tá quase parindo, mulher, tu é atrasada demais, toda vez tu vêm com uma conversa quando todo mundo já sabe, tuas fofoca é tudo velha, Marluce. Liga essas antenas, mulher.

Marluce: Eu não passo o dia todo na calçada como tu não, visse [diz batendo nas costas de Zetinha] eu tenho o que fazer. E fazia era tempo que não tinha visto mais Dozinha.

Zetinha: Olha pra Neca, sabe de tudo, toda tarde tá aqui na frente, catucando essa chapa véia dela.

Neca: Dr. Marcelo, disse que ia me dar outra, mas era só se ele ganhasse, todo mundo aqui votou nele por conta dessa chapa, mas ele não ganhou, que derrota. Eu fiquei aqui com os dente tudo arrombado.

Zetinha: Vai ter que aguentar mais um bocadinho, só daqui a quatro anos agora.

Neca: Quatro nada, dois. Mais voltando [diz cruzando ligeiramente as pernas], não sei pra onde ela vai com tanto pirai, um atrás do outro, parece que não sabe goza fora.

Marluce: Coitada, Neca, o marido dela já foi embora não sei quantas vezes, diz que vai tentar a vida em João Pessoa, na casa dos irmãos, mas toda vez volta mais liso do que saiu, e ela fica aí com esse bando de menino.

Zetinha: quanto são mesmo, Marluce? Daqui eu já tô vendo uns seis.

Marluce: Até onde eu sei é doze, sem contar com o da barriga. Ajudei com no parto de três, e ganhei três afilhados, quero aumentar esse caldo não, tô fora.

Neca: Que gritaria é essa em?

Estrela: Corre, Tia Marluce. Corre, que a bolsa de mainha estorou [diz ofegante].

Neca: Que boca desgraçada, corre, mulher, vai engrossar teu pirão [comenta em tom sarcástico, enquanto bate na perna esquerda com palma da mão].

Marluce dá o último gole no café ralo, que tomava, e corre em direção a casa de Dorzinha

Estrela: Entra logo, Tia Marluce, mãe tá passado muito mal.

Marluce: Cadê sua avó?

Dona Rosa: Tô aqui, tava esquentando água. A bolsa dela estourou agorinha, Marluce.

Marluce: Meu Deus, não tem como levar ela pra outro lugar não, Dona Rosa? Cadê Cristiano?

Dona Rosa: Já mandei Serginho ir na casa de Seu Pedro chamar ele pra gente levar ela no Rodrigo Mendes. Cristiano? Rãm... Tu não viu não? ele saiu ontem bem cedo, disse que ia pra Recife dessa vez. Arrumou uma carona e foi com a roupa do coro.

Dorzinha: Mainha, pelo amor de Deus, para de falar desse derrota, eu ainda mato ele. Devia tá aqui, mas é sempre assim, toda vez que preciso dele ele some. Aiii... Tá doendo demais, meu Deus, me ajude.

Marluce: Dona Rosa, segura as pernas dela nessa posição. Mais Tire logo esses menino daqui.

Dona Rosa: Vão brincar lá fora, vão, chispem. O irmão de vocês tá chegando, ele precisa de espaço se não ela não nasce.

Estrela: Vó, eu posso ajudar aqui?



Dona Rosa: Fique minha filha, só você, podemos precisar de ajuda. Mas vocês não, vão, vão e cuidado, não é pra passar da cerca [diz enquanto fecha a porta].

Vendo a situação do outro lado da empoeirada rua, Neca acena.

Neca: Dona Rosa, se preocupe não, pode deixar, eu olho eles.

A velha agradece em silêncio.

Dona Rosa: O que foi minha filha? Segure minha mão aqui. Esquenta mais água Estela, ela tá com febre ainda. Vai Dozinha, ele tá chegando minha filha, faça força, vá.

Dorzinha: [um embargado de voz, quase um gemido, saí de sua boca] não aguento mais. Tá doendo muito.

Dona Rosa: Marluce, o que vamos fazer? Tá sangrando muito. Cadê, Seu Pedro que não chega.

Marluce: Vamo Dozinha, você consegue.

Marluce segura as duas pernas da mulher, enquanto seus músculos começam a entrar em contração.

Marluce: Força! Você vai vê o rostinho dele, força.

Dorzinha: [suspirando] não tá demorando demais não, Marluce?

Marluce: Tens uns que demora de mais tem outros que demora de mesmo, mais continue Dozinha, tu já passou por doze, mulher, tá treinada já. Continua, não desiste, ele tá chegando, continua, não para, respira e solta, vai...

Dorzinha: Aí... Meu Deus, expulsa logo esse menino, expulsa... Não aguento mais. Mãe, por favor, me ajuda. Me levam pra Rodrigo Mendes. Cadê Seu Pedro?

Dona Rosa: Ele tá vindo, Dorzinha.

Marluce: Força, força, tá vindo agora, vai Dozinha, tá vindo, tá vindo, ele tá vindo.

Dona Rosa: Força, minha filha, força, aperte a mão de sua mãe com força vá, ele vai sair.

Dorzinha: Meu Deus, aí... que dor, que dor..

Marluce: Chegou Dozinha, nasceu, meu Deus, nasceu.

Estrela: Meu irmão, mãe.

Marluce: É uma menina linda, Dozinha [diz Marluce, enrolando o recém nascido com um lençol azul clarinho].

Dona Rosa: olha Dozinha, que lindo, Dozinha. Segura sua filho, Dozinha. O que tá acontecendo com ela Marluce?

Marluce: Eu não sei Dona Rosa, ela tá fraca demais, não tá reagindo.

Dona Rosa: Dozinha, acorda, filha, olha a cara do menino, olha, olha, filha. [diz batendo no rosto já gelado da filha] Sal, pega sal, Estrela, pega sal [grita]. Cadê Serginho? Cadê Seu Pedro? Pegou o sal?

Estrela: Tá aqui, vó. Mãe, fala comigo, [diz a filha elevando a mão da mãe até seu corpo quente].

Dona Rosa: Me dá o sal, abre a boca, filha, abre. Ela tem pressão baixa Marluce, pode ser isso. Tem que tirar ela aqui, agora. Estrela, olhe se Serginho voltou. Cadê Seu Pedro? Marluce, ela tá morrendo, Marluce. Meu Deus, minha filha, não. Filha, aguenta mais um bocadinho vamo te levar no hospital.

Ao chegar correndo na casa, Serginho e Seu Pedro encontram a velha Rosa segurando a filha morta com um braço enquanto acalenta o neto chorando no outro, sob a poça de sangue que se acumulava no lençol amarelado da cama ela abraçou a dureza da morte e o esplendor da vida de uma vez só.

# CAPÍTULO 6

QUAL A CHAVE DA PORTA?



# MUSITURA

## Biografia I

por Ana Maria Furtado Néo

Eu-lírico/personagem: Uma viajante que compõe um diário das suas viagens.

Caraterísticas físicas: Cabelos ruivos, olhos cor de mel. Estatura mediana. Gosta de usar vestidos brancos. É magra. Bronzeada. Rosto lambuzado de protetor. Algumas sardas.

Características psicológicas: Curiosa, observadora, intensa. Já conheceu vários países. Prefere viajar pelo litoral. Não tolera injustiças, mas parece não conhecer bem a condição humana. Gosta de desenhar e escrever sobre suas viagens. Um dia, viu o lado feio de uma cidade, daquela cena triste, escreveu uma canção, pois não teve outra ação diante da indignação provocada pela cena.

### Texto escrito no diário do dia

A vida segue o seco do momento, eu vi com tristeza a beleza do dia murchar em pedra quente. Mãos de crianças, dedos pequenos com sangue coalhado, quebrando pedras amolecidas por águas de olhos doloridos. Mãos, martelos, marretas e infância. Todos os meus sentidos empoeirados. Meninos e meninas feitos estátuas de cal. Pedra lascada da condição humana. Eu petrifiquei por dentro. O olho congelou a cena. A boca aberta não transmitiu um grunhido sequer. Em estado de pedra que escuta e guarda eu estava. Eu não tinha mãos, nem braços, mas tinha sede, sede de pedra. Eu desejei jogar aquelas pedras ao mar e clamar pelos cuidados de lemanjá. Depois, o vento sobrou em minha indagação, trouxe um som inaudível, uma alento. Quase sonhei. Algo sobre um vilarejo, terras de heróis, lares de mães, sonho semeando um mundo melhor. Viajei pelos paraísos: Éden, Canaã, Hy Brasil, Shangri-lá. O mito construído para livrar os seres da condição humana. Como humana, eu

não sei e pouco fiz: apenas compôs uma canção e limitar-me a perguntar às pedras: o que fazer antes que os corações daquelas crianças pesem?

## **Biografia II**

por Cristiane Maria Pereira Conde  
Texto inspirado na música *Segue O Seco*, Marisa Monte

Paula é professora de escola rural no Assentamento Capim, em Sertânia, Pernambuco. Oriunda da zona urbana, seu convívio com os filhos de assentados tem lhe ensinado bem mais sobre as pessoas e a simplicidade necessária à vida plena que seus diplomas. É engajada e revoltada diante da ausência de políticas públicas que desenvolvam métodos de convívio com a estiagem. - Tão simples, repete para si mesma, - tão simples construir cisterna para armazenar água! Tão simples trazer assistência técnica para este lugar!

Tanger a boiada magra, rezar, alimentar as galinhas com o pouco milho guardado, rezar, arar a terra para esperar a chuva, rezar, esperar que Deus mande tempo bom. Esse é o cotidiano de João de Bia, que segue a vida, acreditando que o destino se encarrega de tudo.

Hércules-Quasímodo. Foi o que Paula pensara ao encarar aquele menino pela primeira vez. Difícil não remeter à descrição de Euclides da Cunha. "O sertanejo é antes de tudo um forte". É de chorar ver a falta de perspectivas para esse povo tão desassistido e tão primitivamente verdadeiro. É o seco, com a enxada seca, com a jornada seca, com a vida seca.

Paula não aceita o destino seco, não aceita o abandono. Chora e pede que a chuva chore, que o céu chore, que haja alguma forma de a chuva ser derramada. Pode ser lágrimas de São Pedro, pode ser um grande amor chorando, pode ser, pode ser...

## Simão Viana (1926 - 1988)

por Cristina Rothier Duarte  
Texto inspirado na música *Oceano*, Djavan

Simão Viana, nascido em 19 de outubro de 1926, em Botafogo, Rio de Janeiro, jornalista, boêmio, viveu entre escrever crônicas para jornais cariocas e poemas nunca publicados. Trabalhou para o *Jornal do Brasil*, para *O Globo* e para o *Diário do Rio*. Suas colunas versavam sobre o cotidiano do cidadão comum carioca. Preferia temas amenos, silenciando-se politicamente, o que lhe garantia recursos financeiros para viver, ainda que com simplicidade, e trânsito livre na imprensa e nas mesas de bar, onde era conhecido como eterno namorado. Orgulhava-se do título e, nesse sentido, sempre que podia propalava a glória de nunca ter se apaixonado e de ser um solteirão de carteirinha. Simão faleceu aos 61 anos, na Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro, devido a problemas hepáticos. Deixou um apartamento de dois quartos, em Santa Isabel, para seu único irmão, Sérgio Viana, três anos mais moço, que há muito tempo não via, em razão de residir no exterior desde que concluiu a faculdade de Economia. Ao seu velório, compareceram alguns amigos. Seis meses após seu enterro, quando Sérgio chegou ao Rio de Janeiro, para resolver questões relacionadas à herança, mais de vinte cadernos de anotações de Simão foram encontrados. Neles, havia, além de notas de cunho pessoal, inúmeros poemas cujo mote era o amor não correspondido. Na época, especulou-se, com base nos apontamentos, que a vida solitária de Simão devia-se à perda de uma grande paixão, ainda na juventude, a qual nunca superara. Desconhecendo o relevante valor estético, os textos foram vendidos para o *Diário do Rio* pelo equivalente a um mês de publicação na coluna assinada por Simão. Aproximadamente um ano mais tarde, em 1989, um de seus poemas ganhou melodia, e Djavan lançou-o como canção. "Oceano" tornou-se um grande sucesso, consagrando o cantor como um dos melhores do Brasil.

## Imprecisões precisas

por Jennifer Adrielle Trajano Lima  
Texto inspirado na música *Que me continua*, Arnaldo Antunes

desde que te vi, quis de alguma forma que você me continuasse. hoje, percebendo a continuação do que há em ti dentro de mim, penso ser a vida uma intérmina sucessão. algumas coisas permanecem e seguem modificando as luzes habitadas em nós. e se o claro ilumina futuros acontecimentos, quero que o sejas em meu caminho, construindo-me tal qual o barro esperando a essência do tijolo que aguarda o muro que gera a casa que pare o quarto que espera a cama almejando por você me aguardando continuamente. se, se, se, como cigarras que preservam o silêncio da noite ao cantar nos cantos, mesmo sabendo que do céu pode cair a circunstância do naufrágio derramando a última gota de vida; mesmo sabendo que a sombra persegue a lâmpada.

casa de dentro, propícia a tudo: habitação, destruição, reforma, mudança de hóspedes. cá estou, entregue; tanto que te peço para me continuar em todos os contextos possíveis, aceitando as variadas estações que influenciam o clima desse corpo que sucede. não sei se continuaremos, afinal, e também isso não deixa de ser continuação, mas vale dizer: mesmo aparecendo um vírus rasgando a memória, a exemplo da velhice, por certo um fragmento de você em mim vai continuar no se, se, se.

## Biografia III

por Joaes Cabral de Lima  
Texto inspirado da música *Espumas ao vento*, Fagner

Julião Badaró de Alcântara Vasconcelos, nascido em 26 de julho de 1956, na cidade de Pilar-PB, filho de Mariana Boaventura de Vasconcelos e Joaquim Mauro Teixeira de Alcântara. Embora descendente de uma família de

ilustres políticos e fazendeiros da região, sendo ele tetraneto do famoso Barão de Maraú, Julião Badaró, tomou um caminho profissional bem diferente de seus familiares, optando pelo comércio.

Iniciou carreira como mascate, vendendo produtos diversos em cidades circunvizinhas, até que em 1990 firmou-se como lojista no centro de sua cidade natal, inaugurando o Empório Badaró. Casou-se com Enezita Guarapava da Anunciação, jovem professora, natural da cidade de Zabelê-PB, cujo tumultuado relacionamento com Júlio Badaró causou um grande desconforto entre os dois municípios do Estado, haja vista que a Enezita era filha do prefeito e pretense candidato ao governo do Estado, na época do incidente, que quase levou as cidades de Zabelê e Pilar à uma sangrenta guerra civil.

O famoso incidente, batizado nos anais jurídicos e históricos de ambas as cidades, ficou conhecido como “anáguas e champanhe”, e se desencadeou no castelo de tolerância de Maria Beduína, cafetina da cidade de Pilar, a tal senhora, cujo métier sempre foi de longa data solicitado por ilustres senhores da região, testemunhou em favor do acusado, alegando que o mesmo fazia apenas comércio, mesmo no salão de baile do castelo tarde da noite. E faltando um dia para seu casamento com a jovem professora, esta movida pelo ciúme, chegou armada de espingarda e segundo testemunhas, disparou algumas vezes, causando muito mais danos à propriedade do que aos frequentadores do lugar.

A quase guerra entre as localidades teve início quando Julião Badaró, livre de qualquer acusação em sua cidade, tentou fazer sua ex-noiva ouvir a sua versão do incidente, sendo colocado para fora de Zabelê, sob ameaças, pelos moradores que o acusaram de tentar manchar a honra da ilustre virgem zabeleense. Os moradores de Pilar tomaram então partido do irmão nativo e tencionaram pegar em armas, para fazer o comerciante entrar na cidade sob escolta e sem qualquer medo de troca de tiros e corte de faca com os rivais, notícia que logo chegou a Zabelê, levando homens e mulheres a armarem-se e formarem barricadas na rua principal. A sangria só foi evitada graças a intervenção do pároco, que propôs à jovem que ouvisse o rapaz e se a



explicação não lhe fosse satisfatória, tudo seria encerrado de vez. Ela se recusou, pois segundo foi relatado por familiares, ainda se sentia muito magoada, desta forma, o pároco sugeriu que Julião Badaró redigisse uma missiva, que de pronto foi aceita por Enezita. Uma semana se passou até que a carta ficasse pronta e dois dias para ser entregue, pois na época, o correio ainda se fazia precário e o transporte das correspondências era feito no lombo de jegues.

A carta ainda hoje, em exposição no pequeno museu municipal de Zabelê, demonstra em suas linhas, profundo amor e lirismo sofrido de um apaixonado arrependido, trechos como “sei que ai dentro de ti, minha amada, ainda mora um pouco daquele amor intenso que tanto fez meu coração bater”, e também, “ sei que errei e aqui estou para te pedir perdão, fui louco em não dá ouvidos à razão” foram amplamente explorados por cordelistas e músicos que souberam contar um pouco deste peculiar momento da história das duas cidades, que enfim puderam ficar em paz e celebrar o casamento dos jovens, pois sensibilizada pelas palavras escritas de Julião Badaró, concedeu-lhe o perdão.

Julião Badaró e Enezita, tiveram três filhos que se tornaram uma ponte entre as duas cidades, filhos com dupla municipalidade que estreitaram os laços entre as pequenas localidades do interior do estado da Paraíba.

## **Separação**

por Joel Guedes de Sousa  
Texto inspirado na música *Só hoje*, Jota Quest

Pedro Antonio Martins Nobrega, branco, cabelos lisos, estatura média, nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais, no dia 10 de dezembro de 1988. Formado em Música pela Universidade Católica de Minas Gerais, desde menino já vivia em estado de poesia. Impetuoso e filho de uma professora de artes e um engenheiro agrônomo ama ler e

escrever.

No ano de 2002 com 14 anos e depois de cursar o ensino fundamental em algumas escolas particulares entra no ensino médio em uma escola pública. Iniciou essa fase de estudos na Escola Estadual Afonso Pena em Belo Horizonte. Ao fazer novos círculos de amizade passou a usar do seu encanto com as palavras para se aproximar de Maria Isabel, loira, magra e olhos verdes. Passaram-se alguns meses e Pedro começou um curto namoro com ela. Com pouco tempo de namoro surgiram às brigas devido ao ciúme e imposições ao comportamento liberal de Isabel.

O desentendimento ocasionou em um pedido de tempo, fator que levou Pedro a escrever alguns versos que encantariam aquele ser - O que é imortal não morre no final, se faz de conta que não está nem aí pra mim, você não me engana sei que você ainda está afim, quem dera ser um peixe para em seu líquido aquário mergulhar, temos que ouvir nosso coração, estou na solidão, você pode ter um tempo pra pensar e uma eternidade pra se arrepender, não me deixe dizer que sou o causador da tua insônia que faço tudo errado sempre, pois não poderia imaginar que mais dia menos dia me encantaria por todo o seu ser. Antes de desistir do amor. Tenta o meu, por favor.

Após receber esses versos em letras douradas e um papel bonito Isabel chorou de emoção. Poucos anos após entrar na Faculdade os dois se casaram, não houve tempo para terem filhos, Isabel acabou morrendo em um trágico acidente de ônibus, no qual viajava para assistir às aulas no curso de Psicologia.

Sem enxergar uma luz no fim do túnel, Pedro vivendo uma dor sem anestesia, relembra que dias antes do acidente, ambos discutiram o que teria deixado várias marcas no corpo de Isabel, aquele copo quebrado em suas costas, o chute em sua barriga e a rasteira que a fez cair naquela sala de piso brilhante de porcelanato e iluminada por um lustre de cristal. Porém a dor por maior que fosse ainda não foi suficiente para adoçar a separação eterna. Percebendo que o sol não mais apareceu, ele esboçou as primeiras letras de uma canção a qual não poderia mais compartilhar com o seu horizonte.

## Biografia IV

por Lya Oliveira da Silva Souza Parente  
Texto inspirado na música *Sujeita de sorte*, Belchior

José da Silva nasceu em Redenção (CE), em 31 de dezembro de 1999. Descendente de uma família quilombola convertida ao cristianismo. Estudou na cidade de Baturité, em uma escola Salesiana. Ele foi uma criança e jovem de inteligência e personalidade admiráveis. Filho de mãe professora e de pai pastor, sempre teve os livros como companheiros, principalmente para entender seus questionamentos existenciais.

Aos treze anos de idade, José entendeu que nascera no corpo errado. Foi expulso de casa pelo pai. A rua tornou-se seu novo lar, decidiu então que aquela cidade não lhe pertencia mais. Resolveu mudar-se para a cidade de Fortaleza e lá encontrar sua redenção. A vida na capital mais violenta do Brasil não foi fácil. Ele precisou vender seu corpo para sobreviver. Ainda bem que à noite, os bancos da praça do Ferreira lhe abraçavam e, ao amanhecer, os livros da praça dos Leões lhe revigoravam.

Cada alvorada era um novo renascimento, ele agradecia aos seus ancestrais por isso e se considerava um sujeito de sorte, embora o medo, o preconceito, a violência física e psicológica estarem cotidianamente presentes. Ele chorava pra cachorro. Apesar de muito moço e dos imbróglis, ele sempre manteve a chama da esperança viva, provavelmente oriunda dos seus companheiros de bolso.

O medo, o preconceito, a violência física e psicológica e todas as circunstâncias daquela vida lhe ensinaram sobre autoconsciência e coragem, que foram vitais para pôr em prática seu grande sonho. Ele se sentia sã, salvo e forte e, por isso, José queria matar José. E agora José?

No dia 31 de dezembro de 2020, José depois de sangrar demais morreu na sala de cirurgia e, no dia primeiro do ano vindouro, nasceu Dandara

da Silva. Sim, a Deusa é brasileira e anda do lado dessa sujeita de sorte, princesa guerreira que decidiu não sofrer mais como no ano passado. E, por isso, ela canta: “Ano passado eu morri, mas esse ano não morro/ano passado eu morri, mas esse ano não morro!”

## **Amar(Et)al**

por Maria Betânia Peixoto Monteiro da Rocha  
Texto inspirado na música *Domingo no parque*, Gilberto Gil

Juliana Amaral Mendonça nasceu no bairro da Ribeira, em Salvador, no ano de 1961. Foi a primeira e única filha do casal Josinaldo Mendonça Silva e Cleidine do Amaral, ambos pescadores aposentados da praia da Ribeira.

Nos primeiros anos de vida, ficou sob os cuidados da avó, Maria de Lurdes Amaral e do Avô, Pedro Amaral. Quando Juliana completou cinco anos de idade, os pais, após retornarem à cidade de nascimento da filha, responsabilizaram-se pela educação da pequena soteropolitana.

No final do ano de 1966, dona Maria de Lurdes, a avó, tirou sua própria vida em decorrência de uma forte depressão. A morte de Maria de Lurdes não foi superada pelo viúvo, que na virada do ano, em primeiro de janeiro de 1967, decidiu percorrer o mesmo caminho da esposa.

Marcada pela perda trágica dos pais, Cleidine do Amaral, mãe de Juliana, buscou apoio em instituições públicas como o Hospital Municipal de Salvador (HMS), e o Centro de Referência Assistencial de Salvador, atualmente chamado de CRAS-Salvador. Diante da falta de acompanhamento especializado, Cleidine retornou para Feira de Santana, cidade onde moravam os pais do seu marido.

Na cidade do interior, o casal acompanhou o desenvolvimento da filha. No ano de 1980, perto de completar vinte anos de idade, Juliana recebeu a visita dos antigos vizinhos da capital, os donos da Sorveteria da Ribeira. Eles a

convidaram para trabalhar no estabelecimento, garantindo a ela acomodação e apoio nos estudos para que conseguisse ingressar numa universidade.

Já como funcionária de seus antigos vizinhos, conheceu os amigos José Périplo, trabalhador do mercado público do bairro, e João, ajudante de pedreiro que prestava serviço nos arredores da Sorveteria da Ribeira.

Em 1981, Juliana Amaral Mendonça foi morta a facadas, na roda gigante do parque Universal, montado na Boca do Rio. Além de Juliana Amaral, foi encontrado o corpo de João, cujo sobrenome não foi identificado. O crime passional foi cometido por José Périplo, amigo das vítimas.

O enterro da jovem foi acompanhado pelo pai. A mãe optou por permanecer em Feira de Santana. A biografia de Juliana Amaral faz parte do Memorial das Vidas Não Esquecidas de Salvador.

## **Biografia V**

por Plínio Rógenes de França Dias  
Texto inspirado na música Sangrando, Luiz Gonzaga Júnior

Quando José Esteves dos Santos foi se casar com Margarida Lucinda de Moura, passou todo um filme pela sua cabeça, o filme da sua vida. E o clímax era este sacramento. Sa-cra-men-to: sentia o peso dessa palavra e um frio na barriga não o deixava pensar direito. Andava gaguejando para qualquer coisa que dizia, mesmo as mais banais. Desenvolveu um tique nervoso em suas pernas, de tanta ansiedade. Ou seria medo? No fundo ele tinha consciência das alterações de humor. E tinha certeza de que isso estava incomodando Margarida. Não é que ele não a amasse. Mas não tinha certeza de que o casamento era o caminho pra ser feliz ao seu lado. Por isso, investigou a profundidade dos seus sentimentos na sua história de vida.

Nascido em 29 de abril de 1991, no Rio de Janeiro, José era filho único de um casal muito intenso. Luiz Esteves, seu pai, era um autêntico malandro carioca que decidiu mudar de ares pra viver com Etelvina dos Santos, que

sonhava em ser cantora até conhecer Luiz. A música os uniu mas não conseguiu alimentar sua felicidade por muito tempo. Luiz, acostumado ao clima da boemia, gostava de fazer uns versos e tocava um pouco de violão. O suficiente para acompanhar Etelvina nos barzinhos, onde ela cantava os sucessos da época, com algum ecletismo próprio a quem canta na noite. Em geral predominava Entre tapas e beijos, de Leandro e Leonardo, mas a que ela cantava sem ninguém pedir era O mundo é um moinho, que ela achava ser de Cazuza.

Quando ela engravidou, começou a cantar com tanta intensidade, como se se despedisse, como que alimentando a sensação de que cantava para Luiz.

É provável que Margarida amasse mais a música do que Luiz. E é provável que Luiz amasse mais a liberdade do que Etelvina. Mas o quanto amariam mais o filho do que a música ou a liberdade? O fato é que, quando José nasceu, Etelvina logo sentiu falta do palco e Luiz da vida alegre dos botecos. Brigas se sucederam mas não houve separação. E o pequeno José cresceu assistindo acusações, gritos e ameaças suficientes para não compreender o sentido da união entre duas pessoas. Amor, que só via nas novelas de tevê, era palavra de luxo e muito fantasiosa. Quando José cresceu um pouco, Luiz agora era funcionário de repartição, fazendo atendimento no detran, bem arranjado com o chefe e com uns tocos que recebia pra facilitar a agilidade dos processos. Já a ex-cantora agora cuidava de casa e lavava roupa para fora, cada vez mais sem voz por trabalhar ao sol forte e gritar de noite com o marido.

José não ouvia diretamente a acusação de que atrapalhara a felicidade de seus pais, mas o tom de saudosismo que sentia nas suas vozes alimentou nele alguma culpa. Ou uma pesada responsabilidade: se ele nascera de duas almas desviadas de seus sonhos, nenhuma decisão a ser tomada sobre seu futuro poderia ser desconcertada com os desejos mais profundos de superação. Numa triste noite, após as costumeiras ameaças do marido, Etelvina ouviu do filho, agora com 11 anos, a promessa: um dia ele realizaria os seus sonhos. Ainda abalada pelo momento caótico recém-enfrentado,

abalou-se ainda mais com tal promessa. E com voz grossa e embargada, ponderou:

- Como você pode querer realizar meus sonhos, se eles já se realizaram todos! Fui cantora e encantei muita gente, fui amada e hoje tenho você. Hoje não posso mais cantar, e não sou mais amada nem por mim mesma. Mas vivo verdadeiramente e não devo nada a ninguém. Tudo o que eu digo é o que eu vivo. Tudo o que você ouvir é o que eu tô vivendo, tá entendendo?

Tanta dignidade ele via em seus olhos, e como brilhavam! Como era ativa! Tão poderosamente brilhantes eles eram, e tão graves as suas palavras, que sentiu que sua grande obrigação era ser feliz num casamento e, realizado com seu talento.

Como se pode esperar, filho de peixe... Começou a cantar. Ouvia Zezé de Camargo e Luciano, Bruno e Marrone e toda a diversidade de cantores sertanejos novos e não tão novos. E começou a acreditar que tinha que cantar como eles. Treinava falsetes, chamava uns colegas de escola pra formar dupla com ele. Mas os garotos em geral ou lhe desprezavam ou humilhavam, dizendo que não tinha voz, que aquilo não era canto, era choro de menina. E o fruto dessa tanta indiferença só poderia ser a disposição para escrever. Sentia que, ao escrever, os sentimentos se multiplicavam com as palavras, uma energia diferente tomava conta do seu corpo, suando e transbordando suas verdades. Era pura raça!

Pouco depois de completar 15 anos, Luiz Esteves faleceu num acidente de automóvel. No fundo, o coração de José aliviou-se. Nunca mais veria sua mãe chorar por ser agredida com palavras ou gestos. Mas seus sentimentos pesaram logo depois, contrastando com a inconsolada razão materna: orgulhe-se do pai que teve! Ele te amava. Do jeito dele, mas te amava.

Muitos anos de terapia seriam necessários para curar sua culpa, sua auto-estima inferiorizada, e sua incompreensão sobre o que era o amor. Mas se não tinha condições? Se não tinha acesso? E se mal sabia a diferença entre psicólogo e psiquiatra? Se tinha sido criado ouvindo que tudo aquilo era frescura?

Voltou para a palavra toda a fúria de suas angústias. E começou a compor canções. Quando terminou o ensino médio, não quis saber de universidade. Queria ajudar a mãe e arrumou um emprego de serviços gerais numa faculdade particular, onde conheceu Margarida e se apaixonou de imediato.

O amor não engrenou. A diferença social ainda era o maior problema, mas a moça não se afastou. E com isso deu esperança.

José só fazia seus serviços cantando. E assim foi descoberto. Gravado por uma secretária, teve suas imagens postada na internet, e viralizou. E chamou tanta atenção que foi convidado para participar de um show de Xitãozinho e Xororó. E ali sua carreira decolou. Apresentou uma canção pra dupla, que gravou e foi muito cantada pelo público.

José agora tinha 23 anos e foi buscar Margarida na faculdade com seu carro novo. Não cabia em si de orgulho. O namoro seria alavancado rapidamente ao casamento em menos de um ano. Tinham pressa. Agora já havia empresário, contrato, agenda de shows. Parecia realmente um sonho. Tanto que se lembrou de sua conversa com a mãe, e resolveu convidá-la para cantar, com sua voz rouca mesmo, no casamento.

E foi cantando que Etelvina se despediu de seu filho. Olhava em seus olhos com ternura, e a beleza da cena era tão inspiradora, que encantou a todos, e tomou as páginas sobre famosos. Mas aquela seria a última vez Etelvina veria seu filho.

Em 05 de agosto de 2016, aos vinte e cinco anos, José se acidentou num vôo a caminho de um show.

## **Olhos de sangue, vi no espelho**

por Thiago Guilherme Calixto  
Texto inspirado na música *Coruja muda*, Siba



49 anos, homem de pouca sorte para o jogo, motorista de ônibus desde os 22, casou-se aos 27 e adotou uma criança cinco anos depois, amava o marido, amava a filha, sentia o peso da responsabilidade e a plenitude da conquista, tinha uma família. Perdeu sua felicidade em um acidente de automóvel na imbricação norte da rodovia 101, no fim de tarde de domingo. 1,76 de altura, possui um corpo esguio, arredondado pelo passar dos anos, barba grossa, sempre por fazer, sobancelha espessa, mãos ásperas e um corpo tomado por pelos bem finos, o cabelo lhe confere uma jovialidade peculiar. Têm um rosto familiar que facilmente se perderia no meio de qualquer multidão, do pai herdou os contornos mais marcantes e da mãe o olhar intrigado, a cor da pele parece ter sido herança da avó, costureira húngara refugiada no nordeste brasileiro desde o início da década de 40. Homem de pouca vaidade, se perdia sempre em tons pastéis, tem um relógio preto colado ao punho e uma aliança ainda no dedo, suas combinações se resumiam em calça, camisa e tênis; bermuda, camiseta e chinelo, podia até fugir dessa regra, mas tudo precisava lhe trazer conforto, e não existia nada mais confortável do que passar sempre despercebido. nasceu Na madrugada de 16 de março de 1972, em uma maternidade pública na região central da cidade de Campina Grande, na Paraíba. Reside na sexta casa do lado direito da Rua Pedro Afonso de Paiva, nº 84, na zona sul de João Pessoa, lugar de pouco trânsito e de muito aconchego. o quintal era, sem dúvida, seu ambiente preferido e pareceria ser o único local capaz de oxigenar seus pulmões, gostava de pisar nas folhas secas da mangueira, e por isso sempre custava para fazer uma limpeza no local. Havia do lado esquerdo uma puxada de madeira que segurava as pontas de uma rede, o seu local de pensar em tudo quanto fosse problema, ao som de uma dezena de músicas que sempre repetia até o marido reclamar, e a mais recorrente era, sem dúvidas, espumas ao vento, na voz de Elza soares.

**Texto sobre o que aconteceu naquele dia**

Painho, eu vou sair. Tá me ouvindo? Painho? Oi, responde o homem de supetão. Por que tu passa tanto tempo olhando pra esse espelho em? isso não é normal. ei, Eu vou sair e vou levar Flor comigo, viu. Filha, vem cá, chega perto. Você tá enxergando alguma mudança no seu pai? Mudança? Que mudança? pergunta a menina. No meu rosto, não tá enxergando nada de diferente? Não, tô vendo nada não, tá tudo normal. Painho, sério, eu acho que tu precisa procurar ajuda. Desde o acidente você ficou assim, estranho, isso me preocupa. Eu tô bem, menina. Agora diga pra onde tu vai. Me dê trinta reais que revelo, retruca a menina. Oxi, tá dando pra me chantagear agora é? Olha que te bato viu. Eu vou precisar, painho. que coisa chata ter que ficar justificando tudo. Diga logo pra quê, insiste o homem. Vou na casa de uma amiga da escola, você não conhece, combinamos de passar a tarde fazendo um trabalho de geografia, vou precisar pra me alimentar né. Ô home pra perguntar, meu Deus. Me sinto uma criminosa quando você faz isso, sabia? Vai lá, na terceira gaveta da cômoda, diz consentindo. Pai, eu sei onde fica, já vou. Volte cedo, vai ter sopa de bode para a janta de hoje. E esse bode não se acaba mais em? Faça um bolo recheado, também, com o que sobrar desse bode, pra sobremesa, diz enquanto bate a porta da sala de estar. 49 anos de vida e nunca tinha ganhado nada, Nadinha, em sorteio nenhum, a primeira vez que ganho tenho que fazer o prêmio durar bem muito, fala enquanto continua a se olhar no espelho. Eu tô diferente, passa a mão sobre as curvas do rosto, se sente estranho e não é de hoje, já chegou a ficar se olhando no espelho por várias horas seguidas, não sabe ao certo o que procurava. Hoje, que a filha está fora, nem justificativa precisaria arrumar, perderia o tempo que fosse preciso procurando respostas e tropeçando nas mesmas perguntas, em frente ao espelho. Vontade não se justifica, só se atende. Aproveita a solidão pra tirar toda roupa. nu, tem gostado de ficar assim ultimamente, se sente livre e confortável, algo natural. Liga o som, sente na pele cada pedaço da música, canta forte, quase que brandando, como que em uma oração. Começa a fazer coisas sem sentido, cambaleia, sente que toda vez que dá um passo o mundo saí do lugar, os pés não sustentam o peso da vida, Vai de um lado para o outro, sem saber ao certo o que está acontecendo, não acredita que tenha se

embriagado com uma pequena taça de vinho. Não entende, consegue aumentar ainda mais o som, todos os ambientes são tomados pela canção, segura a foto emoldurada do marido morto nas mãos, lembra do quanto ele gostava de tirar foto e como eram diferentes. essa era a única foto que lembrava ter tirado nos últimos anos, sempre se recusava, achava que as fotos nunca demonstravam de fato quem ele era, mas agora ele tá diferente, agora se arrepende de muita coisa, agora não dá mais tempo, agora o sangue borbulha de tão quente, de repente sua mão paralisa e o porta retrato se quebra ao encontra o chão, o homem desaba, parece ter perdido o resto da força que o mantinha de pé. vê aqueles cacos no chão o faz lembrar do vidro sob a pista vazia naquela tarde de domingo, Rael agonizando no acento do lado, ele sangrando, desesperado... a pista.. o calor fumegante do asfalto... a carne ralada... o cheiro de fumaça... o fogo que não parava de queimar... Rael, desculpa. Me perdoa, diz balbuciando. Sente uma enorme dor no pé direito, chora pela dor de ter perdido o marido, chora pela dor que toma seu corpo. Estou indo te encontrar, meu amor, eu te amo, fala suspirando. não consegue mais se mover, a dor lhe torce as entranhas, sente o amargo da morte na boca, tenta agarrar seu próprio corpo, que se esvai, carne, sangue, músculos, tecidos, tenta segurar tudo, tenta juntar as partes que se desintegram, se curva involuntariamente, Em posição fetal, como se a passagem da vida para morte fosse um regredir. útero? até onde isso vai? sente o braço sendo rasgados pelos cacos de vidro, como que buscando a morte, sente que o compasso do coração fica cada vez mais longo, lhe falta ar, lhe falta vida, o peito parece se rasgar, o que tá acontecendo comigo?, grita, mas já não se entende nada que saí da sua boca, os sons parecem não corresponder a nenhuma língua humana. Se contrai como que diminuindo. Não tem força pra pedir ajuda, os olhos doloridos agora enxergam diferente, se assusta, tenta perfurar aqueles olhos estranhos, não são seus, rasga o que consegue, se contorce, moído por algo que nem imagina o que seja. Não sabe se está sendo possuído por um estrangeiro ou se tinha se apossado de alguém. Não sente o corpo, tudo se resume a dor. Por que você não me atendeu em painho? Diz a garota entrando em casa já por volta do horário do jantar. Painho, cadê tu? A menina encontra

a mesa feita e sob ela a panela de sopa de bode, um bolo, uma garrafa de café e dois lugares postos. havia várias fotos espelhadas pela casa, vários cacos de vidro no chão, se assusta, era a foto de seus pais, havia sangue. Meu Deus, painho, onde tu tá em? Corre para o quintal, não encontra nada, entre no banheiro, ele também não está, até que volta para a casa, esqueceu de procurar no quarto dele, talvez esteja lá. entra devagar, vê as manchas de sangue pelo chão como que indo em direção ao roupeiro, vê a porta do móvel entreaberta, ouve um gemido, não parecia ser gente, abre lentamente a porta, encontra enrolado nas roupas do Rael uma Coruja que chorava de olhos rasgados e sob sua pata um bilhete escrito: "Tire uma foto minha"

# CAPÍTULO 7

ESSA PORTA NUNCA ESTARÁ FECHADA



**O TEXTO RABISCADO  
NA CARNE**



## **Sem título I**

por Ana Maria Furtado Néo

Pra quê está assim, toda vestida de branco? Já vai pra macumba, né? Não adianta fazer trabalho pra aquele traste voltar pra ti. Aquele cão tem corpo fechado. Pra eu olhar os meninos? De jeito nenhum! Não sou escrava. Assinei minha alforria quando você saiu de casa. Estou cansada de trabalhar pra os outros. Pra mim não tem quem me faça um chá! Ei, volte aqui, Atanázia! Estou avisando. Não dou nem água pra esses moleques! Quer morrer? Pois morra! Esses dois aí, eu deixo no juizado. Foi embora, a desgraçada! Peste!

.....

Voltou? Cabelos trançados? O que tem na sacola? Deixa eu ver! Não adianta segurar não. Comida? Tu não tá se prostituindo, né, sua desavergonhada? Como? Ganhou das macumbeiras? Isso não tem feitiço? Tem nada não, oro em cima. Está tudo queimado em nome de Jesus! Vai logo se acostumando, pra ficar aqui, tem que trabalhar. Acha que vai sustentar dois meninos com imãs de geladeira? É uma abestada mesmo!

## **Sua mãe não bota nada em casa**

por Cristiane Maria Pereira Conde

Ela não conseguia entender meu choro. A vida não é fácil para mulher perdida. A pessoa se perder uma vez, ainda passa, mas cair de novo na mesma conversa, só eu. Perdida, puxando dois pequenos perdidos. Quando Mãe Nice me disse para abrir a geladeira, pensei na sede silenciosa de Pedrinho e em minha vontade de viver, perdida.

Nem sei como cheguei ao terreiro de Mãe Nice. Também não sei o quanto andei até chegar lá. Não sei o que me deu coragem de pedir água àquela mulher. Parecia uma santa. Uma santa diferente. Turbante, saia rodada, sorriso largo. Um cheiro de alfazema que me deu uma paz... Saí de casa naquele dia pensando em acabar definitivamente com essa história. Morta já estou! Melhor tirar mais uma boca das costas de minha mãe.

A mulher me mandou entrar. "Pode abrir a geladeira! - Pegue água, minha filha". Não consegui me mexer. Sem forças, sem coragem. Imediatamente, meu choro recebeu um abraço. "Chore, minha filha, pode chorar." Ela me deu água. Bebi meio copo. Pensei em perguntar se podia levar uma garrafa. Desisti. De que ia adiantar? Falta comida, falta trabalho, falta fôlego, falta tudo.

Acolhida no abraço de Mãe Nice, Yansã guerreira que salvou minha vida, lembrei das palavras de minha mãe e os olhinhos aflitos de meus filhos: "Sua mãe não bota nada em casa".

Aquele foi meu último dia de perdida.

## **Desassossego**

por Cristina Rothier Duarte

É meio-dia. Para Doralice, hora abissal do desassossego. Na beira do fogão, onde o menu do dia se anuncia: feijão, para acompanhar o bom e velho cuscuz "que nunca há de faltar" - advertência costumeira de Dona Antônia, a matriarca -, Doralice antevê o esbregue. Retrai-se. Ora a Deus para que seja curto. Passos ligeiros aproximam-se e aceleram ainda mais seu coração. O ar lhe falta. Pingados de suor, Manuela e Elias chegam da escola correndo. Passam emparelhados, espremendo-se pela porta, e, a tempo de baterem na panela, alcançam a geladeira. "Ganhei, Elias, EU vou beber primeiro!". "Ah, mãe!, olha a Manuela roubando...". Doralice não ouve os filhos. Seus olhos marejam,

passam pela figura sisuda de Dona Antônia e se fixam na caixa de remédio. “Uma cartela resolve meu problema”, pensa, “e nunca mais revejo a cena”: *A sua mãe não bota nada aqui, você não tem pai, então não vai abrir.*

## **Mostrar**

por Jennifer Adrielle Trajano Lima

procurei esse terreiro como um filhote busca a mãe no meio da caça, dona nilce. tenho medo de ele vir atrás de mim feito um punhal que é. não mais aguento retroceder, nem ficar fugindo daquele homem. mainha tanto me avisou sobre lúcio que hoje só fala me dando sombra no olhar parido de desgosto. queria comprar algo que preste a fim do fim, mas lá em casa nem água os meninos podem pegar da geladeira porque não tenho um pingo de dinheiro. talvez arrume uns trocados com alguma coisa aqui e já ajude, soube de umas oficinas. ninguém me vê, dona nilce. a senhora pode, por um minutinho, olhar pra mim?

## **Contar**

Joães Cabral De Lima

Os jovens chegaram ao terreiro quando a tarde já seguia na metade. A entrevista, segundo fui informada pelo editor do jornal, não seria algo demorado, nada mais do que algumas perguntas, fotos e, se fosse possível, uma ou duas falas de alguma das mulheres que nós acolhíamos. As tarefas da casa estavam a pleno vapor, ofereci uma merendinha para o pessoal, atitude que tornou o início da conversa mais tranquila, bem mais para mim do que para eles, pois jamais dei entrevistas.



Nada como um bom café para desinibir as vistas e tornar a conversa mais agradável. As perguntas começaram sobre o funcionamento do terreiro e se as ações que realizávamos na comunidade não interferiam em nossas celebrações. Expliquei que quando resolvemos começar com o trabalho assistencial, tomamos a precaução de não misturá-lo com nossas práticas e nem fosse entendido como uma forma de trazer novos frequentadores para o terreiro, pois não queríamos que nos confundissem com aqueles que nos apedrejam. Com essa resposta, todos começaram a rir.

Levei o grupo até nossa sala-oficina, onde acontecia uma aula de bordado ministrada por uma de nossas parceiras, uma vizinha que se dispôs a ensinar um pouco da arte que aprendeu com a avó. Falei que devido nossa falta de espaço, as oficinas eram organizadas por dia e horário, para que existisse um leque de opções. A princípio, ficamos apenas com os turnos manhã e tarde, mas logo tivemos que ampliar nosso espaço para a noite, já que algumas das mulheres trabalham durante o dia.

Foi então que expliquei que nosso trabalho não se resumia em oferecer oficinas, mas principalmente em dar apoio e socorrer mulheres vítimas de violência. Resolvi contar o caso da Sueli, mulher negra, moradora aqui do bairro, abandonada pelo marido com dois filhos pequenos para criar. Ela voltou a morar na casa da mãe, que passou a humilhá-la e a seus filhos, até impedindo os netos de abrir a geladeira para beber água, falando que ele não tinha direito de fazer isso, pois a mãe deles não contribuía com as despesas da casa e que eles não tinham pai.

Falei quanto o desabafo daquela mulher me doeu, quanto meu coração ficou apertado ao vê-la tão desesperada falando em suicídio. Sueli agora estava fazendo alguns cursos e havia aprendido a confeccionar ímãs de geladeira. Embora não tenha ficado rica, era um artesanato que estava ajudando-a a contribuir nas despesas de casa. Falei que não é fácil a vida que cada uma leva, mas confio nos meus Orixás que o nosso trabalho vai render bons frutos e vamos conseguir ajudar a todas que precisarem.

## Filhos do guerreiro

por Joel Guedes de Sousa

O espetáculo da vida é saber lidar com questões adversas sem deixar esmorecer. Mãe Nilce é uma mulher forte e guerreira que acolhe a todos que procuram o terreiro ILÊ OMOLU OXUM. Como Oxum, ela também reina sobre as águas doces do universo. O espírito que emana nela me faz regozijar de felicidade, tenho pouco dinheiro, mas posso dizer que essa grande mãe é, sobretudo, a fonte de tudo o que tenho. Dona Cícera, minha mãe de sangue, diz que ela é macumbeira, bate tambor e dança feito uma feiticeira. Não é assim, falta entendimento e sobra ignorância. Mãe Nilce mata galinha preta, acende vela e faz farofa para tirar feitiço de espírito maligno. Isso dona Cícera não quer saber. Ofereço o que tenho porque quero retribuir aos orixás a cura das enfermidades que atuam sobre mim. Mãe Nilce é preta como eu, sofre e não se deixa levar pela maldade humana. Seu olhar penetra na ação de quem vem para cima de seus filhos. É por isso que a considero, retira de mim as chagas dessa enfermidade que me maltrata. Dona Cícera diz que devo procurar a igreja de São Roque, pois lá ela é dizimista e frequenta a missa da cura e libertação. Quando padre Germano lhe abençoa já vira outra pessoa. “Lá você pode se curar, agora nesses terreiros você só encontra desgraça. Dona Rita que frequenta as missas todas as sextas-feiras me disse que pode te rezar, tira o mal olhado com apenas três rezas, essa sim é mulher de fé. Agora em terreiro só há agouro que te prejudica”. Não sabe ela que São Roque é também o nosso protetor. Se no terreiro não entra mandinga é porque somos filhos de um guerreiro.

## Sem título II

por Lya Oliveira da Silva Souza Parente

Eu já não aguento mais, mãe Nilce! Quero dar um ponto final nessa situação toda. Estou cansada de ver meus filhos abrirem a geladeira enferrujada em busca de iogurte e só encontrarem água, fria fumaça branca e humilhação. Seco o marejado dos olhos na frente deles. Não quero que eles me vejam chorando. Não quero que eles saibam que sou uma fracassada. Tenho muita vergonha de não conseguir comprar alimento pra eles. Me sinto uma estranha na casa da minha própria mãe. A vida lá é insuportável. Depois que os traficantes mataram meu irmão, ela se tornou muito amarga, sabe? Ela é daquela época que filho homem é um ser superior. Nem disfarça que não tem amor, nem por mim, nem pelos netos. Com essa pandemia e sem estudo, está difícil conseguir emprego de faxineira. As patroas só querem contratar se tiver ensino médio completo, pra não falar errado na frente dos filhos delas. Também nem adianta pedir dinheiro pra o pai dos pequenos. Tá vendo esse dente faltando aqui, ó? Esse roxo aqui nas minhas costelas? Foi ele. Aquele pastor desalmado. Sabe por quê? Ele é casado com outra pastora, a senhora acredita? Saí da casa dele porque não aguentava mais apanhar calada. Silenciei cada chute, cada murro e cada estupro para que meus filhos não me vissem sofrendo. Mas não dá mais pra suportar. Não aguento mais ver meus filhos chorando de fome. Não aguento mais ver minha mãe maltratando meus filhos. Não aguento mais ser humilhada. Não aguento mais. Não vejo outra saída a não ser a morte. Eu vou me matar.

## **Solução**

por Maria Betânia Peixoto Monteiro da Rocha

Minha barriga faz um queimado e tenho vontade de comer. Abro o armário, está cheio de vidro com os bota-gosto de minha avó. Também tem pacotes fechados de coisas que precisam ir para a panela. Nem tento mais

abrir a geladeira, porque ela sempre grita. Parece até que a voz gelada vem dali, mas não, é da minha avó: "a sua mãe não bota nada aqui, você não tem pai, então não vai abrir". Aí eu tenho que tomar água esfriada do filtro de barro mesmo, que nem passa o queimado direito. Meu irmão não sente isso. Vai brincar com os amigos e só volta quando já é noitinha. De duas uma: ou come na casa dos meninos ou as brincadeiras engolem ele. Eu não posso sair, "pra não ficar igual a sua mãe".

Agora minha mãe sai de casa todos os dias pela manhã e volta no fim da tarde, com a sacola cheia de umas coisas que eu vejo que são coloridas, mas que não sei dizer bem o que são. Ela não me deixa pegar. Diz que qualquer dia eu vou com ela, e que vou achar bom, pois só tem mulher, preta como nós, gentil como eu nunca vi, e que desfazem todos os tipos de nó atravessado no meio da garganta. Minha mãe devia ter vários desses. Eu notava que ela queria chorar, mas não tinha água pra sair. Vai que minha avó não a deixava ela ter a própria água.

Estou esperando a minha mãe. Ela disse que hoje vai sair surpresa da sacola dela. Que vai trazer duas coisas boas: uma de ser feliz no olho e outra de ser feliz na barriga. Eu ia ficar muito animada com um docinho geladinho, um arroz de coco geladinho, uma banana geladinha, até uma água geladinha, mas, pensando bem, se ela vem andando, a surpresa não segura o gelado.

Vou sentar aqui no batente, que o sol já desceu quase todo.

...

"Isso não é só para você, viu? Divida com o seu irmão. Não vou trazer sempre desses. As meninas falaram que açúcar faz mal, é só um agradinho mesmo. Mas olha, agora você vai poder abrir o armário e encontrar uns biscoitinhos para quando sentir fome. E vai poder abrir a geladeira, sua avó não vai mais reclamar. Mas ajude, enchendo as garras. Tomou água, encheu a garrafa. Não quero briga por isso."

E o do olho, mãe. O que deixa meu olho feliz, era o doce de leite, não era?

“São ímãs. Fiz dois. Estou vendendo, mas esses são para você e o seu irmão. Um menino e uma menina, são lindos, não são? Achei parecido com vocês. Vai lá na geladeira e coloca bem na porta. E quando olhar para a sua menina, lembra de beber água sempre, que faz bem pra tudo, e de encher a garrafa, tá certo?”

Daí não vai faltar nem lágrima, não é mãe?

“Nem lágrima”.

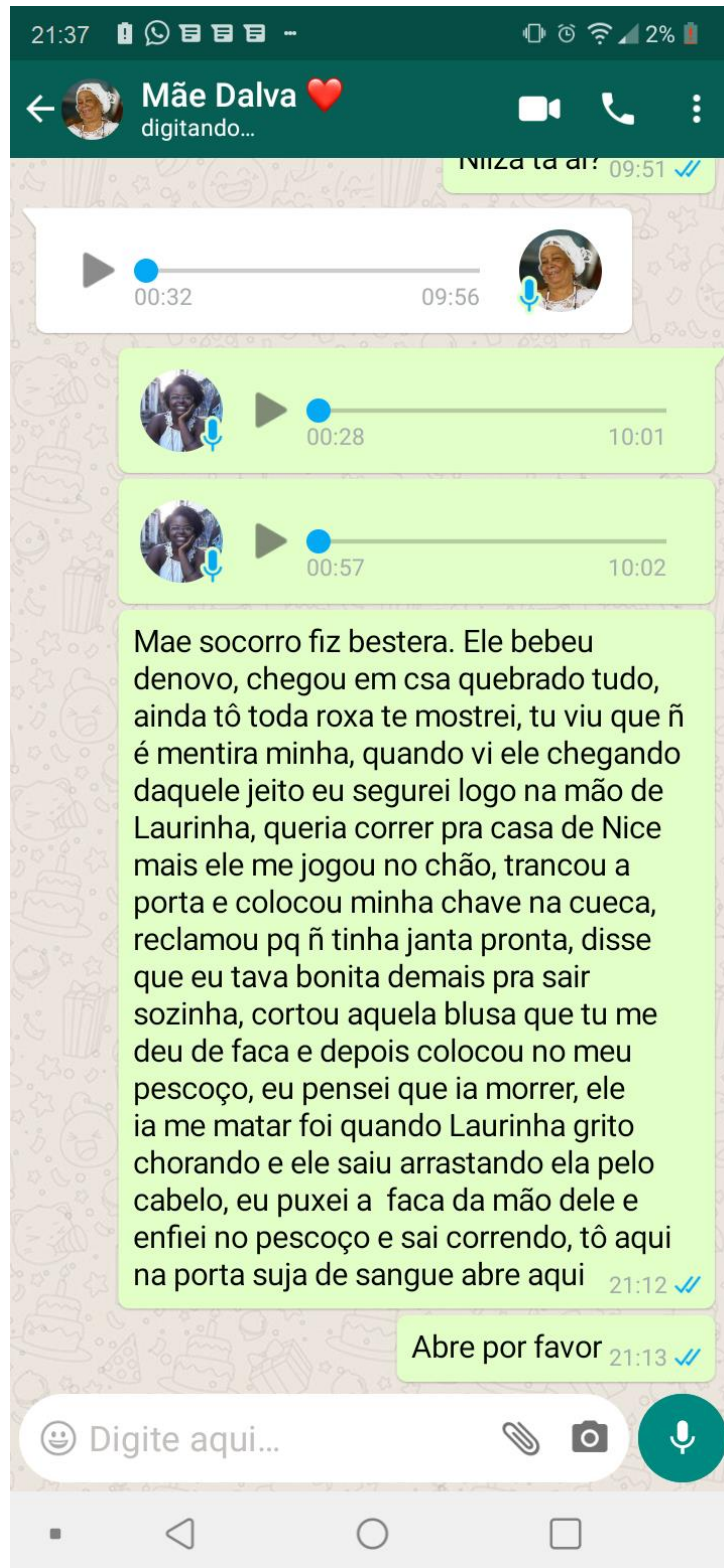
## **Criação**

por Plínio Rógenes de França Dias

Mãe, olha! Não, mãe, olha que lindo que ficou! É um jesus cristinho que cola na geladeira. Mãe Nilce contou que a primeira pessoa foi criada por Oxalá a partir de uma boneca de barro dada por Olodumaré. Acho que sou como Oxalá, mãe. Lembra da vó contando também essa história, mãe? Ela devia de saber de minha capacidade. Tá nascendo meu talento, mãe! A senhora num dizia que eu num dava pra nada, mãe? Olha como ficou bonito! Olhaaaaaaa! Vou fazer um monte de bonequinhos desses, bem coloridos, bem sorridentes. Todo mundo vai querer. Vou vender, mãe! Vou vender e vou ganhar dinheiro. Num vou mais precisar de macho nenhum pra dar de comer pros meus filhos. Nem vou precisar da senhora sozinha colocando a comida em casa. Olha, mãe! Olha! Num vou gastar com drogas, mãe! Num vou. Mãe, abre a porta!

## De onde vem o meu socorro

por Thiago Guilherme Calixto



# CAPÍTULO 8

A PORTA QUE PASSOU...



**O T E X T O N O  
T E R M I N A L**

## Resposta I

por Maria Furtado Néo  
Texto escrito em resposta a música *Espumas ao vento*, Fagner

Sim!

Espumas, espumas apenas

Criadas pela agitação de meus olhos lúcidos.

Espalhadas ao vento, decompondo-se em baile pelo ar.

Aos poucos, você se esvai.

Porque hoje eu sou água, imensidão;

E já é impossível para você o mergulho.

## Ao vento

por Cristiane Maria Pereira Conde  
Texto escrito em resposta a música *Espumas ao vento*, Fagner

*Sei que aí dentro ainda mora um pedacinho de mim, um grande amor não se acaba assim, feito espumas ao vento...* Dançar forró, em um tempo distante, significava um ritual para Isa. Era seu modo de transmitir afeto, de expressar sentimentos mais íntimos. Lembrara de quando se conheceram. Ao vento, ao som daquela música, corpos, olhos e bocas sorriam o encantamento da conexão. Quando pararam de dançar? Quando pararam de se olhar?

A névoa que pairara sobre suas vidas tinha nomes e sobrenomes. Invasões, acusações, desrespeito. Tal qual Bentinho, Pedro preferiu pautar a vida em desconfianças. Isa foi, aos poucos, se apagando, negara sua essência.



*Não é coisa de momento, raiva passageira... Difícil saber como encontrara forças para emergir, para se buscar.*

Pedro não dissera muito. Pelo WhatsApp, enviou o link com a interpretação de Elba Ramalho e Flávio José, no show em que se conheceram. *"É isso. Te amo, te espero, a música traduz tudo!"*.


À medida que ouvia a canção, lágrimas rolavam da face de Isa. Que interpretação de Elba! Quantas vezes a velha Isa esperou ouvir aquelas palavras! *Sei que errei, tô aqui pra te pedir perdão/ Cabeça doída, coração na mão /Desejo pegando fogo /E sem saber direito a hora e o que fazer /Eu não encontro uma palavra só pra te dizer /Ai, se eu fosse você eu voltava pra mim de novo...* Quantas vezes pensara ser a única causadora do desfecho! Como quis voltar para aquele homem!

Outrora emoção, Isa, agora razão, bem sabia o quanto aquela armadilha é geradora de gatilhos. "Essa mulher que carregou no útero as histórias de submissão e abusos de suas ancestrais não pode sucumbir", pensou alto. Levantou a cabeça, um vento manso balançou seus cabelos. *"... E de uma coisa fique certa, amor, a porta vai estar sempre aberta..."*, interrompeu a execução do vídeo. Ruptura cortante. Respondeu à mensagem. *Para você, minha porta não mais está aberta. Sou responsável pela minha felicidade!*

## **Story**

por Cristina Rothier  
Texto escrito em resposta a música *History*, Chico César



Juan decide se levantar. Os olhos secos de outra noite insone tornam o cenário ainda mais nebuloso. O @ que não sai da sua cabeça o anima: "quem sabe uma indireta pra mim...". Tateia a cama... nada. Embaixo do

travesseiro...nada... do lençol enrolado... nada... desloca o corpo um pouquinho... "aqui!". Desconecta o celular do carregador para ter mais liberdade. Desbloqueia a tela inicial. Toca o ícone , e surge um fiozinho de esperança de ver o mundo se abrir para ele... no começo da fila de stories não visualizados, aparece o dela, @marília\_dd. "um", suspira. **9h: [foto - TV da sala da casa de Marília] #em casa. #matandosaudade.**

**@l.matoso.** "sério isso?! saudade? quem é esse l. matoso?"

Embora tenha prometido para si mesmo que esta semana seria diferente, Juan desiste mais uma vez. Vira para esquerda, depois para a direita. Já não acha posição que o acomode na cama. Permanece em decúbito dorsal, como tem estado há...há... bom, desde que Marília disse que o rolê não estava tão massa entre eles e pediu um tempo.

## L. Matoso.

**Educador físico.** "sei!". **0 publicações; 2385 Seguidores; 867 Seguindo.** **22h: [print - percurso e emojis  ] Pago 10km.** "ixi! que

exibicionista". **20h: [foto - céu e emojis    **

**    ...] Domingou!!!** "afe! nã...". **16h: [foto -**

**mesa de um típico almoço em família e emoji ]**

***DISTROFIA ON!*** "blá, blá, blá..." **15h: \_ \_ \_ \_ \_ \_ \_ \_**

"nossa!!! não tem o que fazer?". **12h: [foto - na frente do**

**espelho e emoji ] Partiu ver more.** O coração

de Juan acelera... suas mãos suam - lembra, então, que perdeu a consulta. Precisava urgentemente de uma solução para essa hiperidrose que tanto o incomodava - "ah! depois

re marco". **9h: [foto...]**. "que danado é isso? que foto escura é essa?".

No story seguinte, **9h: [mesma foto... e emojis **

 ] **MELHOR BEIJO EVER.** "oi?! peraí!". Juan volta o

story: **9h: [mesma foto... e emojis  **]

**MELHOR BEIJO EVER.**

Juan olha para o nada, sua mão e o celular despencam sobre a cama, mas imediatamente reage. Precisa ver tudo o que há de ser visto. Quando volta o dispositivo para o seu campo de visão, os stories já são de outro @. Então, ele retrocede até alcançar o @l.matoso. Antes de chegar a ver

**9h: [foto - TV da sala da casa de Marília]**

**#matandosaudade. @marilia\_dd,** o aparelho

escorrega ligeiramente de sua mão. Não cai sobre o seu rosto graças a um movimento brusco de resposta que faz

com que toque a tela... "Não! Não! Não! Droga!!!" O rapaz, inconformado com o que acaba de acontecer, leva a mão

à testa: "Não! Não! Não!" Soca o colchão incontáveis vezes, se debate na cama, coloca o travesseiro na cara para abafar

os gritos e, quem sabe, asfixiá-lo. Deseja sumir da face da terra... um buraco para se esconder... uma morte súbita...

qualquer coisa que o livre da situação. Não há, porém,

nada a se fazer. Uma chuva de , assim,

obriga-o a se levantar da cama. Caminha para fora do quarto, emitindo um "mãããããe", tão sonoro quanto um

rugido de leão. "Que é, menino? Tá vivo?". "qual é mesmo o número do dr. aurélio?"

## Resposta II

por Jennifer Adrielle Trajano Lima  
Texto escrito em resposta a música *History*, Chico César

Eu tô ligado que você me bloqueou no Insta

E quero saber da sua vida

Se já tá bem

Se tem alguém

Algum amor em vista

Quero saber se ama ainda

Boy, a vida é dorso que o destino mói

Nós somos pele e o desejo rói

No desatino também há amor

Boy, eu me pergunto por que tanto mói

Sim, há motivo pra bancar o herói

Pois eu queria e tu não se salvou

## Espumas que ficam

Joões Cabral De Lima

Sentada em seu quarto, naquele finalzinho de tarde, cuja suave brisa fazia balançar as laranjeiras do quintal, levando para dentro da casa, o cheirinho de suas flores que já haviam desabrochado. Dona Enezita estava entretida com um de seus trabalhos em bordados, aliás, preferia esta atividade muito mais do que tirar o costumeiro cochilo, e enquanto toda a casa ficava no silêncio

das barrigas saciadas do almoço, ela usava a linha e a agulha para traçar flores e pássaros.

Foi quando aquela habitual tranquilidade quebrou-se, sua neta mais nova entrou de mansinho no quarto – Oi, vó! Queria muito falar com a senhora – falou a jovem cujo nome era Betina.

– Pois chegue mais perto, minha querida, acredito que você deseje ter um particular comigo. Logo cedo notei que você queria conversar, mas os seus irmãos e primos naquela algazarra da chegada, não deram descanso – falou a idosa, ao mesmo tempo em que punha de lado os seus afazeres.

– Pelo visto, nada escapa da senhora, mas é isso mesmo, queria muito lhe pedir um favor e como sei que a senhora é reservada quando se trata da história de seu namoro com o meu avô, gostaria de saber se poderia me dar mais detalhes sobre o que aconteceu na época.

– E por que você quer saber o que todos já sabem? – perguntou Dona Enezita, observando o acanhamento da neta.

– Bem, é que eu gostaria de escrever sobre essa história, sempre achei bonito como tudo aconteceu, mas acredito que muita coisa ficou de fora do enredo que o povo todo conta e que talvez a senhora pudesse me falar mais, pois é uma história de amor muito linda.

– E o que faz você pensar que é uma história de amor? – Quis saber a idosa.

– Ora essa, minha vó, e como não haveria de ser, pois tem todos os elementos que uma história de amor exige, a começar do casal que se ama, seguido por um mal entendido, a reconquista de um coração partido e o perdão final, com direito a casamento e tudo.

– Um casal que se amava, seguido por um casal que passou a se respeitar sem o mesmo amor arrebatador de antes e por fim, um mal entendido que foi resolvido com uma resposta bem empregada para ver se realmente havia amor no coração safado do outro, neste caso, do seu avô.

– Como assim, “resposta bem empregada”, o que a senhora fez? Afinal, meu avô não era inocente?

– A inocência dos anjos nunca passou perto da sombra de seu avô, mas o povo prefere manter a ilusão do conto de fadas, do Romeu e da Julieta do

nordeste, sem contar que isso inspirou certo recato e força nas jovens de muitas famílias da época, tendo me decidido a romper o noivado e a me mostrar como moça honrada, além do fato de ter invadido o Bordel com uma espingarda.

– E qual o problema em ser forte e honrada, minha avó?

– Nenhum, mas depois que tudo aquilo aconteceu, percebi que era uma burra por me guardar para uma pessoa que havia me traído, jamais deixei de ser forte, mas quanto a ser honrada não posso falar o mesmo, por isso mencionei a tal “resposta bem empregada”, pois foi ela que dei a seu avô, depois que ele me enviou a tal carta, que muita gente faz questão de louvar como a oitava maravilha do mundo.

– E que resposta foi essa? – Quis saber a neta um tanto chocada com as palavras de sua avó. Foi então, que Dona Enezita abriu a gaveta de sua penteadeira e de lá retirou um porta joias. Do fundo falso da caixa aveludada, ela tirou um papel já um tanto amarelado que a avó fez questão de entregar para ela.

– Leia, em voz alta! – Falou Dona Enezita.

– “Você fala que errou e que tudo foi um momento de cabeça doida, coisa que homem faz sem pensar e que me pede perdão, pois bem, me deixe te falar uma coisa, também errei quando te conheci, mas depois que você me envergonhou e me humilhou, fiquei de cabeça doida, coisa que mulher faz quando ganha um par de chifres, mas sou sincera em te dizer, ainda te amo, mas como sou educada e generosa, retribuo o presente que você me deu em dobro, te perdoo se você também me perdoar e se você não quiser ficar com a fama de corno, sugiro que mantenha o silêncio,  
Da sua querida Nezinha.”

Percebendo o silêncio da neta logo após a leitura, Dona Enezita tratou em puxar assunto: – E então, minha neta, o que você achou?

– Não era o que eu esperava em relação à uma história de amor!

– Com toda certeza não serve para um conto de fadas, mas para uma boa história nos moldes do Nelson Rodrigues, ela é perfeita, sugiro omitir o nome das pessoas implicadas e o lugar, mas não poupe na sordidez e fogo entre

quatro paredes, afinal, estamos falando da vida real – Encerrada a conversa, Betina saiu do quarto, despedindo-se da avó com um suave beijo na testa da anciã, logo em seguida, Dona Enezita voltou a trabalhar em seu bordado. O cheirinho de flor de laranjeira tomava todo o quarto, suave e calmante, reminiscências, então, começaram a ocupar sua mente, lembranças de sua juventude, de uma paixão momentânea que nascida da desavença com o seu atual marido, e assim, ela se permitiu um sorriso malicioso, enquanto bordava as flores e os pássaros.

### **Resposta III**

por Joel Guedes de Sousa  
Texto escrito em resposta a música *History*, Chico César

Eu tô ligado que você visualiza meu history

Confesso que tô gamado no seu history

Quer saber da minha vida

Quero saber de tudo que te envolve

A todo instante

Só penso em você

Se eu tô bem

Se você tá bem também quero saber

Se eu tenho alguém

Se você tiver alguém

Algum amor em vista

Não me importo

Quer saber se eu amo ainda

Pois saber se você me ama é tudo

Boy, a vida é um osso que o destino rói

Girl, a vida é uma floresta devastada que o destino reconstrói

Nós somos carne e o desejo dói

Somos a cinza que o vento leva

No desatino também há amor

Sim, em meio à devastação te encontrarei

Boy, eu me pergunto por que tanto mói

Girl, eu te respondo que existe reconstrução

Não há motivo pra bancar o herói

Quero ser teu príncipe sem intenção

Quando eu queria tu não me salvou

Quero fazer amor após teu perdão

## **Defeito foi o casamento**

por Lya Oliveira da Silva Souza Parente  
Texto escrito em resposta a música *History*, Chico César

Cansei dessa vida santa, sai de mim

O que eu sentia já chegou ao fim

Defeito foi o casamento

Esse filho que espero, foi da bagaceira

Folia que dá e não passa, efeito saideira

No bordel faço épicas



Gosto é de fumar

Errou, e eu não vou conceder o meu perdão  
Já não aceito tanta humilhação  
Pelejo pra não cuspir fogo  
Nem dinheiro e ouro, vão me satisfazer  
Não venha com mil palavras pra me convencer  
Deixe de cinismo, ator  
não aguentava, só comia ovo

E agora estou esperta, amor  
Feche essa porta aberta, amor  
Aproveita e desinfeta, amor  
Liberdade irei aproveitar.

## **Resposta IV**

por Maria Betânia Peixoto Monteiro da Rocha  
Texto escrito em resposta a música

Caro,

Sempre admirei sua versão artista. Seus quadros em cores primárias. Suas esculturas minimamente concluídas. Suas letras, suas melodias. E não é que a paixão cegue, ela cega, estou de acordo, é que você é bom no corpo do artista. Você é bom na carapaça. Você é perfeição na segunda pele, no segundo olhar, no segundo desejo, no segundo gesto, no segundo jeito de falar.

Mas há um segundo que não lhe pertence: o do tempo. E quanto mais ele passa, mais ele leva.

Mesmo que seja, você, o senhor da manipulação, não há no mundo o que não pereça. Todos os seus segundos desabaram, conheci suas vivas carnes. Estavam em estado de imperfeição. Já não havia paixão, o tempo levou. Em seu lugar, um amor profundo e permissivo. Ele disse sim à sua ausência, ao seu egocentrismo, à sua mentira. Não lhe salvei? Não me salvei.

E se retorno agora, do mundo dos que morreram para si, e dou uma navegada no seu perfil, não é para sustentar uma curiosidade macambúzia. Não tenho interesse em conhecer sua terceira pele, apenas quis testar o impacto de sua imagem. E quer saber? Não sou mais o seu boy, a vida é osso que se reconstrói, e não haverá mais desatino no meu destino, só amor.

Bye.

## **Prova nº1 - Direct enviado pelo réu uma semana antes do ocorrido**

por Plínio Rógenes de França Dias  
Texto escrito em resposta a música *History*, Chico César

ângela, não gela comigo

não ligo pro que cê faz

mas me responde, não tô em paz

eu vi um story seu

e eu senti que não tá tudo bem

te conheço: tu tá com alguém.

ângela, porque não posta uma foto desse boy?

Ói que nossa história ainda não acabou

ângela, tu tá segura? tua alma é pura  
precisa de proteção

## **Eu: uma história depois da música**

por Thiago Guilherme Calixto  
Texto escrito em resposta a música *History*, Chico César

Não vou me enganar, ainda acho que existe algo não resolvido entre nós. **Eu** ainda gosto de você, por mais que **Eu** tenha errado, sei que meu sentimento por você continua sendo maior do que qualquer erro, foram anos juntos, passamos por muita coisa, não é justo terminar assim, como se fosse um namorinho qualquer, tu acha isso justo? Não tô fazendo miúdo, só não posso ser injusto comigo, com o meu sentimento, já me calei demais, deixei de falar muita coisa que deveria ter dito na tua cara. Meu silêncio nasceu do medo de te perder, **Eu** não resistiria, e olha o que aconteceu, te perdi, adiantou alguma coisa? Parece que nada que **Eu** fiz serviu, tudo foi irrelevante, amor de plástico, igual sacola de supermercado. Agora me fala, como tu ainda ousa dizer que **Eu** estou moendo isso? Se ainda não faz nem um mês que terminamos e você tá aí... Parece que nada aconteceu, tá super de boa, já deve tá é em outra inclusive, conversando com uma fila de macho, tu não sente remorso não? **Eu** não represento nada pra você? Por que você não me respeita? Respeita nosso passado e nosso sentimento. Sabe o que descobri segunda-feira? Que uma semana depois do término, você já estava numa festa ficando com um penca de macho, e tu teve coragem de me falar que tinha ido só pra desopilar com os amigos, tu não tem vergonha não? Além de ingrato é mentiroso. Tu ficou e não só isso, se arrastou por aquele cara lá, que vergonha. O que eu podia esperar de você depois do que vi no seu celular, **Eu** fiquei sem chão, porque **Eu** podia até ter uma leve desconfiança pelo seu jeito puta de ser e pelo seu passado, mas quando vi, no seu WhatsApp vários nudes de um cara falando

que queria te pegar, fiquei tão chocado que não conseguia nem falar, **Eu** te amava tanto, mais tanto, que preferi fingir que nada daquilo estava acontecendo. Imagino as atrocidades que você deve ter feito nas suas viagens repentinas para São Paulo, sei só das mentiras que me contou, difícil alguém como você ficar segurando vela pra alguém em zona de pegação. Olha, não sei, **Eu** gosto muito de você, mas não é fácil te amar, você não facilita pra mim, é sempre olhando pra os caras que estão a nossa volta, sempre flertando com Deus e o mundo, e ainda têm coragem de me falar que está só olhando, vai se fuder, olhando? Pensa que **Eu** sou trouxa é? Depois vêm falar que **Eu** fico moendo, seu filho da puta. Você não merece o amor que **Eu** tenho por você, e ainda vêm falando como se fosse vítima, pensa que **Eu** esqueci delas conversas com o cara da padaria? Só tínhamos duas semanas de namoro, F foi o meu primeiro perdão, como me arrependo. É impressionante, tu ainda se faz de vítima e diz que **Eu** não te salvei, Eu? Tu tem certeza disso? Então vamo lá, lembra naquele dia do supermercado? Pronto, não preciso dizer mais nada. Lembra das contas de janeiro? Lembra do exame da bexiga? Lembra dos almoços no intervalo do trabalho? Lembra da cama quebrada? Da internet ruim? Do problema no chuveiro? Do acidente do cachorro? Lembra da emergência com sua tia? Lembra da passagem pra SP? Lembra da reforma do quarto? Lembra da calça furada? Lembra... Fui **Eu, Eu, Eu, Eu, Eu, Eu, Eu...** que estava lá. E tu ainda vêm dizer que eu não te salvei, você que me condenou a esse amor doentio, estou cansado das suas migalhas. E se você quer saber, a verdade, **Eu** vejo sim seu story, todo santo dia, qualquer coisa que você posta, **Eu** olho tudo, fico esperando alguma indireta pra mim mas não chega nada. Mas saiba que não é só isso, vejo também seu twitter, seu facebook, seu e-mail, vejo tudo, sei de tudo, e olha que não passei na tua cara nem metade do que vi, entrei até onde não devia. Aí encontrei: Matheus, Lucas, Elison, Joel, Marcelo, Eduardo, Gustavo, Pedro, Alberto, Marcos, Elivelton, João... E esses são só os que **Eu** consegui ver até agora, eu descobri tudo, não tem mais saída pra você, acha que vai continuar me enganando? Ah não vai mesmo, **Eu** sei

que você transou com o filho da puta do Marcelo, seu merda, ele era meu amigo, por que tu fez isso em? Até Gustavo, como pode tu dando em cima dele, que vergonha. Ainda bem que ele é melhor do que você. "Aí, Pedro, estou com saudade do seu beijo", um dia depois de ter terminado comigo seu merda, tu é merda, é isso merda. Na verdade, tu não vale a merda que sai do teu cú, lixo, porco, resto de tudo que não presta. Agora me fala porque tu se mudou em? **Eu** descobri onde você tá morando, não foi nem difícil, estava fugindo de quem? De mim era? Como se **Eu** não fosse te encontrar, como se **Eu** não fosse atrás de você até no inferno, tu destruiu minha vida, lembra de como **Eu** era feliz antes de te conhecer, lembra como as coisas estavam dando tão certo pra mim, mas depois de tu, descí como se estivesse numa ladeira, um problema atrás do outro, não tenho mais vida, você me transformou em um nada. Estou usando um monte de remédio, saí de casa hoje, depois de sei lá, do dia que você terminou comigo. Mas me fala, qual foi a inspiração pra você pintar sua sala de verde? Queria paz é? Aqui sempre faz esse calor mesmo? Você deixa sempre a janela aberta por isso? Ei, tem visita em casa, olha **Eu** aqui, bem aqui atrás de você. Vamo fazer um story juntos?

Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, doze, treze... Trêmula D. Augusta, vizinha da frente contou o barulho dos disparos, percebe que foi muito próximo, abre a porta bem devagar, depois de ter conferido por uma pequena brecha que não havia ninguém, encontra a porta do 202 aberta, chamou seu vizinho, um jovem que tinha chegado a pouco tempo, ninguém respondeu, teve medo de avançar, até que viu uma enorme poça de sangue vindo do quarto, não deu mais nenhum passo sequer, mesmo em choque desceu as escadas sem tropeços nem um vez, bateu na porta do 101, ligou para a emergência, para a polícia, aflita assistiria mais tarde enquanto almoçava as cenas de mais um crime passionai.

# ATROP PORTA

POR CRISTINA ROTHIER

SENTADO NO CHÃO COM MEUS BRINQUEDOS  
ESPALHADOS,  
VIA UM SENÃO QUE SE IMPUNHA SOBRE MIM,  
CONVIDANDO-ME A ULTRAPASSÁ-LO.  
ERA ENORME E SEDUTOR  
MAMÃE DIZIA QUE ERA PERIGOSO LÁ FORA.  
HOJE DO LADO DE CÁ,  
POR VEZES, VEJO-ME PELO AVESSE,  
MAS, NÃO FOSSE A TRAVESSIA  
VER-ME-IA ATRAVESSADO.

AO CONTRÁRIO DA PORTA-PALAVRA, A PALAVRA-  
PORTA NUNCA SE FECHA, ELA ESTARÁ SEMPRE  
ABERTA,

# PALAVRA FECHADA

VOLTE QUANDO QUISER. SEMPRE ABERTA.

